

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA,
POLÍTICA E BENS CULTURAIS (PPHPB)

MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS
E PROJETOS SOCIAIS

EX-VOTOS, PROMESSAS E MILAGRES:
UM ESTUDO SOBRE A IGREJA NOSSA SENHORA DA PENNA

Mestranda : Maria da Graça Coutinho de Góes

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Almeida Kornis

Membros da banca:

Profa. Dra. Beatriz Catão

Profa. Dra. Letícia Borges Nedel

Profa. Dra. Helena Maria Bomeny Garchet (suplente)

Rio de Janeiro

Março de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Maria da Graça Coutinho de Góes

**EX-VOTOS, PROMESSAS E MILAGRES:
UM ESTUDO SOBRE A IGREJA NOSSA SENHORA DA PENNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro
26 de março de 2009

GÓES, Maria da Graça Coutinho de

Ex-votos, promessas e milagres: um estudo sobre a Igreja de Nossa Senhora da Penna/ Maria da Graça Coutinho de Góes. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2009. 140 p.

Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), Rio de Janeiro, 2009. Ilustr.

1. Igreja de Nossa Senhora da Penna (Rio de Janeiro, RJ). 2. Ex-votos. 3. Milagres. 4. Promessas, Prática de. 5. Religiosidade.

CDD 246.55

Fundação Getulio Vargas - RJ
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC
Programa de Pós Graduação em História, Política e Bens Culturais – PPHBC
Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais

**EX-VOTOS, PROMESSAS E MILAGRES: UM ESTUDO SOBRE A IGREJA
NOSSA SENHORA DA PENNA**

Mestranda : Maria da Graça Coutinho de Góes

BANCA EXAMINADORA

Profa.Dra. Monica Kornis – CPDOC/ FGV-RJ (Orientadora)

Profa. Dra.Letícia Borges Nedel – CPDOC/ FGV-RJ

Profa.Dra. Beatriz Catão Cruz Santos – UFRRJ/DHE

Profa.Dra Helena Bomeny – CPDOC/ FGV-RJ (Suplente)

Dedico esta dissertação a meus pais, em memória
A minha mãe Vanda que partiu cedo, mas que tudo me ensinou.
A meu pai Afrânio que me iniciou na pesquisa e despertou em mim o amor aos livros e
à leitura

Ao meu Fred, companheiro, melhor amigo, amante e marido da vida toda.
A minhas filhas Micaela e Georgiana, fruto de um grande amor e que tanto me
orgulham.

Agradecimentos a:

Maria Augusta Machado da Silva, pelo carinho, disponibilidade e generosidade na doação de grande parte do material de pesquisa.

Monica Kornis pela orientação e pelos toques e retoques.

Beatriz Catão pelas indispensáveis orientações bibliográficas.

Letícia Borges Nedel pelos caminhos a seguir.

Helena Bomeny pela indicação de Marcel Mauss.

Aos meus professores do mestrado pelas maravilhosas aulas que me conduziram a universos ainda não percorridos: Ângela Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi; Fernando Lattman Weltman ; Helena Bomeny; Letícia Borges Nedel; Lucia Lippi; Verena Alberti e Vitor Fonseca.

E a Eduardo Portella que me presenteou com o primeiro livro sobre ex-votos

“...retalhos de histórias individuais, diversas - das quais não se sabe o início, tão pouco o fim, apenas o meio - em alinhavos de fé que se eternizam em ex-voto”.

Janaína Bêta

RESUMO:

O presente trabalho discute a questão dos ex-votos, promessas e milagres, e as características desta prática religiosa tendo como foco a Igreja de Nossa Senhora da Penna, uma das mais antigas do Brasil. Esta igreja reúne exemplares das diferentes categorias de ex-votos que são analisadas na presente dissertação. A história da igreja e seus arredores; a criação das irmandades; e a sua importância junto aos devotos são também objeto de reflexão.

Palavras chaves: Igreja de Nossa Senhora da Penna; ex-votos; promessas; milagres; religiosidade; irmandade; santuário; devoto.

Abstract:

The present dissertation deals with the religious practice, ex-votos or miracles focusing the Church of Nossa Senhora da Penna, one of the ancient churches of Brazil. This church keeps different kinds of examples or categories of ex-votos that are analysed in the present paper. The church's history and its surroundings; the creation of the religious order and its representation for the devotees are also considered.

Key words: Church of Nossa Senhora da Penna; ex-votos; miracles; religiosity; religious order; sanctuary; devotee.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Páginas

Morro da Pedra do galo, ao alto a Igreja Nossa Senhora da Penna. Desenho dos franceses Luis Bouvelot e Auguste Moreau,1845.-----	68
Vista atual da área em torno da Igreja, com prédios da Barra da Tijuca ao fundo-----	69
Igreja Nossa Senhora da Penna, frente e lado-----	73
Plantas da Igreja Nossa Senhora da Penna -----	73
Igreja Nossa Senhora da Penna, pinha de cerâmica-----	74
Casa dos romeiros, antigo local, hoje salão de festas-----	74
Relógio de sol-----	75
Corredores laterais -----	75
Altar da Igreja Nossa Senhora da Penna-----	76
Altar da Igreja Nossa Senhora da Penna visto do coro-----	76
Abóbada da nave central da Igreja de Nossa Senhora da Penna -----	76
Painéis de azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Penna -----	77
Painel de azulejo (interrompido) e púlpito da Igreja de Nossa Senhora da Penna----	77
Coro e paravento e vitraux do séc. XX da Igreja de Nossa Senhora da Penna-----	78
Imagem da Virgem do altar da Igreja de N. Sra da Penna-Intervenção em 1870-----	78
Imagem da Virgem do altar da Igreja de N. Sra. da Penna-Restauração em 2008-----	78
Painel de azulejo (danificado) da Igreja de Nossa Senhora da Penna-----	78
Antenas de rádio e celular-----	79
“Corredores de milagres” da Igreja de Nossa Senhora da Penna -----	80
Ex-voto-Cruz deixada no canto da igreja da Penna no dia da festa-----	81
Armário dos ex-votos cênicos e as tábuas votivas -----	83
Ex-voto cênico do século XVIII, 1784 (Detalhe da peça)-----	83
Ex-voto cênico atribuído ao século XVIII (e detalhes da peça) -----	84
Ex-voto cênico do século XIX, 1811-----	86
Ex-voto cênico do século XIX 1829-----	86
Ex-voto cênico do século XX, de 1919-----	87
Tábua votiva de João de Carvalho Brito-----	88
Tábua votiva de Simpliciano Telles-----	89
Tábua votiva de Maria Thereza-----	89

Tábua votiva de Fran. Telles Barboza Noronha-----	90
Tábua votiva de França das xagas -----	90
Imagens de N. Sra da Penna de papier maché-----	91
Imagens de diversos santos doadas por fiéis-----	92
Peças da vida cotidiana: beca de formatura; uniformes militares e jaleco médico.-	93
Peças da vida cotidiana: Rede de pescar; aparelhos ortopédicos; quepe com texto de agradecimento outros quepes e fardas; -----	94
Roupas de bebê ensacadas e cabelo de criança -----	94
Representações corporais: Joelho de parafina e peças com bilhete-----	95
Estante com peças de cera e bilhetes e estoque para venda na Penna-----	96
Mensagens textuais e fotográficas.(bilhetes,foto mulher e foto criança)-----	97
Pia de ágata e pia batismal de mármore-----	98
Oratório do séc. XVIII -----	99
Crânio de José Roiz de Aragão-----	99
Fonte milagrosa-----	102
Igreja Nossa Senhora da Pena no primeiro domingo do mês Saída da missa.	
Foto de Augusto Malta em 3 de Abril de 1932-----	112
Festa da Igreja de Nossa Senhora da Penna - Toldo com altar externo à igreja-----	121
Cartaz do Vicariato de Jacarepaguá e fiéis subindo a ladeira no dia da romaria----	123
Andor carregado pelas mulheres e membros da irmandade-----	123
Estandartes de Nossa Senhora da Penna usados na procissão-----	125

SUMÁRIO

	Páginas
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I :	
ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE NA SOCIEDADE BRASILEIRA 24	
1.1 Abalos e reações no seio da Igreja.....	24
1.2 Culto aos santos e as promessas.....	25
1.3 A catequese	29
1.4. Sociabilidade e costumes	31
1.5 As romarias e os ex-votos.....	33
CAPÍTULO 2 : OS EX-VOTOS	37
2.1 O que são ex-votos?.....	37
2.2 Tipologia e particularidades.....	40
2.2.1 Especificidade dos ex-votos cênicos.....	46
2.3 Ações votivas.....	52
2.4 Para além da devoção: representações, apropriações artísticas e científicas e relatos sobre os ex-votos.....	56
2.5 Ex-votos enquanto patrimônio cultural.....	60
CAPÍTULO 3 - A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENNA 65	
3.1 ORIGEM E HISTÓRIA.....	65
3.2 LOCALIZAÇÃO E A HISTÓRIA DA REGIÃO.....	67
3.3 ARQUITETURA	73
3.3.1 Disposição das partes arquitetônicas e decoração.....	73
3.3.2 Tombamento e restauração.....	77
3.4 EX-VOTOS E PEÇAS DO ACERVO DA PENNA.....	80
3.4.1 Ex-votos da Penna.....	80
3.4.1.1 Os ex-votos cênicos e as tábuas votivas da Penna.....	81
3.4.1.2 Ex-votos da imaginária	90
3.4.1.3 Peças da vida cotidiana.....	92
3.4.1.4 Ex-votos com representações corporais.....	95

3.4.1.5 Mensagens textuais e fotográficas-----	96
3.4.2 Acervo da Penna-----	98
3.5 O CULTO MARIANO E OS MILAGRES DA PENNA-----	100
3.5.1 A devoção-----	100
3.5.2 Os milagres da Penna-----	101
3.6 A CRIAÇÃO DE IRMANDADES E O CASO DA PENNA---	105
3.6.1 As organizações leigas-----	105
3.6.2 A Irmandade da Penna-----	108
3.7 SANTUÁRIOS E O CASO DA PENNA -----	112
3.7.1 Definição e Características-----	113
3.7.2 O caso da Penna-----	115
3.8 A FESTA RELIGIOSA E O CASO DA PENNA-----	118
3.8.1 A festa religiosa-----	118
3.8.2 A festa da Penna-----	119
3.8.3 As promessas da Penna-----	126
CONCLUSÃO-----	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	133

INTRODUÇÃO

A religiosidade no Brasil está presente em nossa sociedade desde os tempos coloniais, por influência do poder exercido pela Igreja durante o processo de colonização. Entretanto, pode ser claramente constatada a diminuição crescente do percentual de católicos no conjunto da população e a perda de hegemonia do catolicismo.

Observa-se que o número de adeptos ao catolicismo não acompanhou o crescimento populacional, sobretudo a partir da segunda metade do século passado, quando já revela uma progressiva redução de fiéis, apesar de ainda envolver mais da metade da população brasileira. Foi, entretanto, um dos países com maior índice de católicos do mundo, considerando-se sua extensão territorial.

Segundo Pierre Sanchis¹,

a Igreja Católica está perdendo o seu caráter de definidor hegemônico da verdade e da identidade institucional no campo religioso brasileiro. Tendo já perdido o monopólio nesse campo quando da separação da Igreja e do Estado vê agora posta em jogo sua hegemonia.

De acordo com o artigo de Teixeira², referindo-se aos dados colhidos pelo IBGE em 2000, a porcentagem de católicos declinou bastante a partir dos anos 1980: 90% em 1980, 83,3% em 1991 e 73,8%, em 2000. Segundo ele, “o censo de 2000 não revela apenas fissuras na tradicional hegemonia católica, mas indica também o crescimento dos evangélicos e dos "sem religião", que alcançaram, respectivamente, índices de 15,4% e 7,3% da população brasileira.”

Apesar dessa perda de hegemonia da Igreja católica, como afirma Pierre Sanchis, as práticas religiosas do catolicismo estão ainda muito presentes no país.

Tratamos nesta dissertação da prática das promessas exercida no catolicismo do tipo popular, tema bastante controverso, que abrange uma enorme variedade de

¹ SANCHIS, Pierre, O Repto Pentecostal à Cultura Católico-brasileira. *Revista de antropologia*. São Paulo, USP, n.37, p.148, 1994.

² TEIXEIRA, Faustino. O Catolicismo no Brasil: breves reflexões. *Revista USP*, n.67, p. 14-23, set/nov., 2005.

fenômenos, que podem estar em desacordo ou seguir o que é ditado pelo magistério oficial, que compreende os ensinamentos formulados pela camada dirigente da Igreja. Estas tradições religiosas relacionadas ao catolicismo popular criam tensões com a hierarquia da Igreja, pois misturam os princípios da doutrina apostólica romana com os mais diferentes credos oriundos de várias procedências.

A religiosidade popular é um assunto que suscita inúmeras questões e tem sido objeto de pesquisa em diferentes campos. Não nos cabe aqui analisá-la, pois desviaríamos nosso foco de interesse. Ao nos referirmos à questão da religião popular no Brasil, consideramos o conjunto das crenças e dos gestos próprios da religiosidade da maioria. Mas, julgamos oportuno expor algumas opiniões a respeito.

Citada por Fernandes³ em seu artigo, Chauí observa,

Um atributo costuma ser invocado para caracterizar as “religiões populares”: seriam “extra oficiais”, fora do controle e da regulamentação das autoridades instituídas cultivadas pelos “leigos” em oposição à religiosidade clerical.

Fernandes⁴ também analisa, nesse mesmo artigo, a natureza do conceito:

[...] “ não é “um termo nativo”. Ninguém se define como praticante da “religião popular”. As pessoas se dizem “católicas”, “evangélicas”, “espíritas”, “umbandistas”. Em conseqüência, há quem diga com ironia que essa é uma expressão própria à fala dos intelectuais. Seria entre eles, ou a partir das suas iniciativas, que “ a religião popular” ganharia existência e faria história. [...] Embora não seja “nativa” a expressão também é alheia ao seu objeto. Oscila entre a acusação e a louvação.[...] Pertencendo às relações “elite e povo” implica as identidades do sujeito e do objeto do discurso.[...] Deixa sempre em dúvida sobre quem afinal se está falando. Sobre eles, sobre nós mesmos? Certamente, sobre eles e sobre nós mesmos, a um só tempo.

Podemos perceber algumas características do catolicismo dito popular, segundo Cordeiro⁵:

O leigo⁶ ocupa papel central, o especialista, papel secundário; há uma perda relativa da importância do sacramental frente ao devocional;

³ CHAUI, Marilena. Notas sobre cultura popular. *Arte em revista*, 3, 1980. Apud. FERNANDES, Rubem Cesar. *Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente*. BIB, v.18, p. 4, 1984.

⁴ FERNANDES, Rubem Cesar. *Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente*. BIB, v.18, p. 3- 4, 1984.

⁵ CORDEIRO, Antonio Clerton. O catolicismo popular no Brasil. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/religiao/catolicismo.htm>. Acesso em: 8 de janeiro de 2009.

⁶ Leigos para a Igreja Católica são os membros que não são ordenados, isto é que não receberam o sacramento da ordem. Os que recebem o sacramento da ordem são os bispos, os sacerdotes (presbíteros), e os diáconos. Incluindo-se nesses grupos os que não sendo ordenados, são membros de ordens e congregações religiosas, habitualmente designados por irmãos, frades, irmãs, freiras.

verifica-se uma manipulação do sagrado com finalidades pragmáticas; por consequência, é sensível uma diferença entre religião e magia - a religião importa uma transcendência, a magia conota imanência.

Consideramos, entretanto, que uma das mais importantes características do catolicismo popular é o culto aos santos, que estabelece uma estreita relação entre este fenômeno e a prática das promessas. Foi esse culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios⁷, capelas ou ermidas de beira de estrada ou santuários.

O catolicismo de caráter popular veio para o Brasil com os colonos lusitanos. Neste contexto, os santos, representados também por imagens - objetos sagrados, de variados tipos, tamanhos e procedências - sempre ocuparam um lugar de destaque na vida da população. A imagem representativa de cada santo é um elemento concreto de ligação entre o devoto e seu orago, no momento de evocá-lo em suas preces.

Os santos representavam para os devotos a existência de um poder especial e sobre-humano. Estabelecia-se uma estreita aproximação e familiaridade entre eles e um elo de confiança e proteção diante das incertezas da vida e da busca da salvação eterna.

A devoção, este sentimento religioso dedicado a Deus e aos santos, é o que move o crente a demonstrar, em atos e ações de especial veneração, sua disposição afetiva de adoração, utilizando-se dos ex-votos como objeto de agradecimento a ser oferecido aos santos prediletos.

O ex-voto, termo erudito de origem latina, para designar o que popularmente se conhece como promessas ou milagres, utilizado para o cumprimento ou pagamento de graças alcançadas, é uma demonstração de fé e de apelo ao sobrenatural.

Os ex-votos entregues em templos religiosos ou locais sacralizados fazem história, criam memória e ilustram as mentalidades coletivas. São também testemunhos da convivência entre o humano e o sagrado e do sincretismo religioso, característica marcante na formação da sociedade brasileira, em virtude da miscigenação e da diversidade de nossa formação.

Discutimos nesta pesquisa as noções de ex-voto, promessa e milagre, procurando entendê-las num universo mais amplo no qual se inserem variadas

⁷ A população apegava-se aos símbolos religiosos e os oratórios tiveram grande importância, tornando-se peça fundamental dentro de uma casa. Por conta disso, havia uma grande variedade de modelos e tamanhos, inclusive pequenos para serem transportados pelos tropeiros ou durante combates. Nas ruas das vilas e arredores, as capelas, ermidas e santuários tornaram-se os principais centros de devoção popular.

expressões materiais de formas de agradecimento, além das tradicionais e mais conhecidas, incluindo ações votivas e outras representações. Quando se fala em tradicionais, procura-se dizer dos ex-votos clássicos que, artisticamente, apresentam formas escultóricas e pictóricas. Exemplos mais clássicos são as cabeças, os braços, pernas etc., de madeira, barro ou de parafina, as tábuas votivas e os ex-votos cênicos encontrados nos santuários e salas de milagres.

Os ex-votos cênicos, por exemplo, são objetos de grande relevância histórica, uma vez que retratam diferentes momentos da sociedade por meio de desenhos ou a pintura de uma cena que o devoto deseje demonstrar. É possível, portanto, perceber uma dimensão informativa sobre a vida, os costumes e o vestuário de épocas passadas. Quando o pintor dos quadrinhos votivos não tem a oportunidade de reproduzir a cena pela observação direta para elaborar a encomenda, ele coloca elementos pertinentes às suas referências. É evidente que nada impede que o pintor utilize sua imaginação e coloque aspectos pessoais e elementos decorativos, muito embora haja uma intenção explícita de representar o acontecimento da maneira mais fiel possível.

O tema ex-votos, promessas e milagres é bastante amplo. Optamos, portanto, em fazer um recorte em nossa pesquisa, elegendo como objeto de estudo a Igreja de Nossa Senhora da Penna, localizada em Jacarepaguá, por tratar-se de um local de devoção pouco conhecido e com escasso material publicado a respeito.

A Igreja de Nossa Senhora da Penna oferece um manancial religioso bastante curioso, por se tratar de uma Igreja construída no século XVII como pagamento de promessa, constituindo-se ela própria em um ex-voto, onde estão reunidos diferentes objetos ou oferendas de devoção. Resguarda algumas relíquias ofertadas pelos fiéis desde os tempos coloniais, e ainda mantêm a prática da oferta em atividade.

Já em 1723, o padre Agostinho de Santa Maria⁸ constatava a presença da fé depositada na pequena capela de Nossa Senhora da Penna de Jacarepaguá, como atesta o texto a seguir, na grafia original da monografia inédita de Rohan⁹:

⁸ Frei Agostinho de Santa Maria (1642-1728) ou Manuel Gomes Freyre de Andrade compôs diversas obras e traduziu outras do latim, espanhol e italiano. A sua obra mais notável é o Santuário Mariano onde recolheu todas as tradições referentes ao culto de Nossa Senhora nos diversos templos nacionais e da diáspora. Disponível em: <http://www.cm-estremoz.pt/pt/conteudos>. Acesso em 13 de abril de 2008.

⁹ SANTA MARIA, Agostinho, Frei. Santuário Mariano, 1723, p. 196. Apud. ROHAN, Amadeu Beaurepaire. *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna*. 1946. p. 18-19.

[...] na area que se faz o seu cume, sê vê o Santuário de Nossa Senhora da Penna.[...] Obra esta senhora muytos milagres & maravilhas e assim hé freqüentada a sua Casa de romagens não só dos moradores circunvisinhos mas muytos distantes & ainda dos do Rio de Janeiro, todos vão a impretar da Senhora o remédio de seus trabalhos & necessidades & as paredes daquella casa estão dando testemunho de suas maravilhas, nas várias memórias que se vê presas, como o são as mortalhas, os quadros e sinais de cera.”

Por estar em local silencioso, no alto de um penhasco, a Penna favorece a uma maior introspecção. Padre Henrique,¹⁰ capelão da Igreja da Penna e com residência oficial no local, assim se refere a essa situação geográfica onde está localizada a Igreja: “Aqui em cima é realmente um lugar especial, próprio para meditar, pensar na vida e rezar.”

As características deste templo são de um santuário, reconhecido socialmente como tal, apesar de não ser considerado oficialmente pela Cúria. Os critérios para um local sagrado receber o título de santuário serão um dos aspectos examinados neste trabalho.

Partindo de questões referentes à religiosidade e a suas formas de expressão - seus símbolos e valores instituídos -, pretendemos analisar a Penna como um templo de contemplação e fé por meio das formas materializadas que a constituem. Busca-se, assim, relacionar o geral e o particular em uma forma de religiosidade e expressões culturais e artísticas presentes no cotidiano de uma determinada população de um país, que traduz em crenças, medos, desejos e esperanças seus apegos espirituais e apelos sobrenaturais. Há que se afirmar que o estudo de caso aqui proposto aborda ao mesmo tempo a universalidade e a especificidade de um espaço religioso, exigência requerida pelo próprio tema religiosidade. Soma-se a isso a explicitação de que, no nosso entendimento, a existência dos ex-votos refletem, e ao mesmo tempo, constituem o sentido do referido lugar como sagrado e depositário de objetos devocionais.

As referências que traduzem a importância das pesquisas sobre os ex-votos como elemento significativo da expressão cultural religiosa de uma população nos permite acreditar na relevância desse estudo. A existência de trabalhos sobre o referido tema, não nos parece ter esgotado a questão, em face das inúmeras discussões que o tema ainda parece suscitar.

¹⁰ MARTINS, Henrique Ney Soares, Pe.(Padre Henrique) Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Penna, 13 de junho de 2008.

Um conjunto de leituras sobre o Brasil colonial se fez necessária objetivando localizar o tema desde sua origem e em particular, a presença da religiosidade no cotidiano da vida da colônia, o culto aos santos, os atos de fé e a prática das promessas.

Do ponto de vista conceitual, o trabalho de Marcel Mauss¹¹ foi importante para o entendimento de questões ligadas à prática religiosa da oferta, considerando o conceito de dar e receber desenvolvido por ele.

Recorrendo a Mauss, observa-se que a dádiva, a troca, a reciprocidade é um dos fundamentos de toda sociabilidade e da comunicação humana, assim como sua presença se institucionaliza de forma diferente nos diversos grupos sociais existentes. Para o autor, o básico das sociedades, em todos os tempos históricos, é o intercâmbio e a dádiva. Dar, receber e retribuir são, para Mauss, três momentos distintos cuja diferença é fundamental para a constituição e manutenção das relações sociais. A troca, o escambo, a dádiva entre seres humanos é um costume usado nas diversas civilizações, desde tempos remotos, com propósitos diferenciados e em planos ou esferas distintos. Acontece entre o econômico e o ideológico, entre o real e o imaginário, entre o humano e o sagrado.

Estabelecemos, desta forma, uma relação com a prática dos ex-votos, que se caracteriza pela relação de reciprocidade proposta por Mauss, entre o humano e o sagrado, ou seja, entre o santo e o devoto.

A oferta dos ex-votos para o crente representa o pagamento de uma promessa em seu diálogo com Deus. Desta forma, podemos considerar que o hábito religioso da gratidão e da oferta diante de uma graça alcançada, aos santos prediletos ou às suas divindades, pode se caracterizar como uma troca de favores com o divino ou com o espaço sagrado. Os sacrifícios geralmente executados nas romarias e peregrinações; as homenagens, realizadas através das festas, novenas, cultos em louvor; confraternizações e comunhões; as ofertas; oferendas e ex-votos entregues em lugares sagrados são gestos simbólicos que o homem desenvolve com o divino numa relação de agradecimento, saldando débitos com seus oragos.

Dentre os autores que discutem o tema, podemos citar Meneses¹² na referência feita ao texto de Sanchis:

¹¹ MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro, Cosacnaify, 2003. p.185-233

¹² SANCHIS, Pierre. *Arraial: festa de um povo. As romarias portuguesas*. Lisboa, D. Quixote, 1983. p. 47- 48. Apud. . MENESES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996. p.90.

A promessa é a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um envólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia, a de troca. (...) Graças a estas trocas recorrentes, estabelece-se e mantêm-se uma solidariedade entre as duas sociedades, a humana e a divina, a da vulnerabilidade perante as forças destrutivas do cosmos e das paixões, e a que emerge na santidade: homenagens dolorosas, longas caminhadas a pé até o santuário, ou de joelhos em sangue, em volta da igreja ou da estátua, ou ainda, ofertas semi-rituais e sacrifício dos bens mais preciosos, substituídos hoje, muitas vezes, pelo seu valor em dinheiro. Em troca ganha-se um maior sentimento de segurança, uma certeza de proteção, uma presença do sagrado que acompanhará o desenrolar cotidiano da existência. Trata-se com certeza de uma verdadeira economia, graças a qual o mundo vive em paz e a vida continua.

Meneses¹³ faz também alusão à “economia da troca” referida por Marcel Mauss, ao observar sobre os penhascos em que se localizam algumas igrejas, como é o caso da Igreja da Penna. “Na economia das trocas entre devotos e a santa, subir até o topo do rochedo é uma das formas por excelência de sacrifício a ser doado”. Acrescenta ainda que¹⁴:

[...] as promessas, forma privilegiada de relacionamento com os santos, inscreve-se num sistema de troca de dons, ou, em outros termos, numa “economia religiosa do toma lá dá cá”. Em troca de proteção, de saúde, de abundância, de satisfação de um pedido particular, oferecesse ao ser divino a exaltação de sua glória através de gestos simbólicos. A festa é a forma mais recorrente de concretização dessa exaltação, momento privilegiado de se pagar promessas e de se pedir graças”. E ainda, trata-se das relações de reciprocidade definidas no *Ensaio sobre a dívida* de Marcel Mauss.

As despesas que os devotos têm com as ofertas à santa, com os gastos nas festas (comida, bebidas, roupas especiais, lembranças a amigos) enfim, o consumo em homenagem à santa, mesmo com sacrifício, é uma forma de expressar gratidão, pois quase todo o lucro reverterá em benefício do santuário. Desta maneira, os fiéis estão cumprindo suas promessas e, ao mesmo tempo, contribuindo para a manutenção daquele espaço sagrado. Podemos concluir que estas trocas são simultaneamente úteis e simbólicas, voluntárias e, simultaneamente, obrigatórias, interessadas e desinteressadas,

¹³MENESES, op.cit.. p. 90

¹⁴ FERNANDES, Rubem César . *Os cavaleiros do Bom Jesus. Uma introdução às religiões populares*. São Paulo, Brasiliense, 1988. Apud. MENEZES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996. p.89-90

mas que recompensam os devotos espiritualmente e são entendidos como um modo de relacionamento com os deuses.

A dádiva, o donativo e a oferenda produzem a aliança que pode atuar em vários campos, e entre diferentes camadas sociais. As alianças podem ser matrimoniais; políticas-- trocas entre chefes; econômicas; jurídicas; diplomáticas incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade e cordialidade não só na oferta dos presentes¹⁵ como também nas visitas, festas, confraternizações religiosas, nos sacrifícios, nas esmolas, nas rezas, nas promessas.

“Dar e receber é uma via de mão dupla”, como diz o ditado popular. É melhor que estes atos sejam equivalentes, mas, mesmo que o nível da troca, em alguns casos, seja desequilibrado, a intenção e o ato em si devem prevalecer.

Podemos isolar o aspecto econômico de uma troca, em se tratando das promessas, pois implicam não só em um intercâmbio material, mas também espiritual, uma forma de comunicação entre almas, entre o real e o sobrenatural.

As discussões sobre o tema surgem também no texto de alguns estudiosos como Scarano,¹⁶

[...] aos olhos humanos, o ex-voto é um legítimo e válido veículo de troca de bens e apresenta ainda outra variável: é uma paga, paga simbólica, feita por aquele que recebeu a graça. O pedido, ao partir do crente, ergue-se até a divindade, depois volta ao crente em forma de graça e ele paga a promessa feita, ofertando-lhe um ex-voto. Acredita que existe uma entidade propiciadora e está certo de que ela ouve seus pedidos e está disposta a responder-lhes e que a entidade deseja uma paga concreta que sirva para perpetuar o benefício recebido.

Já para Oliveira¹⁷, o ex-voto é “expressão de culto que quase sempre assume forma retributiva, concretizada na oferta de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou graça obtida”.

¹⁵ “Presente e veneno em alemão são designados por uma mesma palavra, *gift*, Dado ou recebido em excesso o presente como os remédios envenena. Ele escraviza ou simplesmente mata seus receptores, os quais, como demonstrou Marcel Mauss, ficam aprisionados a seus doadores”. DAMATTA, Roberto. O homem no topo. *O Globo*, 21 de janeiro de 2009. Caderno. Opinião. P. 7

¹⁶ SCARANO, Julita. *Fé e milagre : ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP, 2004. p.35

¹⁷ OLIVEIRA, José Cláudio. *Ex-votos: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas das milagres do Brasil*. Salvador: UFBA, 2007. p.5

Essa discussão ilumina o nosso estudo e oferece subsídios para nossa pesquisa no que concerne às práticas religiosas, em particular ao universo dos ex-votos, das promessas e dos milagres, com vistas ao exame do caso da Penna.

A presente dissertação está dividida em três capítulos:

No capítulo 1, tratamos da questão da religiosidade na sociedade brasileira, as transformações ocorridas na Igreja católica, em particular a legitimação do culto aos santos, que está intimamente ligado às promessas e milagres. Descrevemos alguns aspectos fundamentais para a adesão dos gentios às práticas religiosas das promessas, enfatizando a persuasão da catequese e seus reflexos no comportamento dos colonos, índios e negros. Ao final, tratamos das romarias ou peregrinações, como um dos movimentos que levam os devotos a cumprirem promessas e a ofertar ex-votos.

O capítulo 2 é destinado aos ex-votos, promessas milagres, dando ênfase à tipologia dos mesmos, suas particularidades e especificidades. Demos destaque às características dos classificados como cênicos, por reproduzirem pictoricamente as situações vividas pelos fiéis e por não serem peças reproduzíveis. Mereceram ainda nossa atenção as diferentes representações, apropriações artísticas e científicas, relatos e registros que se configuraram como variantes desta prática religiosa em diferentes campos.

Para finalizar, destacamos a atenção para a importância do valor patrimonial, no contexto cultural brasileiro, das expressões e tradições populares, aí incluídos os ex-votos.

O capítulo 3 é dedicado ao estudo da Igreja de Nossa Senhora da Penna, uma das mais antigas do Rio de Janeiro. A pesquisa sobre a referida Igreja provocou o levantamento de informações sobre a origem da ocupação de Jacarepaguá no período colonial. A Igreja se caracteriza por ter sido construída como pagamento de promessa, podendo ser considerada um ex-voto arquitetônico, além de possuir um conjunto de ex-votos de diferentes categorias, classificados por suas singularidades. Mereceram ainda atenção o culto mariano; os milagres atribuídos à Virgem; a Irmandade de Nossa Senhora da Penna, responsável pela sua manutenção e as origens históricas deste tipo de congregação, no Brasil. Abordamos questões relativas ao reconhecimento de um local sagrado como santuário, às festas religiosas, particularmente, à da Penna, e às promessas, temas que encerram o presente capítulo.

Como estratégia para atingir o objetivo traçado, entrevistamos representantes da referida igreja, ou seja, o clérigo e membros da irmandade como fonte de informações

para obter dados sobre a história do “santuário”, sua origem e sua atuação hoje. Examinamos os rituais presentes no cotidiano (a festa, o culto e a prática) e tomamos depoimentos de alguns frequentadores, com o intuito de estabelecer a relação da comunidade local com este espaço sagrado. Foram entrevistados: Padre Henrique Ney Soares Martins, capelão da Igreja da Penna; Dr. José Lucas Moreira Alves de Brito, provedor da Irmandade da Igreja da Penna; Cátia Fonseca, escriturária da Irmandade da Igreja da Penna; Jorge Cezaro, membro da irmandade; Ulisses Mello, restaurador da Igreja de Nossa Senhora da Penna e Maria Augusta Machado da Silva, museóloga especialista em ex-votos. Tomamos também alguns depoimentos informais de participantes da festa de Nossa Senhora da Penna, do dia 8 de setembro de 2008, inseridos no capítulo referente à mesma e no item relativos às promessas à Virgem da Penna.

A monografia escrita em 1946, por Amadeu Rohan, e ainda inédita, foi fonte de grande auxílio para a nossa investigação, fortalecendo alguns argumentos e trazendo contribuições para nossa pesquisa, principalmente com relação às datas e outros fatos importantes, uma vez que não tivemos acesso aos documentos oficiais da Igreja e da Irmandade.

As fotos inseridas nos capítulos que não possuem crédito são de minha autoria.

CAPÍTULO 1: ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Neste capítulo pretendemos demonstrar a forma pela qual o ambiente religioso influenciou os colonos, e até mesmo índios e negros, no período da colonização. A questão nos remete à formação da sociedade brasileira, cujo apego à religiosidade tornou os habitantes tementes a Deus, a ponto da devoção, em muitos casos, superar a razão. Julgamos, portanto, relevante observar alguns aspectos concernentes ao lugar da religiosidade no contexto da formação de nossa sociedade. Para tanto julgamos necessário remetermo-nos a alguns fatores que vieram a afirmar a questão da devoção na religião católica.

1.1. Abalos e reações no seio da Igreja

O movimento protestante, surgido na Europa no século XVI, exerce grande influência nos dogmas da Igreja católica, particularmente, no que se refere ao culto aos santos, fator significativo no desenvolvimento desta pesquisa.

O movimento se alastrou pelos territórios do norte europeu pondo em xeque o poder eclesiástico e acusando a Igreja de se preocupar mais com as questões políticas e econômicas do que com as questões religiosas. Dentre outros fatores, o movimento negava a função medianeira dos santos, que desempenhavam para a Igreja papel fundamental na devoção e na afirmação da fé.

A partir de 1540, a Igreja responde com um plano de ação disciplinador e catequético. Ocorre, assim, uma forte reafirmação da doutrina e da estrutura da instituição como reação ao reformismo calvinista que culminou no Concílio de Trento, em meados deste século.

A partir das primeiras resoluções do Concílio de Trento (1545-1563)¹⁸ ocorreu um movimento de reforço dos dogmas, incrementando as técnicas de persuasão inclusive o uso das imagens, a utilização de objetos nas cerimônias de adoração e de busca do contato com Deus.

¹⁸ O Concílio de Trento foi o mais longo da história da Igreja. Nele foram tratadas e concluídas inúmeras questões, entre elas as relacionadas à fé e aos dogmas ligados à disciplina. Disponível em <http://www3.rcp.net.pe/IAL/vm/bec/etexts/trento/concil49.htm>. Acesso em : 29 de setembro de 2008.

O decreto, elaborado em 3 de dezembro de 1563, na vigésima quinta sessão do Concílio de Trento¹⁹, que tratou do purgatório, da invocação dos santos e das indulgências²⁰, reafirmava:

[...] santos reinam com Cristo e oferecem a Deus as suas preces e é bom e útil invocá-los com humildade, assim como recorrer a suas preces, à sua ajuda e à sua assistência, com o intuito de obter benesse de Deus por intercessão de seu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o nosso único Redentor e Salvador.

Às vésperas da Reforma Protestante, imperava em Portugal o catolicismo tradicional dominado pelo poder e prestígio dos santos. Toda aldeia ou cidade encontrava-se sob a proteção de um santo padroeiro. Era um catolicismo festivo, lírico e extremamente humano, pouco ortodoxo e quase nada ascético e casto. Sobre este momento, destacamos o trecho abaixo do texto de Gutilla,²¹

Quando os reformadores levantaram sua voz contra os abusos da política de indulgência e a promiscuidade excessiva no culto aos santos, classificando-o de pagão e idólatra, Roma reage proclamando, através do Concílio de Trento, a legitimidade das indulgências e a validade do culto aos santos e às suas relíquias.

Observa-se, portanto, que diante das resoluções do Concílio de Trento, decorrente da reação de Roma, especificamente sobre a legitimação e validade do culto aos santos e suas relíquias, o culto se fortalece.

1.2- Culto aos santos e promessas

Os santos²² exercem para os devotos um papel fundamental e penetram na vida dos que os veneram, participando dos seus problemas, suas necessidades mais urgentes,

¹⁹Disponível em : <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistdaigrejatrento.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2008.

²⁰ O papado garantia que cada cristão pecador poderia comprar o perdão da Igreja, por meio das indulgências. Vendiam desta forma a salvação aos seus fiéis.

²¹ GUTILLA, Rodolfo. *Casa do santo e o santo da casa*. São Paulo: Ed. Landi, 2006. p. 42

²² O culto aos santos encontra suas raízes na antigüidade tardia, na figura de primeiros cristãos, homens e mulheres, perseguidos e martirizados pelas autoridades romanas. Os relatos de suas vidas ganharam desde cedo ingredientes de caráter sobrenatural e muitos transformaram-se em lendas propagadas pela Igreja. Lenda era o relato da paixão do mártir, que, alheio à precisão histórica, se lia na ocasião de sua festa. Visava instruir os pregadores na composição dos sermões e unificar uma versão do testemunho de fé legado pelos primeiros santos do catolicismo. SANTOS, Georgina Silva dos. *Ofício e Sangue: a Irmandade de São Jorge e a Inquisição na Lisboa Moderna*. Lisboa: Ed. Colibri, 2005.p. 33.

seus negócios, sua vida familiar, suas relações, seus amores. Para o crente, é o momento do contato íntimo com a divindade.

Na colônia ultramarina, o colonizador recria seu espaço de culto, preservando a crença inabalável nos santos de sua devoção e nas conseqüências de sua intervenção, uma das bases de sustentação do projeto colonial português. A ênfase na crença nos santos e nos milagres foi um dos princípios norteadores da implantação do catolicismo no Brasil.

Os praticantes apegavam-se a esta devoção e esperavam vantagens, apoiando-se em promessas para se protegerem durante a conquista de novas terras, para soluções de problemas espirituais, materiais, e de enfermidades, muito comuns então.

O espírito de devoção religioso imperava na colônia, originário da sensação de desterro, desconforto, instabilidade, insegurança, medo do desconhecido, o que levava os devotos a se apegarem ao sobrenatural. Desdobravam-se em pedidos e promessas dirigidas aos seus santos preferidos, muitas vezes sacrificando-se, pois a dedicação e, ao mesmo tempo, o pavor do castigo os levava a cumprirem promessas mesmo as mais terríveis, incluindo sacrifícios, autoflagelação física ou espiritual. Sobre este fato comenta Roberto da Matta²³

As súplicas acompanhadas de objetos, na forma de promessas, oferendas e sacrifícios, são mais fortes que um simples pedido verbal, pois implicam um cometimento mais denso e dramático, às vezes exigindo o gasto de recursos tirados da economia doméstica e pessoal do ofertante.

Os objetos de oferenda a que se refere Da Matta eram em sua maioria ex-votos entregues nos templos como elemento de troca pela graça concedida, prática comum em Portugal, nos dois primeiros séculos da colonização.

Os ex-votos ofertados aos santos prediletos dos votantes, como agradecimento ou como pedido, revelam a materialização deste ato de devoção.

Esta prática religiosa independe da ação da Igreja ou das irmandades, como são os atos litúrgicos, os sacramentos, as procissões, as festas religiosas, muitas vezes vítimas de disputas por parte dos organizadores. Ela é espontânea por parte dos fiéis, é o diálogo secreto e silencioso com a divindade, é a liberdade de poder se relacionar com o divino sem que haja interferências externas. O poder está nas mãos dos devotos e não do Estado ou da Igreja, e esta é uma das razões primordiais de sua permanência.

²³ MATTA, Roberto da. *O que é Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p.59

O controle exercido pela Igreja Católica sobre os habitantes da colônia se dava das mais diferentes formas. Por meio da oferta dos ex-votos, das imagens de santos, dos oratórios, marcava sua presença perante os devotos, além da utilização de inúmeros recursos simbólicos de proteção e fé como: bentos, relicários, patuás, amuletos e talismãs, representados sob forma de verônicas²⁴ ou *agnus-dei*, que penduravam no pescoço, além de cordões; fitas e rosários; relíquias de santo lenho; e todo material necessário à proteção, às devoções e às rezas. Para a proteção de uma boa gestação e parto eram usados pelas mulheres pedaços de ara²⁵ dentro de um saquinho.

A procriação significava o aumento demográfico da população da colônia e era muito importante para a reputação de Portugal, pois determinava o sucesso da dominação e ocupação da metrópole nas novas terras. Isto significou um grande número de promessas voltadas para o campo onomástico com relação às pessoas nascidas no Brasil.

Desta forma, durante a gestação, os ex-votos eram grandes aliados da mulher, e ainda hoje encontramos diversas referências nas salas de milagres. Utilizavam com frequência a oferta de ex-votos - representados por meninos de cera ou madeira, às santas protetoras da maternidade. Os recém nascidos, em troca, eram batizados com o nome dos santos ou apóstolos: Antônio, Francisco, João, José, Paulo, Pedro, Bento, Expedito e tantos outros

São, portanto, muito comuns os nomes compostos em louvor a Maria e suas invocações. Pagava-se a promessa diante da expectativa de uma gestação e de um parto bem sucedido, invocando Santana, Nossa Senhora do Parto, do Bom Sucesso, do Ó, das Dores, da Ajuda e dando à criança o nome da Virgem ou da santa eleita. Daí tantas “Marias” no Brasil - da Graça; das Graças; da Glória; dos Anjos, da Conceição, de Fátima, de Lourdes, do Desterro - além da referência a nomes de santas, como Ana, Catarina, Cecília, Mônica, Rita e Rosa, entre tantos mais.

Há santos²⁶ para prevenir todos os males e a cada um deles era atribuído um dom, o de curar, o de engravidar ou fertilizar, o de aliviar as dores inclusive de amor e serviam de refúgio para quem sofria desenganos, perdia parentes e necessitava de alívio.

²⁴ Relíquia guardada na Catedral de Turim, e constituída pelo pano (o santo sudário) em que, segundo a tradição, uma mulher, de nome Verônica, enxugou o rosto de Jesus quando carregava a cruz ao Calvário, tendo ficado ali gravada a sua figura. (*Dic. Aurélio*)

²⁵ Ara - A cruz em que foi crucificado Jesus Cristo.

²⁶ Consta que Santa Bárbara e São Jerônimo eram solicitados para raios e tempestades; Santa Luzia para doenças dos olhos; São Cristóvão para acidentes de trânsito; Santa Rita e São Judas Tadeu para dificuldades do dia a dia; Santa Edwiges para os endividados; Santo Onofre para não faltar dinheiro;

Aguardavam-se os milagres de seus santos de devoção. Quando o pedido não se concretizava tomavam-se, muitas vezes, atitudes drásticas, castigando-os por intermédio das imagens representativas de cada santo. Transcrevemos uma parte do texto de Oliveira²⁷ em artigo publicado na *Rev. Eclesiástica Brasileira* sobre imaginária que justifica esta devoção,

[...] suas imagens são mais do que simples representações dos santos, pois agir sobre a imagem equivale a agir sobre a própria pessoa do santo.[...] É justamente porque se acredita que a imagem concretiza realmente a pessoa do santo, que ela é objeto de culto - como forma pela qual o devoto mostra ao santo seu apreço, seu carinho, seu amor - é objeto de invocação - é à imagem que o fiel se dirige para pedir ao santo proteção, favores e graças - e também objeto de punição - sendo castigada a imagem do santo que deixa de proteger os seus devotos.

Os devotos chegavam ao cúmulo de tirar o menino Jesus dos braços dos santos, de cortar parte de um membro ou mesmo a cabeça, ou de colocá-los de costas para Cristo. Castigavam os santos, retirando-os de dentro do oratório - o lugar sagrado onde eram resguardados nas casas - e os mergulhavam de cabeça para baixo, dentro d'água. Para completar davam-lhes uma sova. Quando a graça era concedida, premiavam-nos com um novo menino Jesus, uma coroa nova, moedas de ouro, um rosário especial, flores, roupa nova e até mesmo jóias.

Existem estudos²⁸ recentes, sobre a biografia dos santos que concluem que, alguns deles, mesmo de grande devoção não tiveram comprovada existência histórica, sendo figuras lendárias. Citamos, como por exemplo, São Cristóvão e Santa Filomena. Mas isto não desqualifica nenhum deles perante o povo, pois a tradição popular jamais deixou de fazer valer a sua crença.

Santo Expedito para soluções rápidas e emergenciais. Santo Antônio era, e ainda é o mais procurado entre as donzelas, pois é conhecido como o santo casamenteiro. MEGALE, Nilza Botelho. *Santos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 92; & Idem. *O livro de ouro dos santos*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 2003; LORÊDO, Wanda Martins. *Iconografia religiosa. Dicionário prático de identificação*. Rio de Janeiro: Pluri Ed., 2002

²⁷ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Expressões religiosas populares e liturgia. *Revista Eclesiástica Brasileira*, ano 43, v.172, p. 913, dez., 1983. Apud. MENESES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, 1996. p. 19

²⁸ A hagiografia, biografia de santos, se divide em crítica e acrítica. No seu conceito crítico ela foi posta em prática muito recentemente, no início do séc. XX por um grupo de jesuítas belgas. Eram os bolandistas, que tinham a finalidade de eliminar toda a parte lendária e historicamente falsa da vida dos santos católicos, que a hagiografia acrítica sempre incentivou. MEGALE, Nilza Botelho. *Santos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 10

1.3 A catequese

A coroa portuguesa se valeu do prestígio da Igreja, particularmente da Companhia de Jesus e seu sistema de catequese, para converter ao catolicismo os povos dos continentes recém-descobertos. O objetivo era expandir o domínio católico e tornar os colonos tementes a Deus. Para isso os jesuítas utilizaram-se da arte e da parte mística, devocional e festiva do culto católico. Cristianizaram os caboclos pela música, canto, liturgia e ainda pelas procissões, festas e danças religiosas.

Utilizaram-se também da arte dramática²⁹ e dos mistérios³⁰ e comédia³¹ e usaram artifícios de efeitos especiais como o trovão e o relâmpago para sugerir a ação do sobrenatural e do milagroso, durante as apresentações. Criaram a separação entre atores e auditório, se utilizando deste último como meio de persuasão. Adaptavam dramas antigos ao espírito da contra-reforma e apresentavam no palco, a morte, o céu, o inferno, e cenas sanguinolentas e horripilantes, em uma demonstração evidente de confrontação entre o sublime e o grotesco, característica do barroco³². Coutinho³³, por exemplo, introduz a discussão sobre o tema da seguinte maneira:

As idéias da vaidade e inanidades terrenas, do arrependimento, do pecado, do milagre, bem como certo pendor pelo realismo e pelo picante, pelo ilusionismo e sobrenatural, são constantes na temática do drama barroco jesuítico [...] Com o grandioso, o fantástico, o pavoroso, visava a despertar a mente bronca do silvícola para as verdades eternas do catolicismo. Procurava pegar a sua alma pelos pontos sensíveis e através dos sentidos. Mostrava-lhes os horrores do pecado cujas conseqüências mais visíveis eram a corrupção corporal e afinal, o

²⁹ No teatro, dentro do espírito do barroco foram introduzidas novidades tais como: o deslocamento do centro de interesse ou de gravidade, a multiplicação de pontos de vista e protagonistas - o diabo como personagem; a desproporção e a pompa ornamental, o obscurecimento, o trovão e a fumaça, pompas e festins fúnebres para transmitir a impressão da morte ou do inferno.

³⁰ Mistérios - Composição teatral da Idade Média, apresentada em praça pública, e cujo assunto era tirado, quase sempre, da Sagrada Escritura ou da vida dos santos acompanhada de música: intermédios instrumentais ou vocais, canções, coros, ruídos de cena estilizados musicalmente, e até bailados. Dic. Aurélio, on line

³¹ Comédia - Obra ou representação teatral em que predominam a sátira e a graça. Dic. Aurélio, on line

³² Barroco – subsequente ao renascimento – equivalente ao séc. XVII, mais ou menos entre 1580 e 1680 – variações de acordo com os países – A ideologia barroca foi fornecida pela contra-reforma e pelo Concílio de Trento, a que se deve o colorido peculiar da época, em arte, pensamento, religião, concepções sociais e políticas. Sob a direção da contra-reforma católica, numa tentativa de reencontrar o fio perdido da tradição cristã, o barroco procura exprimi-la sobre novos moldes intelectuais e artísticos. COUTINHO, Afrânio e SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo, Global Ed., 2001.V.1. p. 330

³³ COUTINHO, Afrânio. *O processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 58

degredo do fogo eterno. O demônio era o grande inimigo e a sua aparição em cena impunha-se como arma retórica de persuasão.

Decorrente do estilo imposto ou adotado pelos religiosos na base da persuasão e do convencimento, o período colonial da América portuguesa caracterizou-se pelo fervor religioso, pela devoção e pelo temor a Deus. O reflexo deste sentimento tornou-se intrínseco na vida social como mola propulsora das atividades cotidianas. Não se perdia oportunidade para atrair os colonos. Para tanto, realizavam-se festas religiosas. Estas ocasiões eram propícias para aglutinar um grande número de participantes e espectadores. Reforçando esta temática, há no texto de Santos³⁴, um comentário de Jean Baptiste Debret, em sua estada no Rio de Janeiro, no início do século XIX, a respeito das procissões do Corpo de Deus.

As cerimônias da religião católica, introduzidas no Brasil pelos missionários portugueses, conservam seu caráter bárbaro, isto é, o exagero de que fora preciso revesti-las para impressionar os índios, apresentando-lhes imagens esculpidas e coloridas de gigantescas proporções.[...] o aspecto dessas figuras humanas, seres intermediários entre o homem e a divindade, faria nascer na imaginação dos selvagens a idéia da grandeza e da força extraordinária do novo Deus imposto.

As imagens referidas pelo viajante dão testemunho de como os recursos e as novidades utilizadas no processo da catequese impressionaram os aborígenes. Os índios foram vítimas das doenças trazidas do velho mundo e recorriam com frequência às orações e aos cânticos como solução para afastar os males. O pânico causado pelas pestilências é bem demonstrado nos versos ditos por um curumim vestido de anjo em uma apresentação, em louvor a Nossa Senhora da Assunção:³⁵

Vem Virgem Maria,
mãe de Deus, visitar esta aldeia.
Afasta as enfermidades
febres, disenterias,

³⁴ SANTOS, Beatriz Catão Cruz . *O Corpo de Deus na América. A festa de Corpus Christi nas cidades da América Portuguesa – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125.

³⁵ ALENCASTRO, L. Felipe de. *O trato dos viventes; formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 130. Trecho da peça escrita pelo jesuíta José de Anchieta.

as corruções e a tosse,
para que seus habitantes
creiam em Deus, teu filho.

Os negros, trazidos em massa da África como mão de obra para o trabalho escravo, também passaram pelo julgo dos jesuítas. Sempre se fez questão de batizá-los, impondo-lhes os ensinamentos do cristianismo católico, religião oficialmente vigente. Mas eles traziam consigo outros rituais, outras crenças, idiomas secretos, patuás, orixás e ritos de sacrifício, que se misturaram ao ensinamento dos portugueses. O santo predileto era São Benedito³⁶ que teve um importante papel entre eles e transformou-se, assim, no protetor dos africanos trazidos pelo tráfico. São Benedito era negro e sua imagem se agregou também ao uso da cachaça, produzida nos engenhos de açúcar, que até o início do século XX foi considerada no Brasil como uma bebida quase exclusiva dos negros. Transcrevemos o exemplo deste verso colhido por em Alencastro:

São Benedito é negro de raça
toca pandeiro
e bebe cachaça

1.4. Sociabilidade e costumes

Diante do descrito, observamos que nos séculos XVII e XVIII, a religiosidade foi bastante absorvida pelos habitantes locais, moradores de regiões com poucos recursos, isolados no imenso território e rodeados de apreensão e temor. Contavam com a fé em Deus e nos santos para se tranquilizarem diante das intempéries da natureza, das doenças e dificuldades do dia a dia, incluindo o ataque de índios mais selvagens e não catequisados.

Em particular na região oeste do Rio de Janeiro, onde se desenvolveram os engenhos de açúcar e posteriormente, o cultivo do café, as igrejas e capelas eram construídas no interior das fazendas ou engenhos, e tornaram-se locais sagrados onde

³⁶ Idem. p. 314. São Benedito era de origem Siciliana, da cidade de Messinas, filho de escravo africano levado para Palermo na Itália. Por sua mãe ser de Angola, o culto espalhou-se por toda a África.

senhores e escravos freqüentavam com assiduidade. Eram momentos em que as pessoas saíam do isolamento e estabeleciam vínculos sociais.

Nas cidades, os principais momentos de lazer nos tempos coloniais, além das festas religiosas, eram as solenidades dos votos das freiras³⁷, os suntuosos funerais, as procissões, a semana santa e os atos litúrgicos. Desta forma, a sociabilidade externa ao domicílio era intercalada por pequenas brechas de vida social doméstica que ficava restrita a alguns jogos, a reuniões e às visitas sem cerimônia, que nas cidades faziam parte da prática corriqueira.

Houve larga difusão de crenças e valorização da fé a ponto de se considerar que esta devoção superava a razão. Para muitos a religião representava as razões primordiais da existência terrena. O medo dos castigos divinos era uma obsessão generalizada, e a adoção de uma vida piedosa e beata parecia ser o melhor antídoto para a ira divina. Recorriam ao mágico, ao sobrenatural e ao amor incondicional aos santos, entregando-se aos céus como forma de sobrevivência terrena.

Para o homem barroco³⁸ impregnado desta mentalidade, não havia a possibilidade de existência para além da esfera religiosa. E ela só era possível através da religião, de uma vida voltada para a devoção, que pudesse ser atestada por pessoas de igual idoneidade. Mesmo quando se cometiam atos ilícitos e se passava a viver em pecado, como em casos de concubinato, o arrependimento aparecia no momento da escrita do testamento. Este instrumento era peça-chave para se escapar da danação eterna; nele o fiel depositava toda a sua história, sua devoção e seus arrependimentos, numa tentativa de passar a limpo sua vida terrena. Sem contar, claro, com o acompanhamento e sepultamento em solo sagrado. O medo da morte em pecado mostrava-se no arsenal de objetos protetores mencionados anteriormente.

Na vida cotidiana da colônia, os diferentes segmentos sociais eram separados - como ainda hoje o são - por categorias de símbolos legíveis (modos de vida, status,

³⁷ Voto das freiras-ocasião em que estas religiosas membros de ordens e congregações assumem os compromissos da castidade, da obediência e da pobreza por meio de votos e promessa.

³⁸ O homem barroco humaniza o sobrenatural ligando o céu e a terra misturando, os dois planos na sua vida cotidiana, sem que seja preciso deixar de ser pícaro para participar da visão das coisas celestiais[...] A alma barroca é repleta de dualismos, estado de tensão e conflito, exprimindo uma tentativa de conciliação de dois pólos considerados opostos, a razão e a fé[...] É um saudoso da religiosidade medieval que a igreja logrou reinspirar nele pelos artifícios artísticos e pela revanche dinâmica da Contra-reforma, redespertando os terrores do inferno e as ânsias da eternidade. Mas é ao mesmo tempo um seduzido pelas solicitações terrenas e pelos valores do mundo.-amor, dinheiro, luxo, posição, aventura, que a Renascença e o Humanismo e as descobertas marítimas e invenções modernas puseram em relevo. COUTINHO, Afrânio e SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo, Global Ed., 2001.v.1.p. 330-331.

papéis desempenhados, modos de vestir, profissões), e são neutralizados por meio da religião, do sacrifício e da promessa. A igreja desempenhava, assim, a mesma função que as festas públicas, fosse nas vilas e arraiais, fosse nas grandes propriedades do campo, quando senhores e escravos se reuniam para suas orações.

Dessa forma, como cita Alves³⁹, a festa, a procissão, a manifestação de fé, o santuário, ao se transformar em um espaço comunitário, “permite uma intensa comunicação de valores, na qual se faz valer a voz do *fraco* ao lado do *forte*, do que não detém qualquer poder e daquele que o representa.” E complementamos com Freyre⁴⁰:

[...] negros, mulatos e brancos todos rezavam ao mesmo Deus, à mesma Nossa Senhora. Dentro de casa rezava-se de manhã, à hora das refeições, e de noite no quarto dos santos - os escravos acompanhavam os brancos no terço e na salve-rainha.

A mulher encontrava na representação religiosa a sua própria imagem de resignação, submissão e obediência, e só saía para ir à missa acompanhada de mucamas ou parentes do sexo masculino. As festas religiosas e procissões eram um momento privilegiado de convívio social, sobretudo para elas, que viviam restritas ao ambiente familiar. A partir da chegada da família real, em 1808, muita coisa mudou. A corte trouxe novos comportamentos e novos costumes relacionados com atitudes dentro e fora do lar. A reclusão das mulheres pouco a pouco diminuiu por influências das novidades comportamentais trazidas do velho mundo.

1.5. Romarias e ex-votos

Desde o início da colonização surgiram lugares e caminhos sagrados cultuados e visitados pelos fiéis que se dirigiam a eles em romarias. Estas eram freqüentadas apenas pelos crentes que se vangloriavam com as graças e os milagres recebidos, por eles ou por seus companheiros de jornada. As primeiras citações relativas aromeiros no Brasil datam do período entre 1743 a 1750.

As viagens a algum local religioso em peregrinação, além das procissões, e festas religiosas era também motivo de aglomeração e reunião de fiéis, embora fosse uma manifestação mais espontânea do que as citadas anteriormente. Ao longo do percurso

³⁹ ALVES, Isidoro. *Carnaval devoto*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1980. p. 104

⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: ALLCA XX, 2002. p.435

erguiam-se capelas e cruzeiros de beira de estrada, nas quais os romeiros paravam para rezar, prestar culto aos seus santos prediletos e ofertar ex-votos.

Os romeiros consideravam as romarias como de sua propriedade pessoal, e isso criava problemas com autoridades eclesiásticas que procuravam oficializá-las e controlá-las. Só a partir de 1900 começaram as grandes romarias programadas pelo clero, e a partir daí tornaram-se habituais as peregrinações para os principais santuários do país, valorizadas e estimuladas pelos bispos.

Apesar das romarias não serem uma iniciativa da Igreja, e sim dos devotos, as autoridades eclesiásticas não tiveram meios de impedi-las. Sobretudo no século XIX, a hierarquia eclesiástica, que visava a tomar para si o controle de tudo que se relacionasse com o culto católico, conseguiu, de uma certa maneira, organizar as romarias e dar-lhes cunho mais eclesiástico. Sobre esta discussão, vale mencionar referência contida no texto de Abreu⁴¹:

[...] no século XVIII, D. Frei Domingos da Encarnação Pontevel condena o caráter profano das romarias, em "que o divertimento, e a curiosidade, a romagem, e a mistura de um, e outro sexo é todo o móvel de semelhantes devoções". Da mesma forma, D. Cipriano de São José mostrava-se intolerante às romarias ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Segundo ele, em dias de romaria a vila "mais parecia praça de touros que igreja de fiéis". Conforme chama atenção François Lebrun, enquanto para a Igreja a peregrinação tinha um significado espiritual, gesto de piedade, penitência e conversão da alma, para grande parte dos fiéis essas "viagens" eram atos que adquiriam significados concretos.

Os lugares considerados sagrados - e para onde se dirigem os romeiros - variam de acordo com o fato ocorrido naquele determinado local. Pode ser uma aparição, um milagre, um acontecimento significativo que o transforma em sítio especial, como também o local de sepultamento do homem considerado santo por suas virtudes e sacrifícios vividos na terra. Como comenta Brown,⁴² sobre os santos "sua sepultura, e

⁴¹ CONSTITUIÇÕES Primeiras do Arcebispado da Bahia, Livro 3, Tit. 39, p.244 e TRINDADE, Côn. R. *Bispado de Mariana: subsídios para sua história*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953, p.168. Apud, ABREU, Jean Luis Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n.49, p. 13, 2005.

⁴² BROWN, Peter *Le culte des saintes. Son éssor et sa fonction dans la chrétienté latine*. Paris, Les Éditions du Cerf, 1984. Apud. MENEZES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, 1996. p.18.

não só ela, mas também o corpo do morto (reliquia original) e os objetos postos em contato com ele (reliquias de contato) transformam-se em elemento de veneração”.

Os fenômenos religiosos absorvem três categorias fundamentais e os ex-votos se enquadram de maneira bastante perceptível em cada uma delas.

As crenças consistem em representações simbólicas e mantêm a comunicação entre o homem e o padroeiro, refletindo e perpetuando a fé, e a existência do sobrenatural através da prática dos ex-votos.

Os ritos constituem tipos determinados de ações e conduzem as pessoas aos santuários, perpetuando uma tradição de longa duração como as romarias, as rezas, as missas e as desobrigas.

Os mitos neste sentido se configuram como a motivação da fé e da força do espírito, opostos ao pensamento lógico e voltados para o sobrenatural.

Nessa busca incessante da fé, o ex-voto se consagra como objeto que, para um conjunto de pessoas, sustenta a religiosidade, se afirmando como um dos componentes da fortificação da crença e adoração aos seus oragos.

As romarias e os ex-votos preenchem, até hoje, parte significativa da religiosidade popular, sobretudo entre as populações mais carentes, embora não sejam apenas estas as interessadas em pedidos e em promessas. Scarano⁴³ define o devoto “como aquele que tem devoção ao santo e oromeiro como sendo o devoto que vem de fora, de outra cidade, para cumprir uma promessa acompanhando uma procissão”.

Na religiosidade popular brasileira é recorrente a forte presença de figuras humanas místicas. São eles líderes⁴⁴ que lidam com o mistério e o oculto, fundam religiões e ganham fama de milagreiros. Conquistam adeptos, realizando pequenos “milagres”, geralmente, depois de terem tido uma visão, um sonho ou uma mensagem

⁴³ SCARANO, Julita. *Fé e milagre : ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo, EDUSP: 2004. p. 29

⁴⁴ Estão espalhados por todo o território nacional e podemos exemplificar alguns deles como, João de Camargo (1858-1942), líder carismático, cultuado como o santo da cidade de Sorocaba, São Paulo. É inspirada nele a imagem do preto velho pensando, vendida nas lojas de produtos de Candomblé ou Ubanda, por todo país. Também chamado de Nhô João, despertou a curiosidade do sociólogo Florestan Fernandes que, durante a sua formação universitária foi ao enterro do milagreiro e reconheceu “foi em campo, analisando o culto ao ex-escravo, que aprendi a ser sociólogo”. Esta visita redundou no livro *Contribuição para o estudo de um líder carismático*, de 1942. Mais tarde, esta obra despertou o interesse de Roger Bastide, que escreveu *A Macumba paulista*. Podemos assistir hoje à história de Nhô João no filme *Cafundó*, dirigido por Paulo Betti. MITO DE NHÔ JOÃO. Disponível em: <http://www.estado.com.br/arquivo/arteelazer/.htm>. Acesso em: 23 de outubro de 2008

do sobrenatural e são seguidos por multidões. Constroem capelas ou santuários, e nestes locais também são colocados os pedidos, os pagamentos de promessas, as mercês, os ex-votos.

CAPÍTULO 2: OS EX-VOTOS

V.F.G.A – “Votum fecit gratiam accepit”
“Fez um voto e recebeu uma graça”.⁴⁵

2.1 O que são ex-votos?

Os ex-votos são os objetos oferecidos aos oragos por fiéis, configurando-se como uma prática religiosa que reflete a crença e as atitudes do homem diante da vida, da doença, da morte e do perigo. Expressa ainda suas ambições, seus desejos, e também suas alegrias.

A designação ex-voto⁴⁶ se aplica a um quadro, pintura ou objeto, placa com inscrições, figura esculpida em madeira ou cera a que se conferiu uma intenção votiva. O voto é a promessa, o ato anterior à graça, que uma vez alcançada, é cumprida através da gratidão do prometido na oferta do ex-voto. A etimologia⁴⁷ é originada do latim ex-voto, cuja preposição ex - representa a causa de, em virtude de - e voto advém de *votum*, i voto, do rad. de *votum*, originado de *vovère*, fazer voto, obrigar-se, prometer em voto, oferecer, dedicar, consagrar. O termo vem da expressão latina “*ex-voto suscepto*” que quer dizer - por uma graça recebida, o voto realizado.

Entre as fontes que oferecem informações preciosas sobre as formas que assumiam os ex-votos está o *Vocabulário Portuguez e Latino* do padre Raphael Bluteau⁴⁸, publicado entre 1720 e 1728. No verbete "Voto", o autor esclarece que a prática votiva remonta à antiguidade, pois os romanos costumavam "pendurar nos altares de suas fabulosas deidades, uns fragmentos de tábuas dos navios que tinham escapado do naufrágio, em que se via pintada a mercê". O clérigo acrescenta ainda que havia "votos de cera, de prata e quadrinhos".

As origens das ofertas e dádivas remontam à antiguidade pagã, cujos cultos de veneração das forças da natureza utilizavam esta forma de agradecimento para assegurar a fertilidade do solo, a boa colheita e a proteção contra intempéries. Ao longo dos anos, se estendeu às divindades. Situam-se na faixa de 2.800 a 3000 A.C e são de origem sumeriana, da Anatólia, atual Turquia.

⁴⁵ É inscrição freqüente na epigrafia romana, parte da paleografia que estuda inscrições antigas.

⁴⁶ DICIONÁRIO HOUISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em:
<http://houaiss.uol.com.br/busca>

⁴⁷ DIZIONARIO ETIMOLOGICO ONLINE. Disponível em: . <http://www.etimo.it>

⁴⁸ BLUTEAU, Pe. R. *Vocabulario portuguez e latino*. v.8, Tomo II, p.582. [1720-1728]. Apud. ABREU, Jean Luis Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ano 25, v.49, p.194, jan./jun. 2005.

As referências a este fato encontram-se no texto de Silva⁴⁹: “os primeiros objetos, “figurinhas mágicas”, que testemunham o relacionamento individualizado entre homens e deuses são provavelmente vinculados aos rituais de fertilidade.”

O viajante americano Ewbank,⁵⁰ cita em seu livro o presente trecho.

A oferenda, aos Deuses, das representações metálicas, ou de outro material, dos males dos membros e órgãos de que os devotos se libertaram vem da mais alta antigüidade. O primeiro exemplo registrado é notável (Samuel, VI, 4). Tavernier observa a respeito da Índia: “Quando um peregrino vai a um pagode para curar uma doença, leva consigo a figura do membro afetado, feita de ouro, prata ou cobre e oferece-a a seu Deus”. Vide também (Montfaucon,⁵¹ tomo II), a respeito dos ex-votos nos templos – alguns dedicados a Netuno para conseguir viagens seguras, a Serap’is para pedir saúde, a Juna Lucina para pedir crianças ou partos felizes, quadros de enfermos na cama, representações de olhos, cabeças, pernas, membros e inúmeras placas dedicadas a Esculápio⁵² além de outros santos médicos, populares entre os pagãos.

No século III A.D., os Imperadores romanos Diocleciano e Teodoro permitiram a livre adoção da religião cristã. O cristianismo se alastrou e, a partir do século IV, tornou-se religião oficial. Assim, muitas das tradições pagãs foram incorporadas ao cristianismo, entre elas a prática das desobrigas. Segundo Castro⁵³ “se pode verificar este fato por um ex-voto cristão encontrado em uma cidade romana da Argélia. Nessa época paleocristã, os reis bárbaros recém-convertidos enviaram inúmeras oferendas à Basílica de São Pedro.”

A partir de então, os ex-votos foram assimilados pelos cristãos e passaram a representar a crença no milagre. As formas de representar as ofertas votivas se mantiveram ao longo do tempo, permitindo que se fale da existência de uma tradição de longa duração.

É, portanto, uma prática usada para pagar promessas desde a antiguidade, tendo caráter milenar e universal, pois se realiza em locais de peregrinação, espaços sagrados, cruzeiros e salas de milagres, tanto no Oriente, quanto no Ocidente, até hoje. Além do

⁴⁹ SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. p.21.

⁵⁰ EWBank, Thomas. *Vida no Brasil; diário de uma visita à terra do cacaueteiro e da palmeira*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. v.1, p. 153p. Apud. ABREU, Jean Luis Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, n.49, p 198, jan./jun.,2005.

⁵¹ Bernard de Montfaucon (1655-1741) arqueólogo francês

⁵² Esculápio era o deus romano da medicina e da cura. Foi herdado diretamente da mitologia grega,

⁵³ CASTRO, Márcia de Moura. O ex-votos em Minas Gerais e suas origens. *CULTURA. Revista trimestral*. Brasília, v.8, n.31, p109, jan./mar.1979

Brasil, esta prática religiosa é encontrada nos outros países das Américas, em vários países da Europa⁵⁴, Canadá e Oriente Médio.

O princípio e o fundamento do ex-voto cristão é o milagre, sempre associado a um santo ou a uma entidade superior. Por isso, o ex-voto brasileiro é também conhecido como promessa ou milagre, abarcando as duas vertentes, a do pedido e a da resposta favorável.

O fato de ex-voto ser um termo de origem latina e no Brasil, como também em Portugal, ser popularmente chamado de milagre e promessa, estabelece uma certa confusão entre o objeto em si e as ações provenientes do ato de cumprimento da promessa.

O sucesso da empreitada é o milagre, cuja palavra reflete o desejo de buscar o sobrenatural, o fato extraordinário. É o resultado positivo.

A desobriga, ou seja, o cumprimento da promessa, o ato de depositar o objeto ex-voto, em uma sala de milagres, ou em um canto da igreja, ou outro local sagrado em meio ao cerimonial de reza individualmente feita, refere-se a um ato ex-votivo.

Se um romeiro for à igreja, vestindo uma bata - veste branca, colocada sobre a roupa, e bastante comum entre eles nas romarias, principalmente no nordeste - estará cumprindo um voto. Porém, se ele, além disso, retirar a bata para depositá-la em alguma parte da igreja ou na sala de milagres do templo, estará cumprindo uma ação ex-votiva e a bata passa a ser o ex-voto, o objeto depositado junto aos outros. Citamos ainda as vestes especiais, como a das crianças vestidas de São Sebastião ou de anjos nas procissões das festas de santo. Pode ser o pagamento da promessa feita por um de seus genitores, por ele ter sobrevivido ao parto ou a alguma doença grave. Neste caso, estar-se-ia cumprindo um voto, uma promessa, como também, cumprindo um ato ex-votivo.

Podemos assim considerar ex-voto como o objeto, objeto-testemunho de um pedido ou de um pagamento da graça, que pode ser depositado em um local a ele destinado, e não a reza, a romaria, a novena, cantigas e ladainhas ou o nome do santo dado às pessoas. Essas tradições são ações votivas, fortalecidas pela devoção, são a desobriga, o pagamento da promessa.

⁵⁴ Na França, na Provence, destacamos os pesquisadores B. Cousin que coletou 5.000 documentos; em Nice, no Santuário Notre Dame de Laghet, Mlle de Ville d'Avray computou mais de 1000. Na Itália no Santuário D'Oropa, no Piemonte, C. Loubet localizou 2500 ex-votos. VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 74. Encontramos santuários também na Alemanha e Áustria.

2.2 Tipologia e particularidades

Alguns pesquisadores de ex-votos, como, por exemplo, Oliveira,⁵⁵ tendem a classificá-los por categorias, tais como:

Antropomorfos: representações do corpo humano, no todo ou em parte, podendo ser em desenhos, pinturas, esculturas ou fotografias.

Zoomorfos: representações de animais.

Simples: objetos de uso cotidiano e/ ou religiosos; representativos de valor: dinheiros, jóias e alimentos não perecíveis.

Acrescentaríamos uma quinta categoria, os ex-votos arquitetônicos, que diz respeito às edificações erguidas em razão de promessa. Nesta categoria, incluímos a Igreja da Penna, nosso objeto de estudo.

A tipologia dos ex-votos apresenta inúmeras formas. Pode ser concretizada pela representação em forma bidimensional, pela confecção de tábuas votivas⁵⁶ e ex-votos cênicos ou pintados que se apresentam geralmente em pequenas peças de madeira. O suporte pode ser também em folhas de flandres ou outros metais, além de placas de mármore. Outra modalidade encontrada são os painéis de azulejo. Seja qual for o tipo apresentado, o objetivo é sempre o mesmo. Transmitir o agradecimento, seja por meio de textos, seja por meio de pinturas, ou por outras formas que retratem a trajetória do milagre alcançado.

A forma tridimensional, como a de figuras humanas, ou partes do corpo esculpidas em madeira ou em cera vêm acompanhadas quase sempre de um bilhete de papel, ou há uma mensagem de agradecimento escrita na própria peça. Talvez a idéia de preservação da vida remeta à representação do corpo humano. É mais comum se encontrar peças industrializadas em cera ou parafina. Podemos nos reportar à descrição de Thomas Ewbank, no item 2.4 deste capítulo, pois em seu texto observa-se que, desde 1845, já se estabelecia um comércio de peças de cera.

[...] um amigo foi comigo à loja de um fabricante de velas de cera, onde encontrei além dos membros mencionados, abdomens, peitos, isolados e aos

⁵⁵ OLIVEIRA, op.cit., p. 8

⁵⁶ Segundo grafia culta, essas tábuas eram denominadas de *Tabella picta, votiva, tabula ou tabella votiva*. BLUTEAU, Pe. R. *Vocabulario portuguez e latino*. v.8, Tomo II, p.582. [1720-1728] & PINA, L. de. *Arte popular*. In: *Vida e arte do povo português*, s.l.: s.n., 1950, p.79. Apud, ABREU, Jean Luis Neves. *Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, n. 49: 4, 2005.

pares, coxas, corações, faces, dedos, joelhos e rostos, todos em tamanho natural [...]. O proprietário contou-me que existiam no Rio vinte e dois fabricantes de velas, mas apenas sete produziam aqueles artigos, que eram consideravelmente procurados no interior. São fabricados em moldes de gesso e constituem um ramo regular de negócio. Mostrando-me alguns espécimes no balcão, perguntei o preço. “Depende das circunstâncias”- respondeu- “não temos preços fixos”.

Os ex-votos escultóricos de madeira, além de serem objetos procurados por colecionadores, são também usados como peças decorativas, em ambientes modernos e rústicos. Estas peças esculpidas em madeira⁵⁷ ainda são encontradas em alguns locais do país, apesar da diminuição de sua quantidade. O amálgama cultural da miscigenação africana no Brasil veio a refletir na execução dos ex-votos escultóricos em madeira, por meio dos sinais semelhantes aos das esculturas africanas relacionados aos cultos tribais. Percebem-se também traços da cultura africana misturadas a características acabocladadas, como o corte das peças e traços das faces. O nariz, por exemplo, tem função predominante - e os olhos se apresentam em baixo relevo. Quando pintados, são influenciados pelas cores utilizadas na imaginária sacra. Como cita Luis Saia: “Na escultura das cabeças se encontram soluções plásticas que, sem serem exclusivas das esculturas afro-negras, são de sua preferência.”⁵⁸

Observamos que desapareceu a preocupação de apresentar obra de criação artística e de cunho individual, como os objetos esculpidos ou quadrinhos pintados. As peças de cera reproduzidas em massa e a facilidade de reprodução são em certa medida responsáveis por esta modificação. Outro elemento significativo é que, a partir da década de 1930, as fotografias substituíram o trabalho artesanal e muitos fotógrafos acabaram ganhando o espaço dos produtores destes artefatos. Tanto nestes casos como no citado acima, o texto é eliminado ou acompanha a imagem ou o objeto separadamente. Hoje, os suportes são telas, papelão ou mesmo papel, e as soluções visuais acompanham o repertório do grupo cultural a que pertence o ofertante.

Outra forma, de se apresentarem os ex-votos, é por meio de bilhetes ou cartas. Muitas destas oferendas vêm acompanhadas de relatos sobre o milagre concedido, que

⁵⁷ Podemos encontrar ainda ex-votos pintados do século XIX e XX em alguns locais como: a Basílica Nacional de Aparecida do Norte, São Paulo; a Igreja do Bonfim, Salvador, Bahia e o Santuário de Bom Jesus do Matosinhos, Congonhas do Campo, Minas Gerais.

⁵⁸ Texto de Luís Saia em catálogo de exposição de ex-votos que percorreu o Brasil, em 1974, organizada por Gisela Magalhães e Irma Arestizábal.

são verdadeiras confissões públicas. Em outras, encontram-se apenas a dedicatória ao santo predileto do ofertante. As cartas revelam, muitas vezes, a intimidade das pessoas, o lado pessoal de suas vidas, o cotidiano. Estabelecem uma conexão com o divino que lhes alivia e ajuda a desabafar as mágoas e problemas do dia a dia, mas também têm a oportunidade de mostrar seus feitos, suas vitórias, suas conquistas. Um exame destes escritos populares, por especialistas, poderia nos fornecer alguns dados sobre escolaridade, estrato social e faixa etária dos fiéis que freqüentam aquela determinada igreja.

Hoje existe até o chamado ex-voto eletrônico. São e-mails enviados a *sites* específicos em agradecimento a graças alcançadas.⁵⁹ Existe ainda a divulgação dos milagres pela mídia impressa, radiofônica e televisiva. A tecnologia derrubou quaisquer barreiras para o devoto manter contato com seu orago. Pode-se até acender velas virtuais, onde os fósforos, as velas e a chama são substituídas por representações gráficas e aplicativos tecnológicos e o crente pode ainda acompanhar a combustão eletrônica durante sete dias pelo processo *on line*.

Outro tipo de ex-voto, que se tem utilizado ultimamente com frequência, é por meio da apropriação de objetos do dia a dia. Um elemento simbólico como uma peça de roupa, uma mecha de cabelo, uma camisola ou um pijama, marcam a originalidade da oferta e satisfazem o devoto, demonstrando a gratidão da graça alcançada. Podem ser ainda, apesar de mais raro, bens como jóias, dinheiro, objetos preciosos de uso litúrgico. As velas, muitas vezes, são de dimensões humanas, como os círios; e ainda, flores; cruces usadas em peregrinações; réplicas de embarcações e outros meios de transporte; representações de casas e chaves de carros referindo-se a aquisição do bem ou sobrevivência em desastres ou acidentes; carteiras de cigarros e garrafas de bebidas em agradecimento ao abandono do vício; representação de várias espécies de animais domésticos, narrando a gratidão do proprietário pela cura ou pela proteção de grave perigo e também pequenas maquetes de construções ou ambientes urbanos ou rurais.

É incomensurável a quantidade de representações e como se refere Oliveira⁶⁰,

⁵⁹ Alguns endereços eletrônicos: pedidos@santuاريو-fatima.pt; www.coneleste.com.br; www.cidadeaparecida.com.br; WWW.santuariacional.com.br

⁶⁰ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Apud OLIVEIRA, José Cláudio. "Semiologia dos ex-votos na Bahia; arte simbolismo e comunicação religiosa". *Revista Internacional de Folkcomunicação*. Brasília: Instituto de Educação superior / Museu da Imprensa de Portugal e Cátedra da UNESCO, n.7, p. 3, 2006.

“são "promessas" dispostas sob forma de mensagens: artística, lingüística, iconográfica, bibliográfica, fotográfica e podem remeter a diferentes leituras, a partir da diversidade dos campos do saber atribuindo-lhes múltiplos significados culturais.”

Os temas dos pedidos e promessas encontrados nas salas de milagres costumam retratar o cotidiano da sociedade. Nos séculos predominantes, XVII, XVIII e XIX, eram os relativos à recuperação da saúde, devido a doença, com o implícito salvamento das vítimas; proteção em travessias em alto mar, viagens difíceis em terra firme, uniões matrimoniais e ainda aquisição de terras. No século XX, permanecem alguns destes temas, acrescidos dos que retratam desastres de carros, trens e aviões e acidentes de trabalho.

A entrega do prometido ou o pagamento da promessa é feita, geralmente, em lugar público, como os cruzeiros, e as “salas de milagres”, localizadas em igrejas ou santuários, onde os fiéis ofertam seus ex-votos, afirmando o seu aspecto testemunhal e demonstrando um processo de comunicação social.

Observamos que a disposição de elementos nas salas de milagres proporciona uma codificação maior dos signos votivos, pois são colocados de forma aleatória, e próximos uns dos outros, preenchendo paredes, teto e muitas vezes chão, compondo um ambiente plástico bastante interessante.

No Rio de Janeiro, onde é dinâmico o sincretismo afro-católico, peças ex-votivas começam a ser colocadas, como oferendas, em determinados sítios naturais que vão se sacralizando, como praias, penhascos, cachoeiras.

Além de sua vasta tipologia, os ex-votos têm algumas particularidades que merecem ser mencionadas. Uma delas é sua forma de descarte, tema de grande preocupação, pois muitas ações contribuíram para a redução de seu vasto universo.

Os ex-votos de muitas salas de milagres das igrejas ou santuários, pela sua constante multiplicação, são re-arrumados até não ter mais lugar para colocá-los. Depois de um tempo de permanência no local, são remanejados. Para abrir espaço, são descartados, incinerados ou enterrados, e os aproveitáveis são doados a instituições de caridade.

Um dos fatores que prejudicou a manutenção em grande escala foi a romanização, quando se buscava a aproximação do catolicismo com a ortodoxia romana. Neste período, inúmeros bispos e padres queimaram, venderam ou dispersaram os ex-votos, vistos como próximos da superstição, discrepantes da ortodoxia e considerados como

manifestações anárquicas. Outro fator foi não ser do agrado dos administradores das igrejas manterem peças imperfeitas pela ação do tempo em seus recintos. Uma vez reformadas, muitas igrejas colocaram seus ex-votos em móveis com gavetões na sacristia ou em algum canto atrás do altar, locais nos quais os pesquisadores já encontraram preciosas peças⁶¹.

As tábuas votivas e os ex-votos cênicos não costumavam ser incinerados como os milagres escultóricos, pois eram consideradas peças testemunhais e supõe-se que tenham sido enterrados em solo sagrado. O costume de enterrar os ex-votos cênicos e as tábuas votivas já foi registrado por Jean-Baptiste Debret em *Viagem histórica, artística e pitoresca ao Brasil*.⁶²

Sobre esta reflexão, vale o comentário de Silva⁶³,

[...] a validade do ex-voto como testemunho de graça alcançada implica que, na época de sua disposição no local do culto, estejam vivos o agradecedor e o objeto do milagre. [...] Após a morte de um dos personagens envolvidos, esses objetos podem, devem, e são de fato destruídos, a menos que um colecionador os resgate.

Segundo Silva, no passado, e sob o ponto de vista mágico-religioso, pensavam eliminar a energia concentrada. Os antigos, sem que a autora precise a época, supunham ser estes objetos “impregnados de cargas maléficas”, recebidas pelo processo da transferência mágica, ou seja, do objeto estar impregnado da doença ou do mal acometido pelo devoto. Sob este aspecto comenta a museóloga⁶⁴:

Quanto mais arcaizante é o *Milagre*, mais se revela a vinculação mágica. É o “duplo” que “aprisiona” as cargas maléficas que abandonaram o “milagrado”. Integradas magicamente, elas não podem “escapar” porque foram colocadas sob a guarda do autor do milagre. Por esta razão existe o costume de queimar os *Milagres* cuja missão foi cumprida. Milagres envelhecidos são sempre “perigosos” e devem ser consumidos pela purificação do fogo.

Já não se tem mais esta superstição e muitas tábuas foram preservadas, e reunidas em coleções. O critério classificatório para resguardar milagres é,

⁶¹ SILVA, Maria Augusta Machado da. Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: abril de 2007.

⁶² SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981, p. 53

⁶³ Idem. .p.32

⁶⁴ Ibidem. p.33

primeiramente, o seu valor econômico (moedas, jóias, doações em dinheiro etc...), e são preservados nos cofres das irmandades. Em segundo lugar, pelo valor histórico ou artístico, e nesse sentido são colocados em um pequeno museu; os outros são expostos aguardando seu destino, que pode ser de reaproveitamento, doação ou queima.

Sobre esta questão surge no texto de Scarano⁶⁵, esta observação que tomamos por empréstimo:

Por gozarem de popularidade, os ex-votos, apesar de vistos como discrepantes por muitas autoridades eclesiásticas e tratados com descaso tiveram que ser tolerados e as próprias igrejas reservaram salas para que fossem depositadas por fiéis as suas peças, junto a seus santos prediletos.

Um tema que não podemos deixar de tratar é a estreita relação entre a medicina e a religião no universo terapêutico popular. Elas estão intimamente ligadas. A expectativa da cura através de milagres e da proteção divina se faz presente desde a antiguidade clássica. Na Grécia tinham um importante papel os deuses da medicina, Asclépio ou Esculápio. Podemos exemplificar com esta observação de Silva⁶⁶, “Um devoto leva a representação de uma perna curada ao templo de Asclépio”.

A insalubridade que dominava as regiões recém habitadas nos séculos passados, acarretando muitas doenças, surge nos ex-votos de todas as categorias. Nos escultóricos, o local da enfermidade é marcado no membro oferecido. Através destas partes do corpo pode-se estudar a incidência de doenças em determinadas regiões.

Surgem também em muitos exemplares dos ex-votos cênicos, através de sua representação pictórica, alguns elementos que caracterizam aspectos da história da medicina. Na primeira metade do século XIX, aparecem cenas que incluem aplicadores de ventosas e sangradores, instrumentos científicos utilizados para tratamento, na época.

A presença do médico em vários ex-votos cênicos, tanto no séc. XVIII como no XIX, não significa que a confiança na medicina fosse plena e considerada suficiente para resolver os problemas, e sim, o santo protetor ter guiado o médico para curar.

No cristianismo, o evangelho confirma os preceitos de cura, e os milagres provenientes de fatos sobrenaturais, como transcrevemos abaixo no texto de Scarano⁶⁷.

⁶⁵ SCARANO, Julita. *Fé e milagre : ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo, EDUSP: 2004.p.31

⁶⁶ SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. p.24

⁶⁷ SCARANO, Julita. *Fé e milagre : ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP: 2004. p.15

Cristo diz aos 72 discípulos escolhidos “curai os enfermos”. São Lucas evangelista é protetor dos médicos e é possível lembrar que Santo Agostinho fala do papel do milagre como um meio de manifestar a fé e cita alguns exemplos, como o da cura do cego de Milão por ação dos mártires Protásio e Gervásio” [...]

e ainda complementa o autor,

[...] o enigma e o mistério que envolve todas as coisas, leva o homem muitas vezes a procurar soluções em muitos caminhos e há inúmeras outras facetas na religiosidade popular. O apelo do suplicante significa um prenúncio de salvação, um grande passo na caminhada em direção à eternidade. Além disso, o catolicismo, não estabelece limites excludentes entre os humanos, ou seja, entre os que alcançarão o céu e aqueles que viverão no futuro.

Apela-se até para a demonização a fim de se obter o que se deseja. E apela-se também para outras religiões. No caso do Brasil, onde há a influência dos cultos afro-brasileiros, aqui denominadas de Candomblé e Umbanda e seus derivados, também se utilizam das ofertas aos seus Deuses ou Orixás, em agradecimento ou em pedido a alguma graça. Estes “ebós” ou oferendas como são chamados, poderiam se caracterizar como ex-votos? Se olharmos sob o ponto de vista de dar e receber, podemos considerar que esta relação existe também em outros cultos religiosos. Sobre o enigma da existência e o mistério que envolve todas as coisas do universo, Scarano,⁶⁸ nos lembra que:

[...] as idéias místicas e religiosas herdadas dos antepassados e a precariedade da vida, a falta de explicação para fenômenos muitas vezes usuais e corriqueiros como os astronômicos e os meteorológicos, por exemplo, eram e são de molde a levar as pessoas a uma busca do espiritual, do mágico, à crença na possibilidade de obter auxílio por diferentes meios.

2.2.1 Especificidade dos ex-votos cênicos

Os ex-votos cênicos ou pintados, ou ainda tábuas votivas são aqui destacados não só por suas singularidades, mas sobretudo por configurarem o formato de maior expressão entre os existentes na coleção da Igreja da Penna, que examinaremos no capítulo 3.

⁶⁸ Idem, p. 13

A grande produção dos ex-votos cênicos no Brasil concentra-se no século XIX, mas sua faixa de enquadramento vai do século XVIII⁶⁹ às primeiras décadas do século XX. Nesta modalidade eram retratados, geralmente, as cenas ou os motivos que originaram as promessas. Eram testemunhos de momentos difíceis ou de grandes mudanças, cuja fé e a devoção se afirmavam como uma tábua de salvação para as conseqüências vividas pelos fatores sócio-econômicos do período.

As imagens que ilustravam os ex-votos pintados podiam ser aparentemente desinteressantes devido ao caráter repetitivo e estereotipado das atitudes e ao reduzido número de cenários como nas cenas de interior e exterior. Nas primeiras, aparecem com freqüência, camas com moribundos e familiares rezando. Nas segundas, são recorrentes as cenas drásticas de exterior, tempestades em alto mar ou navios naufragados como nos ex-votos marítimos; ou cenas de desastres, campos devastados com casas em chamas, como nos ex-votos terrestres. Ainda que estereotipados, a percepção dos detalhes pode levar a conclusões bastante curiosas. Por exemplo, o fato de estabelecerem um jogo de olhares entre o milagrado, no campo terrestre, e o orago, no universo celeste. O espaço celeste da aparição, na maior parte das vezes, localiza-se no alto à direita, representando uma força sobrenatural geralmente nebulosa e mágica envolta em nuvem azulada, dando a impressão de que a aparição divina flutua no ar. O campo terrestre se apresenta, geralmente, sem efeitos sobrenaturais, revelando a expressão desesperada do devoto em busca de um socorro celestial. Era comum, portanto, a apresentação dos três espaços - a representação celeste, a cena humana e a legenda na parte inferior - da mesma forma que inexistia uma perspectiva pictórica.

Dentre os textos que tratam destas análises, podemos destacar o de Silva⁷⁰, que levanta algumas características básicas para a identificação: a) Os ex-votos com pinturas cênicas apresentam marcas de regionalismo tanto em relação à arte como à cena

⁶⁹ Os exemplares mais antigos são do início do século XVIII, como um ex-voto marinho de 1726, em painel de azulejo, que se encontra na igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem da Bahia. Ou também três quadros de 1729, na igreja de Santo Antônio de Igarapu, referentes à fundação da igreja dos Santos Cosme e Damião (1530), à peste de 1632 e ao saque da cidade pelos holandeses, no mesmo ano. E ainda, o ex-voto de 1745, conservado pelos beneditinos de Salvador, em que Agostinho Pereira da Silva conta sua vida em episódios, desde a partida da cidade natal em Portugal, passando por diversas vicissitudes em Minas Gerais, até receber as ordens sacras na Bahia. Para a reprodução desses ex-votos, cf. VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. Rio de Janeiro, Odebrecht, 1990. v. 4, p. 299 & MARINO, João (coord.). *Tradição e ruptura*. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 1984. p. 58-9 e 69. Apud, NEVES, Guilherme Pereira das. Os ex-votos pintados: uma prática votiva popular? *VIII Encontro Regional da ANPUH-RJ*, Vassouras, Rio de Janeiro, 2002. p.1

⁷⁰ SILVA, op. Cit p. 67

retratada; b) as rurais são mais ricas em criatividade do que as urbanas; c) o tamanho costuma ser pequeno; d) em relação aos que pertenceram a classes mais abastadas, é comum a figura do médico no quarto do doente desenganado; e) no período escravagista os brancos e senhores aparecem sempre com trajes nobres e em locais mais sofisticados; f) negros alforriados, mulatos e pobres são retratados em camas de uso comum, enquanto os mais nobres em camas com baldaquim; g) escravos salvos por votos formulados pelos seus senhores são retratados no momento crucial do perigo, quando o milagre se processa – legendas identificam milagre, milagrado, senhor do milagrado e agente do milagre, sendo comum que mencionem as nações dos agraciados e os trabalhos que executam; h) cenas referentes a acidentes e desastres ilustram com riqueza de detalhes o episódio que deu origem ao milagre; i) aqueles que são em benefício de animais, apresentam uma cena na qual o animal está salvo; j) aqueles relativos a naufrágios e incêndios são representados por embarcações em meio a tempestades, ondas gigantescas e raios, barcos transportando náufragos e casas sendo consumidas pelo fogo.

Nas legendas, o termo “ex-voto” aparece em peças de origem mais erudita. Nas mais comuns, a designação é “milagres ou promessas”. Há a nomeação de quem pediu a graça e quem a recebeu esclarecendo seu título ou a posição que ocupa na família ou no ofício; inclui ainda o nome do santo, o local e a data. Apesar de serem concebidos na forma acima citada, reservam-se, por vezes, alguns raros exemplares que não têm legenda e outros em que as cenas são representadas em quadros bem delimitados. As legendas eram escritas com tinta preta ou qualquer cor escura que sobressaísse no fundo branco.

Os ex-votos cênicos transmitem a imagem do passado, do presente e do futuro, a situação imediatamente anterior ao acontecimento que foi motivo de súplica, o fato em si e a benesse concedida.

A linguagem utilizada nas legendas era a usual e corriqueira, e não mostrava preocupação com a expressão formal e escrita. As palavras mais eruditas eram de cunho religioso, surgindo muitas vezes termos em latim. Utilizavam-se abreviaturas, inclusive para nomes próprios, muitas vezes difíceis de decodificar e que eram as usadas em documentos oficiais ou religiosos ou até mesmo inventadas, pois a falta de espaço na área reservada para as legendas muitas vezes ficava pequena para o devoto exprimir

todo seu agradecimento. As abreviaturas mais comuns de se encontrar são: que=por que; pa=para; M(ce)=mercê; fev(ro)=fevereiro; enq=em que; mor=maior;hua uma; Ds=Deus; Pera=Pereira; Franco=Francisco; Joaqm=Joaquim ou Joaquina; do=dito;da=dita; Nsa= Nossa; *f*^o =filho; *D*^o*r* =Doutor , *Fgr*^o =Figueredo; *mt*^o =muito; m ou te = mente e inúmeras outras.

Encontram-se ainda palavras unidas de forma estranha nos ex-votos mais rústicos, e percebe-se a pouca instrução do pagador de promessa. Outros demonstram um texto mais erudito, e a pintura é mais elaborada tecnicamente, dando sinais de uma origem mais culta.

No litoral do estado do Rio de Janeiro eram freqüentes as representações das tábuas em suportes de madeira recortados em volutas e contra-volutas que pareciam sugerir arquiteturas religiosas – muitos com a reprodução de olhos e dedicados a Santa Luzia, outros tantos, com doentes deitados em camas e dedicados a São Benedito⁷¹.

Sob o ponto de vista religioso, muitas destas tábuas votivas cênicas dão testemunho de relatos de milagres e servem como documentos comprobatórios para beatificação de pessoas falecidas, de reconhecidas virtudes.

A substituição do ex-voto cênico e o esculpido pela fotografia, cartas ou pelas moldagens em cera pode ser decorrente da praticidade da vida moderna - que encontra nestes outros meios sua forma de expressão pela facilidade da multiplicação e reprodutividade dos elementos e também a falta de interesse por parte do clero para com essas manifestações durante um longo período. Esses elementos têm contribuído para que o ex-voto pintado tenha se tornado raro. Os ex-votos pintados eram executados de acordo com a situação com o intuito de alcançar o que está além do plano terreno e mais próximo do mágico e do sobrenatural. Por essa razão, nos ex-votos cênicos, com o objetivo de dar uma impressão de algo inatingível, eram usados os efeitos plásticos da nebulosidade e os oragos eram colocados em plano superior ao dos homens. No final do

⁷¹ Podemos encontrar o registro deste material na coleção do Convento São Bernardino de Sena em Angra dos Reis, conservada no Museu de Arte Sacra. Esta coleção, que contém peças do século XVIII até o início do XX, é procedente das Igrejas de Santa Luzia , erguida em 1632, por pagamento de promessa; Nossa Senhora da Conceição, conhecida como Capela da Ribeira, edificada em 1771 e do Convento de São Bernardino de Senna, erguido em 1763. PESSOA, José & MATTOS, Maria Emilia, org. *Milagres: Os ex-votos de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. p17.

século XIX, a figura da divindade passou a ocupar menos lugar na pintura e em alguns casos chega a desaparecer. Este desaparecimento, segundo Neves,⁷² se deve ao abandono vivido pela população durante século XVIII, depois da expulsão da Companhia de Jesus dos territórios conquistados. Afinal, foram os jesuítas que se ocuparam da evangelização das novas terras da coroa portuguesa.

Embora a disseminação dos ex-votos pintados tenha sido incentivada pelos religiosos junto às elites, a expansão e a atuação da igreja em relação ao conjunto da população no Império português acabou comprometida pelo excessivo controle exercido pela Coroa sobre as instituições religiosas.[...] A insuficiente presença da igreja, depois da expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, e reforçados os controles sobre os religiosos com a política do Marquês de Pombal (1750-1777), fez-se acompanhar pelo pequeno contato com o escrito, que a igreja propiciava, favorecendo a persistência na América portuguesa de uma visão de mundo que considerava o divino como imanente, como parte do cotidiano.

Tanto nos ex-votos angrenses como nos da Igreja de Nossa Senhora da Penna, dos séculos XVIII, XIX e XX, diferente dos de Minas Gerais do século XVIII, não é valorizado o orago no espaço celeste com os efeitos de nebulosidade. O foco é voltado para a cena. A descrição do milagre e do agradecimento ao santo predileto do votante se faz por meio da legenda escrita no próprio objeto, sem que a pintura revele o clima sobrenatural do ambiente celeste.

As pinturas seguem um padrão e, em variados casos, é nítida a falta de técnica do pintor, muitas vezes amador. Os suportes são na maior parte tábuas de madeira, e a técnica utilizada é pintura à têmpera⁷³. As cores predominantes são o azul e o vermelho, que são as cores usadas com mais frequência na igreja. O vermelho é uma cor bastante presente, por inúmeras questões vinculadas a determinadas superstições, ou por ser uma das cores mais utilizadas pelo clero. Acreditava-se que o vermelho espantava os demônios.⁷⁴ Quando havia moldura, nos mais populares, utilizavam-se cores vivas e nos mais eruditos o dourado ou imitações de veios de mármore.

⁷² NEVES, Guilherme Pereira das. Milagres do cotidiano. *Revista de história da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano IV, n.41, p. 22-3, fev. 2009.

⁷³ Tinta de feitura doméstica, preparada com cola ou gema de ovo e pigmentos.

⁷⁴ As sementes de peônia, de papoula, as raízes de berinjela, e outras sementes e plantas vermelhas eram utilizadas como remédios para a epilepsia. Na tradição ibérica, a epilepsia é considerada um “*malefício*”, que implica, portanto, em ação demoníaca. Talvez por essa razão sejam mais raros os ex-votos diretamente referidos à epilepsia no Brasil como em Portugal. NEVES, Margarida de Souza. *Ciência e preconceito*. Rio de Janeiro: PUC/Depto História, 2005. 1-3

Os quadros executados em caso de doenças, o paciente costumava ser pintado com os cabelos cobertos com touca. As camas, os lençóis e travesseiros são geralmente brancos e contrastam com as colchas adamascadas.

As peças das promessas, em sua grande maioria, não eram feitas pelo devoto e sim por artistas e artesãos, sob encomenda. Muitos artistas populares se especializaram na confecção das peças utilizadas por romeiros, fiéis e pagadores de promessas desde o início da colonização, quando esta prática foi absorvida pelos habitantes da colônia.

Os artífices dessa arte, muitos deles anônimos⁷⁵, são popularmente conhecidos por "santeiros" ou "milagreiros" ou "riscadores de milagres", e exercem sua profissão de preferência nas regiões carismáticas, perto de algum santuário de peregrinação religiosa.

São peças feitas sob encomenda com uma função religiosa. O artesão se esforça para penetrar no imaginário do outro, e conseguir traduzir através da interpretação do desenho ou da forma, o desejo do devoto. Na ocasião das festas dos padroeiros, e nos momentos das romarias⁷⁶ os "riscadores de milagre" são muito procurados pelos pagadores de promessa, apesar de, atualmente, ter havido uma grande diminuição de encomendas deste tipo de ex-voto. Nestas ocasiões, eles conseguem aumentar seu sustento, ainda que recebam encomendas no dia-a-dia.

Os ex-votos retratam as vivências cotidianas de cada devoto traduzidas por uma representação e refletem o espelho de uma sociedade. Podemos dizer, metaforicamente, que o anônimo romeiro, em dia de festa religiosa, ao apreciar estas imagens nas salas de milagres se identifica e se detém surpreso, frente à diversidade de quadrinhos expostos, que parecem contar sua vida e de outros, como em um livro aberto.

Ao se interrogar sobre as formas como eram representadas as ofertas votivas no passado colonial, o pesquisador se encontra diante de um desafio, por se tratarem de elementos e artefatos de uma cultura cada vez mais inacessível. Como explica o

⁷⁵ Na região de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, no século XX, destacam-se os artistas da família Pimenta e os pintores: Antônio José Moreira, Geraldo Pedro Fernandes, Henrique Carlos da Silva Sarmento e seu filho João Carlos da Silva Sarmento, Carlos Freitas Bastos, Antônio Simão dos Reis e seu filho Benedito Laurentino dos Reis, e ainda o pintor Heitor Máximo da Costa do final do século XIX. PESSOA, José. *Milagres: os ex-votos de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001, p.30.

⁷⁶ Hoje, as romarias são cada vez mais frequentadas, como é o caso de Aparecida do Norte, além das festas religiosas como o Ciro de Nazaré que, além de fiéis, reúnem um grande numero de turistas e curiosos.

historiador francês Vovelle,⁷⁷ em seu texto sobre os ex-votos franceses: “é uma pesquisa difícil, pois aborda o mundo do silêncio, das fontes indiretas, dos documentos subtraídos ou oblíquos”. Complementando Vovelle, nos valem da observação de Roger Chartier⁷⁸ sobre as imagens:

A imagem é um exemplo magnífico para pensar, pois não é uma prática disseminada, é silenciosa, não é sequer um texto. Creio que querer analisá-la como texto é uma perspectiva teoricamente equivocada, porque a lógica de construção da imagem ou de decifração da imagem não é a mesma do texto. Parece-me que a lógica gráfica e a lógica textual não se identificam.

Em contraposição ao que nos diz Chartier, podemos afirmar que há uma total simbiose entre texto e imagem quando se trata de ex-votos cênicos. A legenda tem a função de reiterar a parte iconográfica, uma repetição, uma reafirmação. As imagens contidas nestes ex-votos são sempre seguidas de textos que narram e agradecem a graça alcançada, e por isso reproduzem textualmente a cena em questão, aproximando-se de um *story board*.

Já Turchini⁷⁹ considera “que o ex-voto pintado faz parte de uma cultura não escrita, mesmo quando nele aparece uma parte escrita. Julga esse autor que o código apresentado é o visual, faz parte da cultura oral”.

Como vemos o universo das práticas ex-votivas nos remete a inúmeras questões, mas em se tratando de Brasil, no período em que a escrita ainda era precária para a grande maioria, podemos até pensar em uma mensagem mais voltada para a comunicação oral.

2.3 Ações votivas

Os milagres, as promessas ou ex-votos vêm ao encontro do desejo do devoto de ser agraciado pelo calor divino. As devoções podem se manifestar de diferentes maneiras, como comenta Alves⁸⁰,

⁷⁷ VOVELLE, Michel. Os ex-votos do território marseelhês. In: *Imagens e imaginário na história. Fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XIX*. São Paulo: Ática, 1989. p.114. Apud, ABREU, Jean Luis Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, n.49, jan./jun. 2005.

⁷⁸ CHARTIER, Roger. Entrevista concedida a Isabel Lustosa em 23/11/2004. Reproduzido da revista eletrônica *Trópico* (<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/index.shl>)

⁷⁹ Turchini, Ângelo. *Lo straordinario e Il quotidiano negli ex-voti Bresciani*. Brescia: Grafo Edit, 1980. Apud. SCARANO, Julita. *Fé e milagre : ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP, 2004. p.103

as devoções podem se expressar ou não em uma promessa. Podem ser apenas voltadas para novenas (que geralmente é feita para a obtenção de uma graça) ou em acompanhar procissões de seu santo preferido, cumprindo o ritual, ou ainda podem se revelar através da oferta de um objeto, como os ex-votos.

Estas devoções podem vir a gerar outros tipos de pagamentos de promessas que são também chamados de ex-votos. Podem ser quadros votivos, poemas dedicados aos santos e ainda a construção de edificações. Nesta última, a intenção resulta em uma ação que redunde em um elemento concreto, e geralmente são construídas em locais com algum significado religioso, relacionados a aparições, fatos sobrenaturais, ou ainda em lugar próximo a algum desses episódios, como é o caso da Igreja da Penna.

A propósito dos quadros votivos⁸¹ podemos destacar um dos primeiros de que se tem notícia. Trata-se de um painel do século XIV, localizado na Santa Casa da Misericórdia do Porto, em Portugal. Representa D. João I de Portugal (1385-1433) e sua família, ajoelhados junto a seu santo protetor, em atitude de humildade e devoção. Outro exemplo é o tríptico que retrata D. João III com seu irmão D. Luís ao lado da Virgem. Na Espanha, os reis católicos, o Duque de Alba, Cristóvão Colombo e muitos outros valeram-se da pintura para demonstrar sua fé e gratidão tornando-se usual oferecer à Igreja quadros com a imagem do ofertante em situação de súplica.

Este hábito estendeu-se pela Europa e de lá o costume espalhou-se por toda a América Hispânica, sendo recorrentes na Escola Cusquenha⁸² Dão ênfase à beleza física das figuras agigantando os santos, afirmando-lhes sua superioridade, e reduzindo os seus devotos a pontos, muitas vezes, minúsculos nas telas. Até o século XVI, as imagens votivas se mantinham preferencialmente relacionadas às classes mais abastadas. A partir desse período, se disseminaram pelo mundo ocidental, arrolada por todas as classes sociais.

⁸⁰ ALVES Isidoro. *Carnaval devoto*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1980. p. 56

⁸¹ CASTRO, Márcia de Moura. O ex-votos em Minas Gerais e suas origens. *CULTURA. Revista trimestral*. Brasília, v.8 n. 31, p. 109, jan./mar.1979.

⁸² O termo "cusquenho" não se limita a Cuzco. Estas pinturas coloniais hispano-americanas foram produzidas igualmente em outros países andinos, como Bolívia e Equador, entre os séculos XVI e XVIII. A denominação se generalizou mais por ser a cidade de Cuzco, no Peru, a capital e o centro do Império Inca. São comuns os quadros em que aparecem um nobre espanhol ajoelhado ante o seu santo de devoção. Os cusquenhos ignoram a perspectiva e preferem o vermelho, o amarelo e as cores terrosas. Disponível em: <http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh..htm>. Acesso em julho de 2008

No Museu da Irmandade de N. S. da Glória, do Rio de Janeiro encontra-se um raro exemplar de uma pintura sobre tela, que foi esboçado por Auguste-Marie Taunay e terminado, após sua morte, pelo seu sobrinho, Félix-Emile Taunay. Trata-se da encomenda feita pela Imperatriz Dona Leopoldina, como oferenda a Nossa Senhora da Glória, por ocasião da queda de cavalo que sofrera Dom Pedro I em 1823. É conhecido como, o ex-voto de D. Leopoldina⁸³.

Na literatura encontramos, por exemplo, o famoso poema de Anchieta “De Beata Virgine Matre dei Maria”. Alguns historiadores supõem que este poema tenha sido escrito durante o período que Anchieta encontrava-se sob o cativoiro dos índios Tamoios. Abaixo transcrevemos o poema, onde Silva, em seu artigo, “Um poema devocional ou um ex-voto?”⁸⁴ levanta a hipótese deste texto ser um ex-voto, baseando-se no tom de agradecimento do poema-dedicatória, o que o torna uma raridade literária.

Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima, te prometi em voto
vendo-me cercado de feros inimigos.
Enquanto entre os Tamoios conjurados
pobre refém, tratava as suspiradas pazes, tua graça me acolheu
em teu materno manto
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.
A inspiração do céu.
eu muitas vezes desejei penar
e cruelmente expirar em duros feros.
Mas sofreram merecida repulsa meus desejos:
só a heróis compete tanta glória!”

⁸³ Dom Pedro I é sustentado por um anjo e é assistido por uma figura de mulher, sentada em trono de nuvens, portando um estandarte onde se lê a palavra “Glória”. A esquerda da composição aparece a figura da Imperatriz, montada a cavalo e tendo o braço direito erguido em direção à aparição. Ao fundo vê-se a fazenda dos macacos de onde teria vindo o Imperador. À direita o animal galopa em direção ao passo Imperial. Neste mesmo século, em 1871, citamos o quadro de Manuel Lopes Rodrigues em que a índia Catarina Paraguaçu-Caramuru, vestida à européia, reza à Nossa Senhora da Graça, cuja igreja, representada em segundo plano, ela havia fundado. CASTRO, op.cit. p. 111.

⁸⁴ SILVA, Maria Augusta Machado da “Um poema devocional ou um ex-voto?” Comunicação feita no dia 10 de junho de 1997, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, representando o Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica nas comemorações dos 400 anos da morte de José de Anchieta. São 5786 versos escritos em latim. A obra de José de Anchieta foi produzida entre 1563 e 1597.

Sobre a personalidade de Anchieta, que pode explicar um pouco o poema-dedicatória, comenta Coutinho⁸⁵,

Anchieta era um espírito místico, sabia-se que em Coimbra vivia em estado permanente de êxtase diante do altar da Virgem Maria. Sua formação em Coimbra deve ter sido puramente litúrgica. Não absorveu nada do humanismo renascentista, que exigia maturidade intelectual, racional, não do seu feitio.

Esta descrição da personalidade de José de Anchieta feita pelo crítico vem ratificar a possibilidade da intenção votiva do padre em relação à Virgem.

Como pagamento pela graça alcançada os devotos ergueram muitas edificações como, monumentos, mosteiros⁸⁶, igrejas e capelas em vários locais diferentes espalhados pelo mundo e muitos são hoje reconhecidos e considerados patrimônio cultural e religioso, tornando-se, alguns, locais de romaria.

Nos tempos das grandes travessias pelos oceanos, em função da precariedade das embarcações, a tripulação sofria muitos riscos, expostas a temporais e a doenças. Por conta deste desespero, seus integrantes prometiam a seus santos eleitos que, se chegassem sãos e salvos, pagariam a promessa com a construção de templos. Não eliminando, entretanto, as representações de navios e caravelas entregues em locais sagrados, ou parte dos mesmos como pedaços do convés, da proa ou da popa ou um pedaço das velas das embarcações.

No Brasil, no estado da Bahia na cidade de Salvador, as mais famosas são as Igreja de Nossa Senhora da Graça⁸⁷ do século XVI, construída devido à conhecida lenda de Caramuru e Catarina Paraguassu, e ainda a Igreja do Bonfim (1745), fruto de promessa feita pela tripulação sob a ameaça de naufrágio.

No estado de Minas Gerais encontramos capelas votivas do início do século XVIII. Entre elas, o Santuário de Congonhas do Campo - erigido no local onde antes

⁸⁵ COUTINHO, Afrânio. *O processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983. p.21.

⁸⁶ Na Espanha e em Portugal a promessa de erguer edificações em forma de templos ou monumentos como forma de pagamento de uma graça alcançada era constante. Citamos, por exemplo, o Mosteiro de Alcobaça, construído por Afonso Henriques depois da tomada de Santarém dos sarracenos; o Mosteiro da Batalha, símbolo de gratidão a Santa Maria da Vitória pelo sucesso na luta contra a Espanha; e ainda a Torre de Belém; o Convento de Mafra; a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em Tavira⁸⁶ e muitos outros.

⁸⁷ O nome Maria da Graça, dada a autora deste trabalho por seus pais, foi por promessa a esta santa.

havia o início da construção de uma capela dedicada ao Bom Jesus de Matosinho⁸⁸ e a Igreja de Nossa Senhora do Ó⁸⁹, em Sabará.

No Rio de Janeiro encontramos inúmeros exemplos de igrejas cuja origem é o pagamento de uma promessa e muitas delas trazem consigo a história de sua edificação. Citamos como exemplo, na região metropolitana, a Igreja da Candelária⁹⁰, localizada no centro do Rio de Janeiro, cujo afresco do interior da abóboda central narra a sua história. A Igreja da Penha de França⁹¹, no bairro da Penha, famoso santuário, também existe por motivo de promessa. E ainda a Igreja da Penna, objeto de pesquisa deste estudo. Hoje, muitas destas obras são tombadas e integram o patrimônio artístico religioso do Brasil.

2.4 Para além da devoção: representações, apropriações artísticas e científicas e relatos sobre ex-votos.

Os ex-votos ultrapassam os limites da devoção e são utilizados em diferentes situações.

Podemos observar o interesse de alguns artistas como Jean Baptiste Debret em registrar a prática religiosa da população do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Debret destacou-se por ser o autor que melhor representou diferentes momentos da vida cotidiana da cidade. Em duas de suas aquarelas⁹² encontramos

⁸⁸ Promessa do minerador português Feliciano Mendes por estar muito doente. CASTRO, Márcia de Moura. O ex-votos em Minas Gerais e suas origens. *CULTURA. Revista trimestral*. Brasília, v.8 n.31, jan./mar.1979. p.111

⁸⁹ Talvez seja a única que existe em sua forma primitiva, além de possuir o próprio ex-voto do Capitão – mor, Lucas Ribeiro que a mandou construir, relatando como escapou de um ataque de soldados da Companhia de Dragões, graças à ajuda da “dita senhora”. Idem. p.111.

⁹⁰ Fundada em 1630, a Candelária era conhecida como Igreja da Várzea. O capitão de nau mercante Antônio Martins de Palma e sua esposa mandaram construir a igreja como pagamento de uma promessa feita a Nossa Senhora da Candelária por terem conseguido se salvar de um naufrágio.

⁹¹ No ano de 1635, o Capitão Baltazar de Abreu Cardoso subiu no penhasco para ver as plantações de sua propriedade, da Fazenda Grande ou de Nossa Senhora da Ajuda, na freguesia de Irajá, no Rio de Janeiro. De repente foi atacado por uma enorme serpente. Baltazar, que era devoto de Nossa Senhora, quando se viu só e incapaz de se defender, pediu socorro a Nossa Senhora gritando: “Minha Nossa Senhora, valei-me!”. Nesse preciso momento surgiu um lagarto inimigo das serpentes, e travou-se uma luta entre os dois animais. Baltazar não perdeu tempo e fugiu. Depois de se recuperar do susto, Baltazar reconheceu que o lagarto apareceu precisamente no momento em que ele pediu a proteção da Virgem Maria. Baltazar prometeu, então, construir uma pequena capela onde colocou uma imagem de Nossa Senhora. A capela vista à distância atraiu a curiosidade de fiéis e muitos queriam conhecer a capela, uns para pedir e outros para agradecer graças alcançadas.

⁹² Exibidas em exposição sobre Debret, realizada na Casa França Brasil em novembro de 2007.

imagens de votantes, entrando na igreja para pagar suas promessas. Uma das aquarelas de 1826 - que mede 15.8 x 21.9 - se refere a um velho convalescente, seguro por outras pessoas, trazendo seu ex-voto que é representado por uma grande quantidade de círios. Em outra aquarela de 1828 - cuja medida é 14.7 x 20.50cm – há a representação de alguns marujos sobreviventes do naufrágio carregando um mastro com uma grande vela de navio enrolada, com sapatos pendurados. São quatro pessoas carregando o mastro, todos descalços, porém só dois sapatos pendurados no mastro.

A estética dos ex-votos se manifesta como fonte inspiradora de alguns artistas contemporâneos que se apropriam desses elementos em seus trabalhos, muitas vezes recriando-os. Podemos citar alguns como: Farnese de Andrade, Sante Scaldaferrì, Antonio Maia, Adelson Medeiros e até mesmo em Arthur Bispo do Rosário, podemos encontrar sinais. Em alguns casos, se utilizam de objetos da vida cotidiana em suas acumulações ou *ready made*, e servem-se de vários elementos encontrados nas salas de milagres, desde chumaços de cabelo, fragmentos do corpo, passando até por elementos sacros e místicos.

Os ex-votos cênicos podem servir como fonte de identificação de dados sobre as famílias e sobre os autores das encomendas dos quadrinhos. O escritor Artur Azevedo foi um dos primeiros pesquisadores a avaliar o valor documental e artístico destas pinturas. Registrou este fato em um artigo que escreveu para a Revista Kosmos, publicado em fevereiro de 1904, alertando para a importância destes objetos devocionais. Em 1904, o escritor encontrou na Igreja do Carmo, em São João Del Rei, MG, um conjunto de pinturas ex-votivas, do século XIX.

A sua atenção voltou-se, especialmente, para um ex-voto cênico de 1855⁹³, e através das informações contidas na legenda o escritor conseguiu identificar a família e as pessoas retratadas na pintura. Era um caso de doença e Azevedo conseguiu descobrir também o nome do médico e o autor da obra.

A prática dos ex-votos, representada pelas formas escultóricas, pode suscitar pesquisas científicas e iniciativas sociais em benefício da população. Como exemplo, transcrevemos a seguir matéria publicada em artigo do *Jornal do Brasil*:⁹⁴

⁹³ Artur Azevedo nasceu em 1855, talvez o interesse por este ex-voto tenha sido a coincidência de datas. SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. p. 54

⁹⁴ ARARIPE, Flaminio. Pesquisa com ex-votos mostra apelos à saúde. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1992.

A romaria de Canindé, no Ceará, município criado em 1987, à Basílica de São Francisco, é, sobretudo, uma grande passeata em busca da saúde. Por conta deste fenômeno que atrai um enorme número de fiéis que se deslocam a Canindé para pagar suas promessas, geralmente associadas a alguma cura alcançada, o curso de Medicina Social da Universidade do Ceará, coordenado pelo Professor Dr. Adalberto Barreto desenvolveu um inventário dos ex-votos trazidos pelos fiéis e colocados na sala de milagres. Ao longo da pesquisa, constataram uma incidência menor de membros inferiores, comparando a anos anteriores, devido a campanhas de vacinação anti-poliomelite realizadas no sertão. Em contrapartida, o excesso de ex-votos de cabeças revela a acefalia⁹⁵ no estado. Em outra sondagem detectaram que um terço deste material revelava que os peregrinos não tinham casa própria ou terra para trabalhar; pois os ex-votos que recorriam a este tema revelavam esta situação social em que se encontravam.

A partir destas constatações foi desenvolvido o projeto Canindé voltado para a saúde. O projeto congregava parteiras, rezadeiras, onze agentes de saúde do hospital local e ainda, horto de plantas medicinais, pequeno laboratório para manipulação de remédios fitoterápicos e cursos de aperfeiçoamento na área de saúde.⁹⁶

Vemos assim como o tema é importante do ponto de vista artístico, religioso, cultural, documental e até mesmo científico, e se conecta diretamente à arte religiosa e à arte popular, despertando o interesse de historiadores, de arqueólogos e de antropólogos.

Viajantes estrangeiros também deixaram relatos sobre a tradição dos ex-votos e suas formas de representação. Citamos o viajante francês Saint-Hilaire que, no século XIX, visitou o santuário do Bom Jesus de Matosinhos, e se surpreendeu com a quantidade de oferendas que se achavam na "casa de milagres", construída de um dos lados do templo. Dizia o viajante que “ tamanho era o número de oferendas e membros de cera, que não cabe mais nada”.⁹⁷

⁹⁵ Ausência congênita de cabeça; acefalismo

⁹⁶ Durante a romaria, a Universidade enviou cerca de 400 estudantes a Canindé para estagiarem, aproveitando a aglomeração humana para difundir programas de educação em saúde por meio das artes. O método lúdico-educativo empregado foi através da música. Sua eficácia foi garantida, pois trabalhava com os próprios violeiros e cantadores da região, integrando-se ao que a população estava acostumada a lidar, como forma de facilitar a assimilação. Tais iniciativas criaram um elo entre a medicina popular e a medicina moderna. O Projeto foi financiado pela instituição francesa *Association de Recherche Medicale de l'Enfance*.

⁹⁷ SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975, p.93. Apud, ABREU, Jean Luis Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, n.49, p. 13, 2005.

Outro relato que merece destaque é o do viajante norte-americano Thomas Ewbank ⁹⁸, que esteve no Brasil na mesma época e escreveu o livro *Vida no Brasil*. Assim narra sua experiência com relação aos ex-votos, em escrito datado de 10 de março de 1845:

[...] Passei pela Igreja de São Francisco de Paula e entrei nesse templo que está sendo submetido agora a amplas remodelações. Sem dúvida nada pode perturbar os devotos do Rio. [...] Haviam-me dito repetidas vezes que em toda igreja podiam-se ver em maior ou menor número ofertas votivas por curas milagrosas e eu freqüentemente respondera que jamais conseguira encontrar uma delas sequer. Soubera que, embora anteriormente fossem pendurados nos altares, tais objetos eram agora restritos às sacristias e corredores laterais [...] Mais alguns passos e nos encontramos num corredor amplo e alto. As paredes pintadas de branco e divididas em compartimentos por pilares, entre os quais se vêem suspensos os objetos que procuramos. Não exatamente como eu esperava, mas como poderia alguém que tivesse lido a respeito dos ex-votos clássicos deixar de encontrar prazer em ver os modernos exemplares? A cerca de três metros do soalho, estendem-se longas vigas de madeira, nas quais as ofertas estão suspensas por meio de cordões e fitas. Existem aqui quarenta e nove placas votivas, cada uma das quais com o nome do devoto que a ofereceu, a enfermidade que o prostrou e o santo que devolveu a saúde. São pequenas tábuas pintadas, tendo em média 20 centímetros de comprimento por 13 de largura e cortadas de maneira muito interessante. Muitas têm beiradas douradas e na maioria as inscrições são em letras também douradas; algumas são metade de uma cor e metade de outra. Tomadas em conjunto, a diversidade do colorido faz lembrar os cartões de amostras dos fabricantes de tecido de algodão. Algumas parecem de data recente, mas a maior parte é muito antiga. Em algumas ve-se desenhado um rosto para indicar a localização da moléstia. Dezesseis delas retratavam camas nas quais estavam deitados os enfermos. Em diversas, São Francisco aparece em uma nuvem no canto da sala, dizendo o que fazer a seus amigos sofredores. Em outras, monges e freiras beatificados introduzem-se através de buracos no teto e ditam prescrições, enquanto a inscrição por baixo declara que os médicos celestes apareceram assim visivelmente e transmitiram de viva voz seu conselho. Transcrever as inscrições seria o mesmo que copiar a linguagem de tabuletas semelhantes encontradas nos templos do Egito, da Síria, da Grécia e da Roma antiga. Cada uma delas começava com a palavra “milagre” ou “milagroso”. Algumas registram salvação em naufrágios. Os piedosos pagãos não se limitavam a expressar seu reconhecimento pela intervenção das divindades médicas, mas penduravam também no templo figuras de bronze, madeira, etc., representando os membros enfermos. O mesmo acontece aqui. Cabeças, mãos, braços, pés, pernas etc., de dimensões naturais, mas moldados em cera, misturam-se com as placas [...]

[...] Quando me retirei um amigo foi comigo à loja de um fabricante de velas de cera, onde encontrei além dos membros mencionados, abdomens, peitos, isolados e aos pares, coxas, corações, faces, dedos, joelhos e rostos, todos em tamanho natural, mas ocos e extremamente leves. Havia também crianças de vinte e cinco a 35 centímetros de altura. O proprietário contou-me que existiam no Rio vinte e dois fabricantes de velas, mas apenas sete produziam aqueles artigos, que eram consideravelmente procurados no interior. São fabricados em moldes de gesso e constituem um ramo regular de negócio.

⁹⁸ EW BANK, Thomas. *Vida no Brasil: diário de uma visita à terra do cacauzeiro e da palmeira*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1976, p 119-20.

Mostrando-me alguns espécimes no balcão, perguntei o preço. “Depende das circunstâncias”- respondeu- “não temos preços fixos”.

Thomas Ewbank demonstra que não era tão banal encontrar ex-votos nas igrejas do Rio de Janeiro, como ainda não o é. Esta prática se restringe a templos específicos de determinados oragos, que têm o privilégio de serem consagrados como milagrosos, e a partir de então são freqüentados por devotos, se tornando locais de oferta destes objetos como agradecimento às mercês recebidas.

Estes objetos retratam ainda a sociedade em diferentes momentos. No caso dos ex-votos cênicos - onde é reproduzida em desenho ou pintura a cena que o devoto quer demonstrar - se percebe, pelas imagens nelas contidas, elementos significativos que definem o caráter informativo da vida, dos costumes, do vestuário de épocas passadas.

Podem vir a registrar e documentar raras manifestações artísticas como, por exemplo, uma das primeiras vezes em que a mulher branca é apresentada na pintura no Brasil, no séc. XVIII para XIX.⁹⁹ Isto se dá em razão do vínculo da mulher com os espaços sócio-religiosos, um dos poucos lugares públicos onde lhes era permitido freqüentar.

Observamos também um papel significativo na história do mobiliário, já que um dos primeiros registros iconográficos de uma cama com dossel, no Brasil, aparece em uma tabuinha de ex-votos cênicos, de 1798, dedicada a Sant’ana,¹⁰⁰ onde o votante está deitado na cama. Este tipo de móvel era raro nas casas brasileiras e demonstra que seu proprietário pertencia a um grupo social mais abastado.

2.5 Ex-votos enquanto patrimônio cultural

A partir dos anos 1920, no Brasil, surge a proposta de preservação dos monumentos históricos. Na década seguinte, com a criação do SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - posteriormente transformado em IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), foi oficializada uma política específica para a identificação e a preservação de obras de arte, monumentos, sítios e demais bens de

⁹⁹ MATTOS, Maria Emilia. Promessa, milagre e ex-voto. IN: PESSOA, José e MATTOS, Maria Emilia. *Milagres: os ex-votos de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. p. 31-2.

¹⁰⁰ ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. IN: *HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Coord. Geral. Fernando A. Novais; org. Laura de Mello e Souza. São Paulo: Comp. das Letras, 1997. (Col. Historia da vida privada no Brasil, 1) p.108-9.

natureza material, bens móveis ou imóveis, conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos ou naturais, considerados de valor histórico e artístico consagrado.

A partir deste momento, entre as igrejas tombadas, figura a Igreja de Nossa Senhora da Penna, que será o foco do capítulo 3 dessa dissertação. Observa-se que os devotos contribuíram ao longo dos séculos passados para o enriquecimento do patrimônio histórico cultural com a construção de muitas igrejas, em diferentes momentos da nossa história, revelando estilos arquitetônicos diversos. A razão destas construções se deve ao pagamento de promessas.

No ano de 1938, Luís Saia, arquiteto paulista, membro da diretoria do SPHAN, participou de um grupo de pesquisa com a finalidade de levantar a arquitetura religiosa e costumes do nordeste. Foi Saia quem encontrou em diferentes locais, inúmeros exemplares de cabeças designadas “milagres”, peças estas desgastadas pela ação do tempo. Com base neste levantamento que se estendeu de São Luis, no Maranhão a Salvador, na Bahia, Luís Saia publicou um ensaio intitulado *Escultura Popular Brasileira*¹⁰¹. Paralelamente, Mário de Andrade, que dirigia o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, realizou importante e pioneira pesquisa de campo destinada a documentar a música popular do nordeste.

Gilberto Freyre em seu artigo publicado no livro *Ex-votos* de Mario Cravo¹⁰² reproduz o comentário de Saia: “nem os estudiosos que contatou já no nordeste, alertaram-no para a existência de ex-votos de madeira na região e sua eventual importância.” Textualmente, o autor diz: “nem eu nem os que me informaram antes e durante a viagem sabiam nada acerca do milagre de madeira”.

No ano de 1945, os pesquisadores de arte Hannah Levy e o americano Robert C. Smith, da Universidade da Pensilvânia, USA, foram contratados pelo IPHAN para levantarem os objetos ex-votivos da região do ciclo do ouro. Através dos estudos de pinturas ex-votivas fizeram o reconhecimento do mobiliário, imaginária e ambiências diversas e revelaram a preciosa contribuição deste segmento artístico para o estudo do retrato. Foi publicado, naquele mesmo ano, pela Revista do IPHAN, em seu número 9, esta pesquisa cujo título é “Retratos coloniais”.¹⁰³

¹⁰¹ SAIA, Luís. *Escultura popular brasileira*. São Paulo: Edições Gaveta, 1944.

¹⁰² CRAVO NETO, Mario. *Ex-voto*. São Paulo: Áries, 1986. Prefácio de Pietro.Maria Bardi. Introdução de Gilberto Freyre e artigo de Mário Barata. P.4

¹⁰³SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. p. 55.

A partir dos anos 1950, pesquisadores de arte se dedicaram aos estudos dos ex-votos e foram publicados alguns trabalhos importantes como o do crítico Mário Barata,¹⁰⁴ e do pesquisador Clarival do Prado Valladares¹⁰⁵.

Dado ao interesse despertado por parte dos intelectuais e em função de seu significado histórico, artístico, religioso e patrimonial, o ex-voto é, em alguns casos, retirado de seu ambiente natural e integrado em outros contextos (museus, coleções particulares, galerias de arte e residências), configurando-se assim como peça de caráter museológico.

Em se tratando deste tema é referência obrigatória citar Pomian, como o faz Lippi.¹⁰⁶

A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade herdada. O processo pelo qual se forma um patrimônio é o de colecionar objetos, mantendo-os fora do circuito das atividades econômicas, “sujeitos a uma proteção especial e expostos ao olhar dos deuses ou dos homens”. O valor desses objetos é atribuído pelos mitos e pelas tradições. “Suporte da memória coletiva e da história dos homens os objetos de coleções fazem parte da categoria dos “semióforos”, objetos portadores de significado e que encarnam a riqueza e/ou o poder, como diz Pomian no verbete “Coleção” da *Enciclopédia Einaldi*.

Os ex-votos expostos em um museu estabelecem a mediação entre os visitantes e a religiosidade contida nestes objetos e torna “visível” aos espectadores essa dimensão com o “invisível”, aquele momento mágico de comunicação entre o votante e a divindade, no momento do agradecimento .

Gonçalves¹⁰⁷ também é autor fundamental quando nos referimos a esta discussão. Em seu texto sobre o patrimônio como categoria de pensamento argumenta, em referência à festa

¹⁰⁴ BARATA, Mário. Arte e significação dos ex-votos populares. *A Tarde*, Salvador, 8 fev. 1967
Idem. Artes populares e ex-votos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1967.

¹⁰⁵ Valladares iniciou sua pesquisa, no ano de 1939 e fez o levantamento dos ex-votos da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Escreveu vários artigos em jornal, destacando-se “Primitivos Genuínos e Arcaicos”, de 1966, posteriormente publicado em seu livro VALLADARES, Clarival do Prado. *Memória do Brasil: um estudo da epigrafia erudita e popular*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976 e também no catálogo - *MOSTRA do Redescobrimto: arte popular*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos: artes visuais. São Paulo: Fundação Bienal de S. P., 2000. p. 92-101. E ainda o livro *Riscadores de milagres*. Salvador: Secretaria de educação e Cultura da Bahia, 1967. O título do livro é uma homenagem ao artista popular baiano que confeccionava ex-votos, por encomenda, João Duarte da Silva, vulgo João Pinguelinho, que assinava os ex-votos pintados com o pseudônimo de *Toilette De Flora*..

¹⁰⁶ LIPPI, Lúcia. *Cultura é patrimônio, um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. 114 p.

¹⁰⁷ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.p.27

religiosa do Divino Espírito Santo: “é possível preservar uma “graça” recebida? É possível tomar os “sete dons do Espírito Santo?” E responde: “Certamente que não. Mas, é possível, sim, preservar por meio de registros e acompanhamentos, estruturas espaciais, objetos, festas, ritos e rituais, como patrimônio”.

Podemos tomar como desafio, adequar este argumento à prática dos ex-votos, e preservá-la, pelo seu significado mágico-religioso, guardião da fé e portador do elemento de ligação entre os homens e as divindades. Segundo o autor, “essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições”, muito semelhante, nós diríamos, à prática dos ex-votos, promessas e milagres.

Diante desta questão onde poderíamos enquadrar os ex-votos? Em uma categoria distinta dos patrimônios materiais, apesar de sua representação ser concreta, ou na do imaterial e intangível – onde estão inseridos os lugares, as festas, a música a dança, a culinária, e, em particular, as práticas religiosas - na qual se valoriza mais aspectos devocionais e valorativos?

Pelas suas características de apelo ao sobrenatural e considerando-se que é uma prática religiosa, provocadora de outros rituais como as festas religiosas, as romarias, as rezas, fortalecendo as relações sociais e simbólicas, nós os enquadraríamos na categoria de patrimônio imaterial.

Com relação à salvaguarda destes objetos, vale registrar que a primeira coleção de ex-votos do Brasil pertenceu à Imperatriz Teresa Cristina, que vinda da família dos Bourbon e dos Farnese, tradicionais colecionadores, trouxe, como parte do seu dote, exemplares da arqueologia clássica. São cabeças votivas de cerâmica etrusca do século III a.C, hoje acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Estas peças marcam a fase em que começam a aparecer os ex-votos masculinos.¹⁰⁸

Encontramos no Brasil alguns acervos de ex-votos em museus e coleções particulares. Graças à visão de artistas, colecionadores e pesquisadores - tais como Jacques Van de Beuque (cuja coleção integra o Museu do Pontal, do Rio de Janeiro), Franco Terranova (cuja coleção encontra-se no acervo do Santuário de Bom Jesus do Matosinho, em Congonhas do Campo), Mário Cravo e Augusto Rodrigues, entre outros - preciosos exemplares escultóricos foram salvos de queimas periódicas. Outras

¹⁰⁸ CASTRO, Márcia de Moura. O ex-votos em Minas Gerais e suas origens. *CULTURA. Revista trimestral*. Brasília, v.8, n.31, jan./mar.1979. p. 107

coleções¹⁰⁹ integram museus de arte popular e de arte sacra, ocupando salas específicas, tais como a coleção de ex-votos do Convento São Bernardino de Sena, conservada no Museu de Arte Sacra de Angra dos Reis.

Algumas coleções integram os acervos dos próprios templos religiosos. Como exemplo, o Museu dos Ex-Votos, da Igreja do Bonfim, em Salvador; o Museu dos Ex-votos da Igreja e Convento do Carmo, em São Cristóvão, Sergipe; o Museu do Santuário de Nossa Senhora da Penha, no Rio de Janeiro, e a grande coleção de tábuas votivas da Igreja de Nossa Senhora Desatadora dos Nós junto à Igreja de Santa Rita em Búzios, Rio de Janeiro.

A Igreja da Penna possui também uma expressiva coleção de ex-votos de diferentes características, com a particularidade de ser ela própria um ex-voto, como veremos no capítulo a seguir.

¹⁰⁹ A coleção de arte popular de Paulo Pardal, que inclui além das numerosas carrancas do Rio São Francisco, ex-votos pintados e esculpidos foi adquirida pelo comendador português Joe Berardo, colecionador de arte e comporá o acervo do Museu de Arte Popular, em Barra de São João, distrito de Casimiro de Abreu, cuja inauguração está prevista para o ano de 2009.

CAPÍTULO 3: A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENNA

“[...] os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza [...]”. Pierre Nora

3.1 ORIGEM E HISTÓRIA

O presente capítulo trata da Igreja de Nossa Senhora da Penna¹¹⁰, uma das mais antigas igrejas da cidade do Rio de Janeiro e objeto de estudo desta pesquisa, escolhida por se tratar de um ex-voto arquitetônico, além de possuir sala de milagres com um significativo conjunto de ex-votos de diferentes categorias.

A referida igreja foi construída em 1661 e inaugurada em 6 de março de 1664, confirmado por alvará régio do mesmo ano, segundo seus próprios documentos.

A origem da Igreja da Penna se reporta ao pagamento de uma promessa, por uma graça alcançada, caracterizando-se assim como um ex-voto arquitetônico, como tantos citados no capítulo 2 deste trabalho. O atual capelão da Penna Padre Henrique Ney Soares Martins, conhecido como Padre Henrique¹¹¹, responsável pelos atos litúrgicos da Igreja da Penna e que tem moradia fixa em uma casa no começo da ladeira, comentou na entrevista concedida: “[...] É com certeza um ex-voto e temos conhecimento de muitas outras, que o são. A igreja da Penha de França, a Igreja da Candelária e outras pelo Brasil a fora, como Igreja do Bonfim, Nossa Senhora de Aparecida, Bom Jesus do Matosinho [...]”.

A lenda de origem, cuja época remonta ao ano de 1661, nos conta que um escravo perdeu um bezerro do rebanho de seu senhor e, por esta razão, foi ameaçado de castigo grave, caso não o encontrasse. Desesperado o pequeno pegureiro pediu proteção à Virgem. Ao olhar para a Pedra do Galo, teve a visão de Nossa Senhora apontando para onde estava a rês. O fazendeiro, que estava por perto, foi testemunha do fato milagroso e em reconhecimento mandou construir a ermida, no local, em louvor a ela. Como recompensa pelo fato do escravo ter encontrado o animal, o fazendeiro o alforriou¹¹².

¹¹⁰ A grafia do nome da Santa era com um “n”. Em alguns documentos aparece “Peña”, como no idioma espanhol e em outros “Penha”, por estar o templo em cima de um penhasco. Ignora-se o acréscimo de mais um “n”, no primitivo título. ROHAN, Amadeu Beaurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna* . 1946. p. 9.

¹¹¹ Entrevista concedida a Graça Coutinho na sacristia da Igreja da Penna no dia 13 de junho de 2008.

¹¹² Folheto sobre a História de Nossa Senhora da Penna, protetora das Artes e Ciências, Ladeira Nossa Senhora da Penna, Freguesia Jacarepaguá. Dezembro de 1968 e ROHAN, Amadeu Beaurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna* . 1946. p. 18.

No ano de 1723, o Frei Agostinho de Santa Maria comenta em sua obra o Santuário Mariano¹¹³.

[...] o Santuário de Nossa Senhora da Penna[...] fundou esta casa n'aquelle alegre e notável sitio o Padre Manoel de Araujo, que foi o mesmo que fundou a Igreja de Nossa Senhora do Loreto no mesmo lugar de Jacarepaguá. Este devoto clérigo, era devotissimo da Mãe de Deus, e bem podia ser que de Lisboa levasse esta imagem para o Rio de Janeiro, & que na viagem lhe fizesse alguns milagres por cuja causa lhe dedicaria aquelle Santuário n'aquelle tão notavel sitio ao qual a Senhora enobrece com muytas e notáveis maravilhas.

Supõe-se, que a capela tenha sido fundada pelo Padre Manoel de Araújo¹¹⁴, em terreno de sua propriedade. Foi primeiramente erguida como uma ermida¹¹⁵, ao longo dos anos, transformou-se em ruínas. Em 1770, foi reconstruída por José Roiz de Aragão, com seus próprios recursos, passando então para a categoria de Igreja. Em 1771, este mesmo devoto, doou terras do Engenho da Serra de sua propriedade, em favor do templo acrescentando a esta doação, quatro mil cruzados para o patrimônio da capela. Existe nos arquivos da Penna a escritura¹¹⁶ de doação de 30 de abril de 1771, em cujo texto (na grafia original) consta:

[...] nas terras de seo engenho da Serra, que houve por compra, aliaz rematação que fez no juízo do feito se acha uha Capella de Nossa Senhora da Penna que esta no alto de hum morro e estando a mesma arruinada a mandou reedificar de novo [...] que nella se diga missa e se faça festa todos os annos e procurando saber em que se lhe havia feito patrimônio do tempo de sua eresaam, o não achou, talvez pelos mtos annos que tem pasado[...] faz doação para o patrimônio da mesma Cap. Na quantia de coatro mil crusados do mesmo engenho especialmente lhe faz mais doaçam de toda terra que principia da porteira que está

¹¹³ SANTA MARIA, Agostinho, Frei. *Santuário Mariano*. 1723, p. 196. Apud. ROHAN, Amadeu Beaurepaire. *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna*. 1946. p. 19

¹¹⁴ Nenhum documento faz a associação entre o fazendeiro da lenda e o Padre Manoel de Araújo, dando a impressão de duas origens distintas, a da lenda e a do dono da terra. Mas todas as duas versões são voltadas para o pagamento de promessa.

¹¹⁵ É definida como pequenos locais de culto, geralmente erguidos para abrigar uma só imagem, não tinham privilégio de altar ou sacrário. Nela as pessoas se reuniam para rezar o terço e cantar ladainhas. Em sua etimologia, o termo define, em latim “eremíta,ae” lugar deserto, afastado. Daí vem o termo que referencia a pequena igreja em lugar ermo. As capelas e igrejas, na hierarquia canônica, são superiores às ermidas, pois tem direito a um capelão, que é o sacerdote responsável pela celebração das missas e a condução do culto. O termo igreja advém do grego ekklésia, que eram as assembléias por convocação, do povo ou dos guerreiros, dos anfitriões ou dos fiéis. Tais reuniões passaram a ter o lugar na igreja. Durante a cristandade, passou a ser o lugar de ajuntamento dos primeiros cristãos. ERMIDA-Nossa Sra da Graça. Disponível em: <http://www.casadorre.org.br/origens.html>. Acesso em 16 de setembro de 2007.

¹¹⁶ ROHAN, Amadeu Beaurepaire. *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna*. 1946. p.65-68.

sobre a valla da porta d'ágoa que vai para o Engenho do Visconde de Aséca correndo pela mesma valla até a altura em que está outra valla que cerca o partido do Gabinal subindo pelo outeiro da mesma Capella até dar no caminho que vai da Igreja de Nossa Senhora do Loreto pa a mesma capella [...] e dentro desta terra está a Igreja do Loreto de jacarepaguá[...] com a condissam e obrigaçam delle ser o administrador enquanto viver e pella sua morte seu filho Manoel Roiz Aragão e pella deste quem for o possohidor do mesmo engenho[...]

No folheto da igreja¹¹⁷, há uma referência que o Padre Manoel de Araújo a descreve como sendo “[...] uma edificação afortalezada de paredes espessas, de madeira de lei, contra o abuso no provejamento, ante a ameaça de pirataria e temendo as flechas dos índios. Casa para rezar e defender cristãos”.

A Igreja da Penna é considerada um local de veneração e peregrinação, onde a prática de pagar promessas é mantida até hoje, pelos feitos milagrosos de Nossa Senhora da Penna, que é originariamente considerada a protetora das artes, das ciências e das letras¹¹⁸.

3.2 LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA DA REGIÃO

A Igreja da Penna¹¹⁹ fica localizada na Praça Nossa Senhora da Penna, Ladeira da Freguesia, no alto de um penhasco de 170 metros de altura, conhecido por Pedra do Galo. É um dos principais marcos históricos de Jacarepaguá¹²⁰, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, localizado entre a Barra da Tijuca e a Serra da Pedra Branca.

¹¹⁷ FOLHETO sobre a História de Nossa Senhora da Penna , protetora das Artes e Ciências , Ladeira Nossa Senhora da Penna, Freguesia Jacarepaguá. Dezembro de 1968

¹¹⁸ Por volta de 1940, foi incluída à sua função protetora, mais um título, o de “Padroeira da Imprensa” e posteriormente “Padroeira do bairro de Jacarepaguá”. A Irmandade aceitou estes créditos que são extra-oficiais , mas nos folhetos constam todos estes títulos.

¹¹⁹ O historiador Carlos Oberacker, em seu livro *A Imperatriz Leopoldina - Sua Vida e Sua Época* . Rio de Janeiro: Conselho Federal, 1973, narra que a primeira esposa de Dom Pedro I, acompanhava o marido em caçadas na planície de Jacarepaguá durante a lua-de-mel. Na sacristia da Igreja Nossa Senhora da Penna existia uma liteira que serviu à Dona Leopoldina. Mais tarde, essa mesma cadeirinha foi usada por Dona Teresa Cristina, esposa do Imperador Dom Pedro II, que a usava para chegar, carregada pelos escravos, até o alto daquele morro. A cadeirinha ficava à sua disposição no Engenho da Taquara. Atualmente, está no Museu Histórico Nacional. HISTÓRIA DE JACAREPAGUÁ. Disponível em: <http://www.acija.org.br/cap03.html>. Acesso em: 1 de maio de 2008. Nos livros de visita da Irmandade constam nomes ilustres como o do Imperador Pedro II, que era devoto de Nossa Senhora da Penna, e freqüentava as festas solenes da Igreja juntamente com a Imperatriz Teresa Cristina, a Princesa Isabel e o Conde d’Eu. Constam ainda assinaturas de outras autoridades que confirmam estas presenças com suas respectivas datas: o Barão Homem de Mello (1882), Barão de Tautpheus (1883), a Baronesa do Lavradio (1884), Visconde de Tamandaré (1885), Catulo Cearense (1904), o Barão e a Baronesa de Taquara(1906), entre outros.

¹²⁰ Grafia original , Yá-caré-paguá e também ya-carépauá que significa lago dos jacarés, denominação dada pelos indígenas pela quantidade de jacarés nas lagoas. Yá-caré significa que olha de banda e paguá

A localidade é muito visitada não só por fiéis, mas também por alunos e professores dos colégios da região e turistas, para apreciarem de cima da colina da Freguesia uma ampla vista da Baixada de Jacarepaguá¹²¹.

No ano de 1723, Frei Agostinho de Santa Maria em sua obra o Santuário Mariano,¹²² descreve o local.

[...] Junto ao logar de Jacarepaguá, se vê hum monte muy alevantado & na área que faz o seu cume, se vê o Santuário de Nossa Senhora da Penna. Hé esta Santa de grande devoção, aonde se vêem todos os dias muytas romages [...] muy hé alegre e vistoso, pelos muytos horisontes, que mostra de mar e terra[...]



Morro da Pedra do galo, ao alto a Igreja Nossa Senhora da Penna
Desenho dos franceses Luis Bouvelot e Auguste Moreau, 1845.

Na foto acima podemos ver sua localização, em cima do penhasco e o isolamento da região, cercado apenas por fazendas e engenhos. Hoje, esta área é totalmente urbanizada, vítima da especulação imobiliária e do aglomerado urbano.

significa vale. ROHAN, Amadeu Beaurepaire. Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna, 1946. p. 9.

¹²¹ Já está em andamento um projeto de instalação de um teleférico, cuja engrenagem já se encontra em um container no sopé da ladeira da Freguesia.

¹²² SANTA MARIA, Agostinho, Frei. Santuário Mariano. 1723, p. 196. Apud. ROHAN, Amadeu Beaurepaire. *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna*. 1946. p. 19



Vista atual da área em torno da Igreja, com prédios da Barra da Tijuca ao fundo.

Historiamos a paisagem da área, particularmente a do recôncavo de Jacarepaguá onde estavam localizados os engenhos de açúcar no período colonial. Era comum existir em cada engenho uma capela, confirmando desta maneira a vocação religiosa da região que hoje possui inúmeras igrejas. Tomamos como base os textos dos livros de Fridman e Alencastro¹²³, além de observações traçadas por Fragoso¹²⁴.

A apropriação da terra brasileira pelos portugueses, a partir de 1534, reportou-se à tradição medieval de sesmarias através dos donatários e capitânicas hereditárias. Como cita Fridman¹²⁵, o proprietário tinha a obrigação de pagar o dízimo - às ordens religiosas, aos amigos do rei e aos funcionários da Câmara. As terras eram doadas apenas a cristãos e às ordens religiosas pela devoção e fé de seus possuidores, condicionando muitas terras da zona oeste, às ações do senhor de engenho e do padre.

Em 1568, após a retirada de Mem de Sá, até então governador do Rio de Janeiro, seu sobrinho Salvador Correia de Sá, O Velho, foi escolhido para ocupar o cargo entre 1569-1572 e posteriormente, entre 1578-1598.

Salvador foi um nobre religioso e militar português, pertencente à família Sá, de Coimbra. No Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, tornou-se poderoso proprietário de terras e engenhos. Doou sesmarias concedidas pela Câmara, ou legadas por

¹²³ FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei; uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999; ALENCASTRO, L. Felipe de. *O trato dos viventes; formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹²⁴ FRAGOSO, João. A nobreza da República: notas sobre a formação da primeira elite senhorial do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII) *Topo*, n.1.

¹²⁵ FRIDMAN, op.cit. p. 125-133.

testamento aos portugueses que combateram os Tamoios e os franceses durante a fundação da cidade.¹²⁶ Assim se iniciou a ocupação da área de Jacarepaguá¹²⁷.

A Freguesia foi durante muito tempo conhecida como a antiga Porta d'Água. O nome designava um dos três rios que ali se encontravam, e acabaram por dar o nome a uma das estradas principais da localidade.

A região de Jacarepaguá, no século XVI, dedicava-se à pecuária e aos engenhos de açúcar. A produção da região era escoada pelo Porto de Sepetiba ou por via terrestre até o porto fluvial de Irajá - através do vale do Marangá, cuja parcela do vale é hoje a Praça Seca.

Foram construídos muitos engenhos d'água dada a quantidade de nascentes, sendo assim considerada a planície dos onze engenhos (D'água, Camorim, Vargem Grande, Vargem Pequena, Taquara, Novo, de Fora, Velho da Taquara, Rio Grande, Restinga e Serra)

As igrejas e capelas no interior das fazendas e engenhos tornaram-se pólo aglutinador das classes sociais, criando assim células da sociedade, por sua auto-suficiência devido a distancia que ficavam do centro.

Em 1594, os filhos de Salvador Correia de Sá, Gonçalo e Martim receberam sesmarias e dividiram a região em comum acordo. A parte de Gonçalo Correia de Sá e Benevides compreendeu as terras desde a atual Estrada dos Bandeirantes até a Marambaia. Gonçalo ocupou sua sesmaria construindo o Engenho de Camorim (1622) arrendando boa parte de suas propriedades à terceiros. Assim, os domínios de Gonçalo se transformaram rapidamente em povoações. O Engenho d'Água de São Gonçalo foi herdado por sua filha Vitória, que ao falecer, em 1667, legou-o, juntamente com seus escravos, aos beneditinos, ampliando as terras dos religiosos que construíram mais dois engenhos, o de Vargem grande e de Vargem pequena.

A Martim Correia de Sá e Benevides coube do atual Campinho até o mar, atravessando Tanque, lagoas da Tijuca, Jacarepaguá, Marapendi e Sermanbetiba, incluindo o engenho d'água ou de Jacarepaguá.

¹²⁶ Em 1850 foi promulgada a Lei de Terras que consolidou legalmente a propriedade privada. As doações foram proibidas e as terras cujos foreiros não preenchessem as condições legais ou estivessem vazias eram vendidas. . FRIDMAN, op.cit. p.126-7

¹²⁷ A região de Jacarepaguá pertencia a paróquia de Nossa Senhora da Apresentação do Irajá criada em 1664 e confirmada em alvará régio de 10 de fev. de 1647. A paróquia de Jacarepaguá, cuja matriz é a Igreja do Loreto e Santo Antônio foi a quarta paróquia criada no Rio de Janeiro e desmembrada da de Irajá. Foi construída nas terras do Padre Manoel de Araújo.

Muitos dos senhores de engenhos de açúcar desta região, no período entre os séculos XVI e XVIII, ocupavam cargos ligados à administração pública e a posições militares. Através dos cargos, das redes de parentesco, dos privilégios, concessão de mercês e de clientelismo, os donos destas terras e seus descendentes construíram engenhos e se tornaram um dos primeiros grupos da sociedade escravista e agroexportadora do Rio de Janeiro seiscentista. O casamento entre parentes também era uma forma de garantir a posse das terras e criavam assim os sistemas de troca e alianças convenientes às famílias. Estas pessoas eram simultaneamente conquistadores, homens do rei, militares e representantes do povo e desta forma comandavam a sociedade colonial. A concepção desta economia foi formada com bens e serviços públicos sob a jurisdição do Senado e do rei e administrada por poucos eleitos, mas custeada por todos os colonos. Fragoso¹²⁸ comenta que foi o período entre 1566 e 1620 no qual se deu a acumulação primitiva, a origem da economia de *plantation* e a formação da elite senhorial. Em 1612 o recôncavo possuía 12 engenhos de açúcar.

A família Correia de Sá e Benevides constitui uma verdadeira “dinastia”. Os nomes Salvador, Gonçalo, Martim, se repetem em várias gerações e todos exerceram cargos ou posições importantes ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Segundo Alencastro¹²⁹, “nem os linhagistas conseguiram destrinchar direito estas imbricações”. Calcula-se que, na década de 1640, a família Salvador Correia de Sá e Benevides possuía cerca de 700 negros da Guiné em suas propriedades, em regime de trabalho escravo. Com a reconquista de Angola pela expedição luso-fluminense de Salvador C. Sá e Benevides, o moço, a economia brasileira se apropria, por dois séculos inteiros, da mão de obra africana.

Nas primeiras décadas do século XVII, as imediações da Pedra do Galo já possuíam razoável povoamento, em virtude dos diversos arrendamentos feitos por Gonçalo Correia de Sá. Esta área fazia parte da grande propriedade desmembrada e vendida em 30 de outubro de 1634 pelo General Salvador Correia de Sá e Benevides a Jorge de Souza Coutinho. Este repassou as terras para muitos outros fazendeiros. Por volta do ano de 1690, Manoel de Paredes comprou parte delas de João da Fonseca

¹²⁸ FRAGOSO, João. A nobreza da República: notas sobre a formação da primeira elite senhorial do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII) *Topo*, n.1, p. 123-152.

¹²⁹ ALENCASTRO, op. cit. p. 366

Coutinho e fundou o Engenho da Serra¹³⁰, posteriormente de propriedade de José Roiz de Aragão que foi um grande benfeitor da Igreja da Penna. A fazenda do Engenho da Serra se situava na região compreendida a partir do atual Hospital Cardoso Fontes e Serra dos Pretos Forros até o local onde hoje está a Avenida Geremário Dantas. Abrangia parte da Freguesia, Pechincha, Barro Vermelho e Covanca.

Outra família de importante influência na região e benfeitora da Igreja da Penna, cujo túmulo onde estão sepultados seus membros localiza-se na Capela da Penna, é a de Pascoal Cosme dos Reis e sua esposa Catarina Josefa de Andrade Teles, bem como o filho do casal Francisco Teles Cosme dos Reis.¹³¹ Na entrada da sacristia, também está o túmulo do Monsenhor Antônio Marques de Oliveira (1826-1901), um dos mais importantes vigários de Jacarepaguá, e que foi juiz da Irmandade de Nossa Senhora da Penna.

No século XVIII, foram introduzidos os cafezais que tiveram seu apogeu e decadência no século XIX, período marcado pelo declínio da produção agrícola, e início do parcelamento e urbanização da região.

Jacarepaguá possui uma área territorial de 7.579,64 ha. Em 2004, sua população estimada era de 100.000 habitantes, mas calcula-se que tenha aumentado muito nos últimos anos.

¹³⁰ HISTÓRIA DE JACAREPAGUÁ. Disponível em: <http://www.acija.org.br/cap03.html>. Acesso em: 19 de maio de 2008.

¹³¹ A propriedade de Diogo Lobo Teles, com sua morte (1778) passou para seu filho, Francisco Teles Barreto de Meneses (1733-1806) que passou para os filhos Luis Teles Barreto de Meneses e Antonio Teles Barreto de Meneses. Em 1806, ficaram com a propriedade Luis Teles Barreto de Meneses e as cinco netas de Francisco. Durante as primeiras décadas do Século XIX, houve uma disputa entre os herdeiros para definir marcos das terras dos Engenhos Velho e Novo de Taquara. O Engenho Novo da Taquara era de propriedade de uma das netas, Ana Inocência Teles de Meneses, casada com João Alves Pinto Ribeiro e correspondia às estradas do Engenho Velho, Meringuava, São Gonçalo, Cafundá e Boiúna, onde também se plantava café. O Engenho Novo (da Pavuna) ficou com Catarina Josefa de Andrade Teles, casada com Pascoal Cosme dos Reis. A briga que durou trinta anos ficou conhecida como "guerra dos concunhados". O conflito permaneceu após a morte dos casais envolvidos e só terminou em 1839. FRIDMAN, op. cit. p. 137.

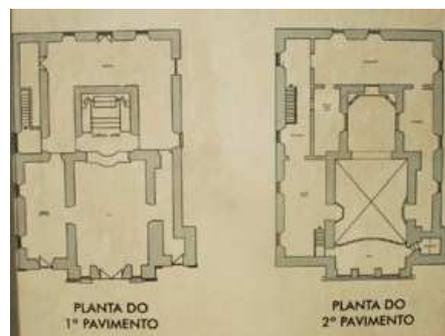
3.3 ARQUITETURA

3.3.1 Disposição das partes arquitetônicas e decoração

A Igreja de Nossa Senhora da Penna¹³² possui apenas uma torre sineira. Nas paredes laterais externas existem janelas indicando ter, além do local do coro, um andar superior circundando toda a nave. Neste andar está localizado o consistório onde se reúne a Irmandade de nossa senhora da Penna.



Igreja Nossa Senhora da Penna, frente e lado.



Plantas internas da Igreja

¹³² Só se tem conhecimento de duas Igrejas de Nossa Senhora da Penna no Brasil: a de Jacarepaguá e a de Porto Seguro, na Bahia, mandada construir por D. João IV onde se estabeleceu a primeira matriz da vila. Em 1700, por ordem de D. João V, foi reedificada. Foi reformada e finalizada em 1773, quando a coroa portuguesa incorporou a capitania de Porto Seguro. Todos os anos a cidade histórica de Porto Seguro é palco das comemorações em homenagem a Nossa Senhora da Penna, padroeira da cidade e santa protetora das Artes, Ciências e das Letras. A novena começa no último dia 30 e prossegue até o dia 08 de setembro, principal dia da festa, quando acontece a maior concentração de fiéis - de Porto Seguro e outras regiões - com missa campal e procissão pelas principais ruas da cidade.



Igreja Nossa Senhora da Penna, pinha de cerâmica

Ao lado das ermidas existiam as casas dos romeiros, local de repouso e hospitalidade para aqueles que vinham de longe. As primeiras casas da Penna foram feitas de pau a pique. Por volta de 1770, foram reformadas por José Rodrigues Aragão, que também as equipou. Destruídas pelo tempo, foram reformadas em 1936. Por volta dos anos 1970, foi transformada em salão para festas e recepções dos sacramentos realizados na igreja.



Antigo local da casa dos romeiros, hoje salão de festas

Na parte de fora, do lado esquerdo da torre, está um antigo relógio de sol - em mármore - com gnômon de bronze, que é uma atração turística



Relógio de sol

O traçado original do adro, antes pavimentado com tijolos de barro cozido foi cimentado. Este é o local onde ocorrem as grandes celebrações, as procissões, as missas dos primeiros domingos do mês e as festividades do dia 8 de setembro, já que a Igreja só comporta em seu interior oitenta pessoas.

A Igreja possui internamente dois corredores laterais que se comunicam com a sacristia, localizada atrás do altar único e onde estão colocados em suas paredes os pedidos e as promessas.



Corredores laterais

O altar é do estilo rococó onde está situada uma imagem de Nossa Senhora da Penna, de origem portuguesa.



Altar



Altar Visto do coro

Além de seu caráter histórico, arquitetônico e artístico, inclui ainda pinturas no teto e um conjunto de azulejos.

O teto é decorado com pinturas em que são representadas cenas da vida de Cristo.



Abóbada da nave central Igreja

No interior da nave existem seis painéis em azulejos, relatando passagens da vida de Nossa Senhora. Datam provavelmente do período da grande reforma, por volta de 1770.¹³³

Em reformas anteriores, o painel foi cortado, com a finalidade de abrir dois vãos para que a nave pudesse ter comunicação com os corredores que levam à sacristia,

¹³³ ROHAN, Amadeu Beaurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna*. 1946. p. 35

devido à necessidade de ampliar o espaço para os fiéis assistirem melhor à missa. Foram colocados, aleatoriamente, em outros locais, atrapalhando o desenho original.



Painéis de azulejos



Painel de azulejo interrompido e púlpito

3.3.2 Tombamento e restauração

A Penna foi tombada pelo IPHAN/Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional em 6 de agosto de 1938, (Processo n. 38-T, Inscrição n. 97 – Livro histórico fls. 18, e inscrição n. 204, Livro das Belas- Artes, fls. 35) ¹³⁴, “o que compreende o conjunto arquitetônico e paisagístico do morro, conhecido como Pedra do Galo, onde está situado no bairro de Jacarepaguá.” É considerada uma das igrejas mais antigas do Rio de Janeiro. O tombamento da igreja foi executado com a intervenção de restauro ocorrida em 1870, com sua forma original interna modificada.

Atualmente, houve uma grande restauração no altar mor, autorizada pelo IPHAN. Segundo informações do atual restaurador responsável pela igreja, Ulisses Mello ¹³⁵, a única reforma do altar de que se tem registro ocorreu em 1870, e supõe-se que nesta ocasião tenham sido descaracterizadas as pinturas originais do altar mor onde fica a imagem de Nossa Senhora da Penna. Por cima da pintura original, foi colocado um azul mais profundo e sobre este fundo há figuras de anjinhos. Nas fotos abaixo podemos constatar a diferença.

¹³⁴ TELLES, Augusto C. da Silva. *Guia dos bens tombados - Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001. p. 179.

¹³⁵ MELLO, Ulisses. Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Penna, 10 de novembro de 2008.



Imagem da Virgem
Intervenção em 1870



Imagem da Virgem
Após restauração 2008

O para-vento também é obra posterior e se destaca do estilo original.



Para-vento com *vitraux* do séc. XX e coro, ao alto

Painel de azulejos aguardando o restauro.



Painel de azulejo danificado

No pátio externo também ocorreram reformas e modificaram certos locais originais, visando melhorar o conforto e o acesso dos fiéis ao templo. Muitas destas alterações foram, contudo, alvo de crítica do IPHAN. Corre um processo¹³⁶ contra a irmandade até hoje, principalmente ao que se refere a antenas de rádio e celular colocadas no morro na parte correspondente aos fundos da igreja.



Antenas de rádio e celular

¹³⁶ FONSECA, Cátia. Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Irmandade de Nossa Senhora da Penna, 1 de junho de 2008. Cátia Fonseca, é escrituraria e atua na secretaria da irmandade de Nossa Senhora da Penna há apenas três anos. Ela foi a pessoa indicada pelos membros da irmandade para conceder a entrevista para esta pesquisa.

3.4 EX-VOTOS E PEÇAS DO ACERVO DA PENNA

3.4.1 Ex-votos da Penna

Pela diversidade do acervo da Penna, pareceu-nos importante descrever os diferentes tipos de ex-votos existentes naquela igreja. São ex-votos cênicos; tábuas votivas; ex-votos da imaginária; peças da vida cotidiana; representações corporais; mensagens textuais e fotográficas (bilhetes, cartas, fotos e desenhos, diplomas), entre outros materiais.

Todos estes objetos sagrados com formas bem diversificados estão localizados nos corredores laterais que circundam a sacristia da igreja. Podemos nomeá-los “corredores dos milagres” em vez de salas dos milagres, dando a este espaço um caráter mais incomum.

Pela quantidade de pedidos e promessas, demonstram o grande número de fiéis que nela depositam sua fé, como está escrito no folheto¹³⁷ da Igreja da Penna.

[...] A cada milagre de Nossa Senhora, a cada graça atendida fica na parede uma lembrança, as mortalhas de um que voltou à vida; as muletas de outro que antes era aleijado; pernas, barrigas, braços, cabeças de cera de gente que ficou doente e depois ficou curada. E tranças de cabelos; fotografias; cartas, um sapatinho de criança e tudo quanto as pessoas pediram à Virgem e foram atendidas.



“Corredores de milagres”

¹³⁷ FOLHETO História de Nossa Senhora da Penna, protetora das artes e ciências. Ladeira N. Sra. Da Penna, Freguesia, Jacarepaguá. Dezembro de 1968. p.2

Quanto ao procedimento para entrega dos ex-votos na Igreja da Penna, Cátia.¹³⁸

nos informa:

[...] As pessoas perguntam como é feita a entrega dos ex-votos, a gente auxilia e orienta. [...] A própria pessoa coloca no altar, depois a gente coloca na parede. [...] Tem um senhor que todo primeiro domingo do mês, ele doa todas as flores, todo domingo mesmo, a gente já nem compra mais. Pagamento de promessa. Ele esteve pra morrer, também tem muita fé.

Alguns pagadores de promessa são bem discretos e seus objetos podem ser depositados na Igreja, principalmente no altar, sem que a presença do indivíduo seja notada. O único vestígio de sua passagem fica sendo o que ali foi depositado junto com o bilhete narrando sua história de agraciado ou seu pedido. Nestes casos, sua devoção é exposta em público, mas a ação em si ocorre em um momento de muita discrição.



Ex-voto de uma cruz deixada no canto da igreja no dia da festa

Na Igreja da Penna, o costume adotado para descarte do excesso de promessas é o de doação das peças de roupas para casas de caridade. Os ex-votos de cera são derretidos e a parafina reaproveitada.

3.4.1.1 Os ex-votos cênicos e as tábuas votivas da Penna

O primeiro ex-voto cênico no Brasil foi encontrado na Igreja da Penna anunciado por Frei Agostinho de Santa Maria¹³⁹, referindo-se a registros anteriores a 1664. São raros os exemplos anteriores ao século XVIII, mesmo em Portugal.

¹³⁸ Entrevista concedida a Graça Coutinho, já mencionada.

O primeiro cadastramento do conjunto destas pinturas ex-votivas da Penna foi executado em 1970, determinado pelo professor Luís Carlos Palmeira, na época chefe dos Serviços de Museus da Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico do extinto Estado da Guanabara.¹⁴⁰ Acreditamos que existia uma maior quantidade deste tipo de ex-voto, mas os que estão expostos atualmente são os que serão demonstrados a seguir.

Apesar de pequena, a coleção é bastante significativa de ex-votos cênicos e tábuas votivas¹⁴¹. A diferença entre estas duas categorias de ex-votos está no fato de que, na primeira, também conhecida por pinturas ex-votivas ou ex-votos pintados, a cena do milagre é reproduzida da maneira mais fiel possível, através de desenhos ou pinturas, e geralmente vem escrita na própria peça uma legenda relatando o milagre ou a graça alcançada acompanhada de uma dedicatória ao santo predileto ou a Nossa Senhora. Na segunda, a dedicatória predomina e se tiver algum desenho é geralmente pequeno, com um caráter meramente decorativo. A maioria das peças da Igreja da Penna tem inscrições legíveis e textos originais em grafia antiga.

Os ex-votos cênicos e as tábuas votivas da Penna, considerados pela irmandade peças raras, são mantidos em armário na sacristia, cujo vidro é blindado e são trancados com cadeado “a sete chaves”, como medida de segurança e preservação.

Nos ex-votos cênicos da Igreja da Penna, podemos perceber aspectos interessantes. São exemplares variados e de técnicas distintas, originários de diferentes períodos históricos referentes aos séculos XVIII, XIX e XX. Os ex-votos cênicos marítimos ou fluviais, apesar de no passado, a região ter dependido de rios e mares, não se faz presente neste acervo.

¹³⁹ SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. p. 60.

¹⁴⁰ Idem, p.55

¹⁴¹ Segundo grafia culta, essas tábuas eram denominadas de *Tabella picta, votiva, tabula ou tabella votiva*. Em Portugal, em virtude da fórmula inicial de sua legenda, ficaram conhecidas também por "milagres" ou "painéis de milagres". essas tábuas votivas eram retratados, geralmente, as cenas ou os motivos que originavam as promessas. BLUTEAU, Pe. R. *Vocabulario portuguez e latino*. [1720-1728] v.8, Tomo II, p.582 e PINA, L. de. *Arte popular*. In: *Vida e arte do povo português*, s.l.: s.n., 1950, p.79. Apud, ABREU, Jean Luis Neves. *Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, n.49, p. 4, 2005.



Armário onde estão guardados os ex-votos cênicos e as tábuas votivas

O conjunto dos ex-votos cênicos da Igreja da Penna, dispostos nesse espaço, não apresenta as características descritas anteriormente. Estas peculiaridades são os efeitos plásticos de nebulosidade insinuando uma sensação de flutuação e do sobrenatural, colocando os oragos num plano superior ao dos mortais. A proposta demonstrada por meio da pintura era a de insinuar uma aparição divina, no momento do milagre.

O ex-voto cênico mais antigo da Penna data de 1784. É uma tábua pintada à têmpera, com recortes talhados nos cantos, e contém apenas, sob a legenda, a pequena figura de uma mulher deitada de costas, com feridas entre as omoplatas. Sua cama é simples e seu corpo muito exposto, o que não era comum neste período.



Ex-voto cênico de 1784 - Detalhe da peça

Texto com grafia original:

“Milagre que fez N. Sra da Penna a Anna Maria Barboza estando em perigo de morte com hum entreaiz nas costas o que levou três thesouradas e pegando-se com Sra. Logo teve melhoras. 1784”

*

Existe ainda um ex-voto possivelmente do século XVIII, em função da vestimenta usada pelos personagens - redingotes ou sobrecasacas e perucas masculinas. O estilo dos móveis, um canapé com dossel, também pode ser indicativo dessa época, da mesma forma que revela uma situação social de pessoa mais abastada. A pintura é feita à têmpera sobre madeira e revela um estilo mais elaborado, destacando-se os detalhes, com uma apresentação menos ingênua e simples. Podemos perceber, na foto, que o doente está recoberto com colcha de bom tecido e que a cabeceira da cama é trabalhada e pintada. Em vários casos a colcha cobre quase toda a figura, deixando apenas o rosto descoberto, assemelhando-se a uma mortalha. Neste caso, como se trata de uma criança, a coberta deixa o peito descoberto e os braços para fora, criando a sensação de que ele está se recuperando. Na legenda é narrada a doença do filho do Desembargador Figueiredo, que se encontra deitado. No mesmo cômodo, quatro pessoas parecem trocar idéias. Pode ser que algum deles seja o médico, apesar de o texto revelar que quem salvou o paciente foi a Virgem.



Ex-voto cênico atribuído ao século XVIII



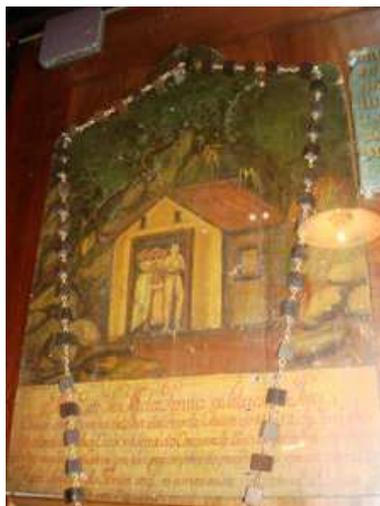
Detalhes do ex-voto cênico atribuído ao século XVIII

Texto com grafia original:

“M(ce) q. fes a V. N.Snr(a) da Pena ao fº do Dºr Desembargador Fgrº estando mtº mal de hua diareia e de sangue e estando dezenganado dos Médicos e Sirurgians recorrendo ao Patrocinio da V. Mery de Ds. Logo teve saúde”.

*

Um outro exemplar pertencente ao acervo da Penna data do século XIX, mais precisamente do ano de 1811. Trata-se de uma cena externa, situação pouco comum em ex-votos. Pintada sobre madeira, representa uma casa na encosta de um barranco com um grupo de milagrados na porta de uma casa miraculosamente salva da avalanche. A legenda narra e agradece o fato de a família ter sido salva das pedras e paus que rolaram durante uma chuvarada.



Ex-voto cênico do século XIX, 1811

Texto com grafia original:

“Milagre que fes N. Sra da Penna a Silvestre Pires Chagas e Família em um dia de Grande Chuva de 11 e 12 de fev(ro) de 1811 estando sua Caza na terra do Corcovado cujo lugar estão a murada da caza trez montes de que cahiro grande pedra e paus e pegandose com Sra foron salvos do perigo enq os amesava amor desgraça”

*

Há uma aquarela sobre papel, datada de 1829, na qual um doente encontra-se no leito de dossel, diante de uma mulher e de um homem sentados em cadeiras numa situação de companhia ao acamado. De uma porta, à esquerda, há uma outra mulher, negra e em pé, que observa. Geralmente, não aparecem figuras na condição exclusiva de espectador, somente os diretamente envolvidos na questão.



Ex-voto cênico do século XIX 1829

Texto com grafia original:

“Mercê que fez N.S. da Penna a Matheus Joze Nunes Filho estando este gravemente enfermo, sofrendo um reumatismo agudo (no anno de 1829) e recorrendo ao Patrocínio N. Sra. logo melhorou e teve auta.”

*

Há outro cênico datado de 1919, que é um desenho com detalhes em cor que retrata uma mulher deitada na cama com problemas pós-parto, acompanhada da mãe, segurando no colo uma criança. Curiosamente, o agradecimento dirige-se tanto a Nossa Senhora da Penna, quanto ao médico que assistiu a parturiente, o que não era comum, pois os méritos sempre foram dirigidos aos oragos.



Ex-voto cênico do século XX, de 1919

Texto com grafia original:

“No mes de maio de 1919 na caza n. 81 da rua Jose Clemente, São Cristovão. Julia Lemos esteve no fundo de uma cama com grande enfermidade proveniente de um parto. Já ia sem esperança “Salvação implorando a Deus e aos milagres de Santissima Nsa. Sra da Penna e estando sobre aos cuidados do muito digno e de esmerada competencia o Dr. Homero de Carvalho. Medico Operadôr e Parteiro lentamente foi melhorando até o desejado resultado satisfatorio! Com a Máxima consideração e respeito aos Milagres da Divina providência e o Bom médico offereço este e empenho o meu mais alto agradecimento. Alexandrina Pereira Mãe da enferma (1829)”.

As tábuas votivas serão demonstradas a seguir. Elas são geralmente executadas sem imagens. Narram apenas o ocorrido em texto escrito podendo apresentar um pequeno detalhe decorativo, na parte de cima ou de baixo, ou ainda nas laterais, como pode ser observado nas tábuas que se seguem. Diferenciam-se, portanto, dos ex-votos cênicos, nos quais há uma representação visual. A madeira é geralmente trabalhada com contornos, imitando acabamentos de oratórios ou móveis sacros do período. Podem ser de latão, metal, madeira, gesso ou de material mais nobre como o mármore, o cobre e a prata. As tábuas de Nossa Senhora da Penna são todas de madeira com texto escrito em dourado. Alguns discretos desenhos como uma flor, uma mão significando ser o membro afetado são sinais de cuidado de parte do artesão. Também não se encontra mais este tipo de requinte nos ex-votos da atualidade. As tábuas votivas, as cênicas e os milagres escultóricos de madeira são geralmente peças únicas, artefatos feitos a mão para aquele fim específico.

*

Nesta tábua podemos notar o detalhe do desenho de uma pequena flor decorativa e o recorte da tábua.



Tábua votiva de João de Carvalho Brito

Texto com grafia original:

“M. Q. F. N. S. da Penna João de Carvalho Brito estando mto mal de dor de dente sem poder levar nada p^a baxo, por cedido daor de emxação q. tinha e Recorrendo ao Patrocínio da Sr, logo teve milhora.”

*

Nesta tábua podemos notar o detalhe do desenho da mão e o recorte da tábua.



Tábua votiva de de Simpliciano Telles

Texto com grafia original:

“ M. G.F. N. Sra da Penna a Simpliciano Tellis estando hele mto mal de ua mão Prosedido de hu espinho no dedo Grã e Recorreu o Patro dad. Mai de Deus logo teve melhoras”

*



Tábua votiva de Maria Thereza

Texto com grafia original:

“ Milagre q. fes N. S. da Penna a Maria Thereza estando com a Sra lançou a criança.”

*



Tábua votiva de Fran. Telles Barboza Noronha

“Milagre que fez N. S. da Penna a fran. Telles Barboza Noronha, que estando gravem te enfermo de reumatismo pegando com viva fé com a da Senhora Recobrou Saúde”

*



Tábua votiva de França das xagas

“Milagre q. fez N. Sra. Da Penna a França das xagas estando mto mal Com huma afontação nopeito”

3.4.1.2 Ex-votos da imaginária

Muitos fiéis doam imagens de outros santos como agradecimento de uma graça alcançada. As imagens doadas à Penna pelos devotos são guardadas no andar superior, próxima ao coro, algumas, porém, ficam ao alcance dos fiéis. Se algum dos fiéis tiver apreço especial pela imagem de algum santo é presenteado por um membro da irmandade ou pelo capelão. Estas imagens doadas são imagens de gesso que não têm valor como antiguidade.

Em outras igrejas, comenta Padre Henrique, “colocam bilhetinhos em baixo dos santos de sua predileção, em baixo de Santa Rita de São Pedro, de São Judas. Na fé do povo, eles acham que colocando o pedido ali, escrevendo e orando, tem mais força. É a devoção, é a piedade popular.”¹⁴²

Na Penna a imagem escolhida para esta função, por parte dos fiéis, é uma imagem de Nossa Senhora da Penna, em *papier maché*, em dimensão humana, que foi doada por um devoto como ex-voto. É de grande significado para os fiéis, pois funciona como um suporte onde são permanentemente colocados, em várias partes do seu corpo ou nas dobras de sua veste, bilhetes com algum pedido ou agradecimento. No dia da festa da natividade de Nossa Senhora o número de bilhetinhos colocados na santa aumenta consideravelmente.



Antes da festa



No dia da festa

Imagem *papier maché* de Nossa Senhora da Penna com bilhetes de devotos

¹⁴² Entrevista concedida a Graça Coutinho já mencionada.



Imagens doadas por fiéis

3.4.1.3 As peças da vida cotidiana

A tipologia dos ex-votos é ampla, como já observado, sendo muito comum a utilização de peças do cotidiano, desde indumentárias (uniformes, quepes, fardas, roupas de bebê) a simples objetos. Os corredores de milagres da Penna são a prova disto. Na Igreja da Penna há inúmeros quepes, fardas e insígnias militares, em agradecimento a promoções na carreira ou transferências de postos. Também são oferecidas becas de formatura, roupas de bebê, perucas e chumaços de cabelo.

Como observa Silva,¹⁴³ “os ex-votos de larga difusão no mundo latino, se correlacionam à magia mimética. Cabelos, peças de indumentária e objetos tornados inúteis por efeito do milagre, são manifestações de ex-votos ligados à magia simpática”

No altar, local onde é feita a entrega de ex-votos na Penna, depois das festas religiosas, é encontrada uma grande diversidade de peças votivas. Segundo Cátia Fonseca e Seu Luis, o zelador da capela, eles já recolheram fardas e quepes, em agradecimento a promoções militares; cópias de chaves, ou reproduções em cera das chaves ou das casas representando a conquista do lar quitado; diplomas, por formaturas ou conquista de emprego; chumaços de cabelos, perucas e cruces.

Demonstramos nas fotos algumas destas peças do acervo dos ex-votos da Igreja da Penna.

¹⁴³ SILVA, Maria Augusta M. da. Ex-votos brasileiros. *CULTURA. Revista trimestral*. Brasília, ano 1, n.2, p. 22-84, abr./jun., 1971.



Beca de formatura



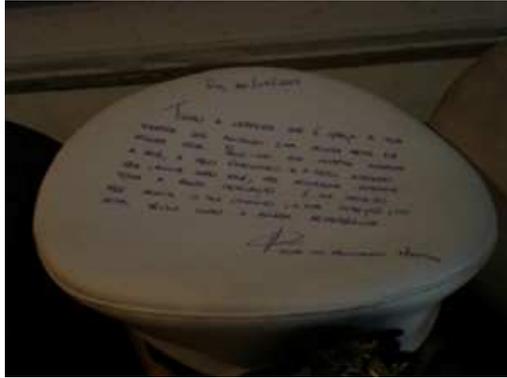
Uniformes militares e jalecos médicos



Rede de pescar



Aparelhos ortopédicos



Quepe com texto de agradecimento escrito



Outros quepes e fardas



Cabelo de criança

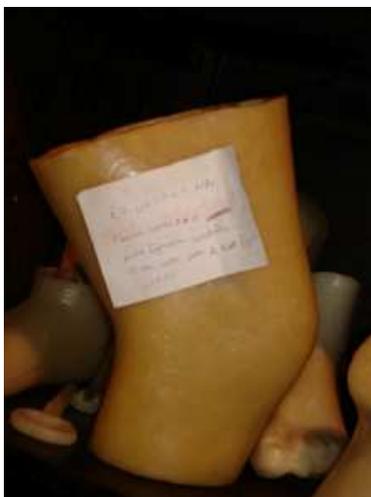


Roupas de bebê ensacadas

3.4.1.4 Ex-votos com representações corporais.

Na igreja da Penna não se encontra exposto nenhum ex-voto com representação corporal esculpido em madeira. As peças expostas são todas de parafina.

O devoto pode solicitar o auxílio do funcionário da irmandade responsável pela pequena lojinha de *souvenir*, que também vende as peças de cera, na escolha da parte mais representativa afetada pela doença. Muitas vezes, são órgãos internos de difícil definição estética nas peças apresentadas para venda. Além das enfermidades, os devotos buscam alguma peça de cera para pagar uma promessa, cujo significado eles não conseguem traduzir materialmente. O funcionário explica que se deve fazer uma analogia. Como por exemplo: Braços, significando um pedido para passar no exame de direção. Pernas, para ganhar uma corrida, ou ir ao alcance do amado. Olhos, para que seja notado no trabalho pelo superior ou pelo amor não correspondido. Orelhas para que suas preces sejam ouvidas. São inúmeras as interpretações decorrentes da imaginação dos pagadores de promessas.



Joelho com bilhete da Igreja da Penna



Peças com bilhetes



Estante com peças de cera e bilhetes



Estoque para venda na Penna

As peças e pacotes das duas prateleiras de baixo da estante, da ilustração a cima, já estão preparados para o descarte. Como vimos anteriormente, as peças de roupa costumam ser doadas e as peças de parafina derretidas.

3.4.1.5 Mensagens textuais e fotográficas.

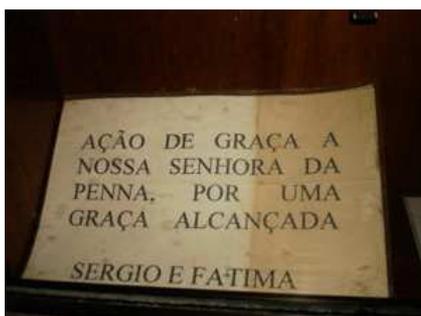
As mensagens depositadas na igreja em forma de bilhetes, cartas, fotos, diplomas e diversos outros tipos e modelos são "promessas" fartamente encontradas nos corredores de milagres da Penna. Esse é o tipo de ex-voto utilizado com mais frequência. São bilhetes de toda sorte, emoldurados ou não, fotos, diplomas etc. São histórias de vida tanto atuais quanto de tempos passados, registradas, documentadas e ali depositadas que se misturam num só espaço. Os corredores de milagres da Penna são depositários de lembranças onde os devotos deixam suas marcas, seus sonhos, sua fé, exercendo a troca com o divino de forma absolutamente individual.



Bilhete emoldurado



Pequeno cartaz



Bilhete



Quadro de futebol



Foto de mulher



Foto de criança com bilhete

3.4.2 Acervo da Penna

O acervo da imaginária da Igreja Nossa Senhora da Penna é composto pela imagem de Nossa Senhora da Penna, exposta no centro do altar mor e se encontra sob a proteção de vidro blindado. Segundo o frei Agostinho de Santa Maria¹⁴⁴ a imagem original de Nossa Senhora da Penna “é pequena e hé de vestidos”. A que se encontra no altar mor, é do século XVIII, de madeira e tem as vestes talhadas na própria imagem.

Há ainda outras duas imagens antigas, dignas de registro que são: uma de São Francisco, em madeira, do séc XVIII e uma de São Pedro, do século XIX. – Ficam localizadas nas peanhas laterais do altar mor e foram retiradas recentemente, por precaução e segurança, até a colocação de vidros blindados.

Algumas peças antigas se encontram na sacristia: uma pia d’água de ágata; uma pia batismal de mármore - usada até hoje e localizada na nave, próxima ao altar, pois não há um batistério separado em função do tamanho da igreja - e um oratório do séc.XVIII.



Pia de ágata



Pia batismal de mármore

¹⁴⁴ SANTA MARIA, Agostinho, Frei. Santuário Mariano.1723, p. 196. Apud. ROHAN, Amadeu Beaurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna* . 1946. p. 20.



Oratório do séc. XVIII

No corredor esquerdo da sacristia, dentro de um nicho na parede, há uma relíquia muito curiosa. É o crânio de José Roiz de Aragão. Como se vê na foto, o pequeno texto, acima do crânio, explica sua procedência.



Crânio de José Rodrigues de Aragão

“José Roiz de Aragão falecido em 1778, foi um grande benfeitor da Igreja de Nossa Senhora da Penna. Em 1771, doou terras em favor do patrimônio do santuário e realizou reformas em sua estrutura.”

O acesso à Igreja se faz por uma ladeira íngreme construída pelos escravos em pedras pé de moleque - calçamento feito com pedras de formato irregular. Atualmente, a ladeira dispõe de uma parte alargada em paralelepípedos modernos para facilitar a

subida de veículos. Está também em fase de implantação um plano inclinado ou teleférico, para transportar os fiéis. As pessoas que têm dificuldade de subir a ladeira costumam freqüentar a Igreja do Loreto, localizada no sopé da colina, mas para pedidos e promessas ultrapassam quaisquer limites para subir a íngreme ladeira. Assim comenta Cátia Fonseca, escrituraria da Irmandade de Nossa Senhora da Penna:

[...] Na ladeira tem um pedaço de paralelepípedo de um lado e do outro são pedras. Estas pedras eu conheço como pé de moleque, e foram feitas para dificultar a fuga dos escravos, durante a construção. Eles andavam descalços [...] Tem devotos que sobem a pé. Às vezes, eu dou carona, mas eles nem querem. Tem uma senhora, de oitenta e cinco anos, que sobe a pé. (frisa a pé). O Dr. Lucas, provedor da irmandade, fez até uma homenagem para ela. [...]¹⁴⁵

3.5 O CULTO MARIANO E OS MILAGRES DA PENNA

3.5.1 A devoção

Nossa Senhora da Penna é invocação¹⁴⁶ católica da Virgem Maria. No Brasil, foram encontradas 107 invocações a Maria, segundo Megale¹⁴⁷. A devoção à Virgem remonta época ao Renascimento, quando escritores e artistas usavam a Virgem Maria como fonte de inspiração. De origem oriental, foi introduzida na igreja latina pelo papa Sérgio I, no século VII.¹⁴⁸

As aparições marianas são fenômenos de origem sobrenatural, nos quais se acredita que a Virgem Maria apareça a uma ou várias pessoas, chamadas popularmente

¹⁴⁵ Entrevista concedida a Graça Coutinho, já mencionada.

¹⁴⁶ A veneração à Virgem foi criando uma série de invocações gerando inúmeras denominações em virtude de suas qualidades. Estas invocações, conforme sua origem, podem ser de três naturezas: A litúrgica que compreende as invocações criadas pela Igreja e estão relacionadas às comemorações litúrgicas. A histórica que compreende, de modo abrangente, as invocações surgidas ao longo da história do cristianismo, referindo-se, geralmente, aos lugares onde determinado culto da Virgem Maria foi iniciado. A popular que compreende as invocações surgidas da devoção popular, conforme as necessidades dos fiéis. Diz a tradição que as primeiras imagens da Virgem Maria, sejam as pinturas das catacumbas, sejam os ícones e mosaicos bizantinos, foram baseados no retrato da Virgem pintado por São Lucas. Quanto à representação iconográfica, ela se baseia nas fases da vida de Maria. Nossa Senhora da Penna - relembra a Virgem como inspiradora e padroeira das letras e das artes. INVOCAÇÃO. 107 Invocações a Maria; história, folclore e iconografia. Petrópolis, Vozes, 1980. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_nomes_de_Nossa_Senhora. Acesso em: 3 de dezembro de 2008.

¹⁴⁷ MEGALE, Nilza Botelho. *Santos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

¹⁴⁸ Folheto da Festa da natividade de Nossa Senhora da Penna, 1661-2008, setembro de 2008.

de videntes, na sua maioria católicos. A Igreja Católica já reconheceu um conjunto de aparições de Nossa senhora como sendo dignas de credibilidade.

Seu nome significa: “Senhora da Luz”. Acredita-se que tenha nascido emjerusalém por volta de de 15 a. C., para alguns estudiosos, teria nascido em Nazaré. Segundo as sagradas escrituras era a mãe de Jesus de Nazaré. A ela são atribuídos muitos milagres.

Com a finalidade de expandir o culto a Nossa Senhora foi criada a Congregação Mariana¹⁴⁹ que é uma associação pública de leigos católicos .

A devoção a Nossa Senhora da Penna origina-se em Portugal¹⁵⁰, na cidade de Leiria, e sua história está sempre ligada a graças alcançadas.

O morro da Pedra do Galo, segundo a lenda, foi um dos locais escolhidos por Nossa Senhora em uma de suas invocações, na figura de Nossa Senhora da Penna, cuja aparição deu origem à construção da ermida no Rio de Janeiro.

3.5.2 Os milagres da Penna

A força da religiosidade popular, mesmo nos dias atuais, revela-se fortemente nessa igreja, que conta com inúmeros fiéis e onde há constante oferta de ex-votos, demonstrando claramente sua importância junto à comunidade.

O Padre Henrique comenta a necessidade do homem em se apegar a uma religião:

[...] A piedade popular sempre existiu. O que falta é você direcionar. O homem sempre está na busca por Deus, pelo inacessível, pelo inatingível. O homem tem dentro de si esta busca e cabe ao homem direcionar. À Igreja como instituição, cabe mostrar ao homem o caminho correto a ser seguido. [...]

¹⁴⁹ As Congregações Marianas são formadas por cristãos católicos cuja vida é consagrada à Virgem Maria. Em 1563, o jesuíta Pe. Jean Leunis criou um grupo com os alunos do Colégio Romano, em Roma que foi erigida canonicamente, em 1584, pela Bula "Omnipotentis Dei" do Papa Gregório XIII, com o título de "Prima Primaria" (a primeira). Até 1967, as diversas Congregações de todas as partes do mundo, foram agregadas a ela. No Brasil, as Congregações Marianas existiram no período colonial, sobretudo nos Colégios da Companhia de Jesus e praticamente desapareceram com a expulsão dos jesuítas, em 1759. Em 1870, foi fundada novamente uma Congregação Mariana, agregada à Prima Primária, em Itu, Estado de São Paulo e se estendeu por todo país. CONGREGAÇÃO MARIANA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em: 13 de julho de 2008.

¹⁵⁰ O Rei Dom Afonso Henriques dedicou a Nossa Senhora o castelo da cidade de Leiria. Como o local era sobre um penhasco, dedicou-o a Nossa Senhora da Penna para que o protegesse. Posteriormente, construiu a capela do mesmo nome. ROHAN, Amadeu Beaufort. *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna* . 1946.p. 11.

A Igreja da Penna possui em sua história alguns milagres que valem a pena narrar. O que lhe deu origem, já mencionado, ainda tem um acréscimo em sua lenda. Consta que logo após a construção da ermida, Nossa Senhora apareceu para o escravo mais três vezes sob uma árvore¹⁵¹. Esta árvore ficou considerada uma planta sagrada. Anos depois, abelhas tomaram conta da árvore e um ermitão que tomava conta da ermida, tentando pegar o mel, colocou fogo em volta da árvore para afastar as abelhas. O resultado foi drástico e a árvore sagrada foi reduzida a cinzas.

Outro milagre é o da fonte de água ocorrido por ocasião da reconstrução da igreja sob os auspícios de José Roiz de Aragão, em 1770. Diz a lenda que na ocasião em que estavam pavimentando a íngreme ladeira que dá acesso à igreja os escravos carregavam nos ombros pedras pesadas. Para beberem água, tinham que descer até o sopé do penhasco, o que era bastante penoso, pois tinham correntes atadas aos pés. Um velho escravo, cansado, pediu à Virgem que os socorresse. Foram, então, agraciados com uma fonte de água natural, que brotou de uma pedra, em área seca, pouco abaixo do local onde a Virgem havia aparecido primeiramente para o escravo. A fonte existe até hoje, e a água continua escorrendo, embora fraca. O povo a denominou de Fonte de Água Milagrosa. Segundo Cátia Fonseca¹⁵².

[...] O porque dessa Fonte de Água Milagrosa, foi um dos milagres de Nossa Senhora.[...] Só que hoje, a água não tem mais força para chegar até o final. Tem uma manilha, sabe? Para você pegar essa água tem que entrar na gruta e pegar aos poucos. Mas na época deixou os escravos felizes.[...]

¹⁵¹ ROHAN, Amadeu Beurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna* . 1946.p. 22.

¹⁵² Entrevista concedida a Graça Coutinho já citada.



Fonte milagrosa

Consta ainda que, em 1936, quando faziam obras na casa dos romeiros, a fonte que já não minava tanta água, sob os apelos dos operários voltou a jorrar.

Outros tantos milagres ocorreram ao longo da existência da igreja, daí ela ter se tornado um espaço sagrado especial, local de peregrinação e de entrega de ex-votos e promessas pelos devotos.

O atual provedor da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penna, o Desembargador José Lucas Moreira Alves de Brito, segundo a escrituraria¹⁵³ da irmandade, foi beneficiado com milagres de Nossa Senhora da Penna.

[...] ele é mesmo devoto de coração, já foi beneficiado pelo milagre. Toda missa quando termina e ele está presente ele fala do fervor, do amor que ele tem por Nossa Senhora da Penna. [...] Pela fé dele por Nossa Senhora [...] ficou curado. Dr. Lucas paga, ele próprio, as despesas do primeiro mês, também em louvor.

Outros milagres ocorreram com fiéis freqüentadores da Igreja, segundo Cátia¹⁵⁴:

[...] As pessoas tem aquela fé. Nós temos aqui também um Sargento, ele é devoto e ele não é da irmandade, mas freqüenta aqui. Todo ano, ele doa para a festa do Dia 8, um bolo grande, com a imagem de Nossa Senhora, pagamento por uma graça concedida. É servido de graça, por que é em louvor.

O Dr. Lucas, desembargador e Provedor da irmandade, relatou em público durante a festa de Nossa Senhora da Penna, ocorrida no dia 8 de setembro de 2008, os milagres que aconteceram com ele pela sua fé em Nossa Senhora da Penna. Esteve duas vezes com doenças sérias, e foi desenganado. Estava viúvo e com filhos pequenos. Submeteu-se, então, a transplante de medula e foi totalmente curado, sem precisar se submeter a

¹⁵³ Idem

¹⁵⁴ Idem.

tratamentos drásticos. Em 28 de julho 1998 teve pneumonia e sofreu uma operação por causa de dois tumores. Pediu a Nossa Senhora, e ficou curado sem precisar de radioterapia ou quimioterapia. Esteve ameaçado a se submeter a hemodiálise. Rezou para Nossa Senhora da Penna para curar-se. Três horas depois recebeu alta médica. Na consulta ao oncologista disse: “Estou aqui para receber a sentença ou condenatória ou libertatória”. O médico lhe disse: “Não vai precisar fazer a hemodiálise, pelo menos por enquanto”. “Sou grato, portanto a Nossa Senhora da Penna”, afirmou ele.

O Bispo auxiliar Dom Assis Lopes sustentou publicamente a existência de milagres e disse: “Milagre existe! Eu sou fruto de um milagre!.Nasci muito doente. Minha irmãzinha já havia morrido e eu já estava morrendo. Sou carioca, mas filho de mineiro não morre pagão!” A mãe correu com ele nos braços para batizar, na Igreja de Santana. No caminho passou pela funerária e o dono perguntou : “Dona Maria onde vai com tanta pressa?” Ela disse que o filho estava morrendo e que ia batizá-lo. O dono da funerária pediu que esperasse um minuto, ela o fez pensando que ele a acompanharia. Ele apareceu então com uma fita métrica para medir a criança. Ela perguntou para que? Ele respondeu que para preparar o caixão. Ela saiu correndo e ao chegar à igreja, o padre lhe disse: “ Como posso batizá-lo se não tem padrinho? “Ela disse: “bota São José”. E o menino sobreviveu!!!

E terminou sua fala com a frase: “Mas o maior milagre é a transformação do nosso amor ao Senhor!”

Há uma estreita relação entre as lendas que deram origem à construção das igrejas da Penna, (Jacarepaguá) e da Penha¹⁵⁵ - o santuário carioca mais famoso. Ponto de turismo religioso, localizado na Penha, subúrbio carioca da Leopoldina - pois foi por conta da aparição de Nossa Senhora no alto do penhasco que ambas se tornaram locais de manifestação do sagrado e muito procuradas pelos fiéis.

¹⁵⁵ No início do século XVII, o capitão Baltasar de Abreu Cardoso subiu o monte rochoso (penha) para observar as suas propriedades, quando de repente surgiu uma serpente prestes a atacá-lo. Assustado, apenas conseguiu rogar: "Minha Nossa Senhora, valei-me!". Imediatamente, surgiu um lagarto predador das cobras. Os dois animais começaram a lutar e o capitão conseguiu fugir. O proprietário interpretou a aparição do lagarto como obra de Nossa Senhora, a quem tinha pedido socorro. Determinou assim, em 1635, a construção no alto da penha de uma pequena ermida com uma imagem que dedicou a Nossa Senhora da Penha, pelo fato ter ocorrido no alto da rocha. Progressivamente, os devotos começaram a visitar o local e o quantitativo de pessoas foi aumentando. Em 1728, a ermida com a imagem foi ampliada e erguido, no local, um campanário onde foram colocados dois pequenos sinos. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Penha. Acesso em 14 nov.2008.

3.6 A CRIAÇÃO DE IRMANDADES: O CASO DA PENNA

3.6.1 As organizações leigas

Antes de examinar o caso da Irmandade de Nossa Senhora da Penna, vale ressaltar que foi durante o período colonial que surgiram as organizações leigas no Brasil ¹⁵⁶ tais como, as confrarias e congregações¹⁵⁷, as irmandades e as ordens terceiras. As duas últimas se diferenciam por serem associações de caráter religioso e é delas que vamos tratar.

A característica principal das irmandades é o fato de serem leigas no culto católico. A religiosidade católica no século XVIII caracterizava-se por uma grande participação dos leigos, que realizavam cerimônias religiosas em suas casas, nas capelas e igrejas por eles construída. Para manter o culto ao santo padroeiro destas organizações era necessário ao menos um altar para a devoção. Quando ainda não possuíam ermida ou capela contentavam-se com um altar lateral em uma igreja ou se reuniam em um pequeno oratório e angariavam recursos para a construção das capelas. Era comum várias irmandades dividirem uma mesma igreja.

Estas instituições se tornaram as principais responsáveis pela contratação de oradores sacros, de mão de obra artística, de artífices de toda a espécie para erguer templos religiosos. As irmandades tinham a tarefa de manter a regularidade do culto litúrgico, o sustento do capelão, a organização das festas de dia de santos e a precedência nas procissões. Esta autonomia gerava entre elas disputas com relação ao uso das igrejas e das prescrições sobre o trajeto das procissões.

Foi no século XVIII, durante o ciclo do ouro, que as irmandades intensificaram sua organização e se dedicaram à construção de templos ricos e suntuosos. Eram estimuladas pela coroa. Esta transmitia aos crentes todo o ônus da construção dos

¹⁵⁶ As discussões sobre o tema estão em SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; OLIVEIRA, Anderson de. Os bispos e os leigos: reforma católica no Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História Regional* 6, 2001; MENESES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996. FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei; uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. ABREU, Martha. *O império do divino; festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (Col. História do Brasil) - Leigos para a Igreja Católica são os membros que não são ordenados, isto é que não receberam o sacramento da ordem. Os que recebem o sacramento da ordem são os bispos, os sacerdotes (presbíteros), e os diáconos. Todos os demais membros da Igreja Católica são tecnicamente "leigos". No entanto, excluem-se deste grupo os que, não sendo ordenados, são membros de ordens e congregações religiosas, habitualmente designados por irmãos, frades irmãs, freiras.

¹⁵⁷ As confrarias e congregações não são necessariamente ligadas às igrejas.

templos de devoção, cabendo-lhe apenas a autorização para edificação e funcionamento, além do recolhimento dos dízimos.

As irmandades permaneceram fortes durante o período da monarquia. Com o advento da República ocorreu a separação entre a Igreja e o Estado, criando-se o estado laico, e elas perderam bastante prestígio. Passaram a ficar unicamente sob o jugo das autoridades eclesiais enfraquecendo-se em relação à sua posição anterior.

Durante a vigência do regime do padroado¹⁵⁸, o rei de Portugal, como Grão-Mestre da Ordem de Cristo controlava o aparelho burocrático da igreja e os estatutos das irmandades deviam ser aprovados por Roma e pelo soberano, que concentrava em suas mãos não só o poder do Estado, mas parte do poder religioso. Depois da independência do Brasil, a autoridade competente para dar esta autorização passou a ser o Imperador. Era ele quem controlava as relações entre igreja e estado no Brasil monárquico.

As irmandades para funcionarem tinham que ter seu próprio estatuto ou compromisso, documento que define as normas de funcionamento da associação e os direitos e deveres de seus membros. Este documento após a aprovação permitia que a irmandade seguisse seus próprios caminhos, transferindo-lhe o direito de zelar e promover o culto de um determinado santo em um determinado templo. Obtiham, desta forma, autonomia para administrar seus bens, que consistiam na arrecadação dos seus associados, heranças ou doações dos congregados, cobrança dos emolumentos. Tinham também um caráter civil uma vez que adquiriam propriedades em seu nome, escravos e capelas. O episcopado só controlava as irmandades no plano espiritual, mantendo o culto dentro dos critérios católicos.

Estas associações desempenharam um papel para além do religioso. Seus membros criavam laços de solidariedade e ajuda mútua e desempenhavam uma importante função no setor de assistência social. Sobre esta questão comenta Soares¹⁵⁹ “promovem desta forma uma grande variedade de devoções que instituídas em irmandades, transformaram-se também em espaços de sociabilidade.”

¹⁵⁸ Através da bula *Inter Coetera*, o papa concede ao Grão Mestre da ordem, ou seja o rei de Portugal, o padroado das terras que em seu nome forem descobertas, resultando daí a interrelação entre os poderes eclesiais e temporal. O rei estabelece e cobra os dízimos devidos à Igreja. SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.259.

¹⁵⁹ SOARES, op cit. p. 133

As irmandades tinham finalidade devocional e social, amparando seus membros e, sobretudo, garantindo-lhes sepultamento religioso digno. Oravam pelas almas dos falecidos e assistiam a seus órfãos e viúvas. Eram separadas por etnias, existiam, portanto, as irmandades dos brancos, dos negros e dos mulatos. No início não admitiam mulheres. Nos cortejos fúnebres e procissões as irmandades de pretos e pardos eram relegadas às últimas alas, mas mesmo assim, faziam-se representar.

Estas irmandades eram um importante instrumento de controle social e seus dirigentes tinham muito prestígio. Muitas vezes, supriam as funções do estado e da própria igreja e situavam-se numa fronteira delicada entre ambos. Apesar das mudanças pelas quais passava a sociedade imperial, a religião ainda se constituía em um importante instrumento de hegemonia política e social. Durante o processo da romanização¹⁶⁰ do catolicismo brasileiro, ocorrido na segunda metade do século XIX, deflagrado por várias questões entre elas a disputa entre Estado e Igreja, e entre as organizações leigas e o clero, os bispos empreenderam um trabalho na implementação dos cânones da reforma tridentina no Brasil. Estas mudanças geraram um impacto nas práticas tradicionais do catolicismo adotado, e as irmandades ofereceram resistência às ações da reforma. Sobre esta discussão comenta Oliveira¹⁶¹,

[...] as irmandades controladas por leigos supriam, em diversas ocasiões, o papel evangelizador que cabia ao clero, acabavam por não pautar sua ação catequética dentro dos mais estritos padrões ortodoxos recomendados pela Igreja. Deste modo, foram importantes difusoras das práticas religiosas condenadas pelos bispos reformadores.

A Igreja tentou esvaziar o poder das organizações leigas. As autoridades eclesiásticas desejavam que estas agremiações ficassem sob sua submissão, pois era fundamental para controlar não só os serviços à fé católica, mas também exercer um maior controle sobre os templos. Estes, como foi comentado, eram construídos pelas

¹⁶⁰ Romanização foi um conjunto de reformas operadas no interior da igreja católica que visava a desvincular a Igreja da coroa luso-brasileira e colocá-la sob as ordens diretas da Santa Sé. Este movimento surgiu a partir do início do segundo reinado, em 1840 e se afirmou na segunda metade do século XIX. Foi incentivado pelos nuncios apostólicos, estabelecidos no Brasil a partir de 1808, como representantes da Cúria Romana. Três fases caracterizam esse novo período da história da igreja no Brasil, conhecido como romanização do catolicismo: a reforma católica, a reorganização eclesiástica e a restauração católica. MENESES, op.cit., p.50
CATOLICISMO. Disponível em: http://www.fontedosaber.com/historia/catolicismo_2.html. Acesso em : 23 de outubro de 2008.

¹⁶¹ OLIVEIRA, Anderson de. Os bispos e os leigos: reforma católica no Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História Regional*, v. 6, n.1, p.148- 152., 2001

próprias irmandades, com apoio do Estado que, - por motivos vários, entre eles, a comodidade e a falta de recursos - incentivava as construções, fortalecendo ainda mais as irmandades, que acabavam por conseguir privilégios em suas ações. Este crescimento fez aumentar os conflitos e as disputas entre irmandades e a hierarquia eclesiástica. Sobre esta questão, merece citação o texto de Lacombe¹⁶² “o grande e inegável papel das irmandades foi ter servido de anteparo às pressões e aos choques de uma ordem social ainda não completamente integrada no seu papel e constituir-se, na medida do possível, em meio de acesso para a pacífica evolução social da colônia.”

As festas e as procissões eram o ponto alto para os membros das irmandades, pois como comenta Oliveira¹⁶³ “os católicos no Brasil sempre consideraram as procissões, não só como um ato religioso, mas também social”. Para sair nos cortejos, cada irmandade tinha além da vestimenta própria, a opa¹⁶⁴ para seus membros, uma cor definida e os estandartes, com sua titulação. Todos estes elementos lhes davam reconhecimento interno e externo. Sobre as procissões, pontua Catão:

Na Lisboa dos fins da Idade Média há um grande número de procissões anuais, e novas são instituídas. Na sociedade colonial, tal como no Reino, a procissão era uma prática religiosa e uma manifestação da cultura barroca. Na América portuguesa havia procissões por ocasião da construção de um novo templo, durante os festejos de aclamação de um novo rei, nas festas dos Santos e nas demais festas ordinárias e extraordinárias previstas pelo calendário religioso. Talvez constituissem a cerimônia mais recorrente nos momentos em que a sociedade buscava festejar.¹⁶⁵

3.6.2 A Irmandade da Penna

A Igreja da Penna é propriedade da venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penna. A Irmandade foi criada primeiramente por volta de 1663, com a finalidade de louvar a Deus, render cultos à virgem Santíssima Nossa Senhora da Penna e assegurar o

¹⁶² LACOMBE, L.L. Ordens religiosas, irmandades e confrarias, *RIHGB* (288):79, jul/set,1970. Apud, FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei; uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.p. 20

¹⁶³ OLIVEIRA, op. cit,p. 153.

¹⁶⁴ A opa é uma capa sem mangas, com aberturas por onde se enfiam os braços, usada pelas confrarias e irmandades religiosas.

¹⁶⁵ SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Corpo de Deus na América. A festa de Corpus Christi nas cidades da América Portuguesa – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 31

o patrimônio da Igreja. É responsável pelas atividades religiosas, festivas e sociais da igreja, sendo subordinada ao poder eclesiástico.

O documento do Compromisso de sua fundação não existe mais. O primeiro de que se tem registro é o do ano de 1835¹⁶⁶, quando a mesa administrativa da irmandade organizou novo compromisso e o submeteu à aprovação do Imperador, solicitando que fossem mantidas as suas propriedades.

No ano de 1901, ocorreu um problema entre a Irmandade e o Vigário da paróquia o Cônego Climério Corrêa de Macedo que exigiu que a irmandade “lhe prestasse obediência passiva e incondicional”. Diante deste fato, a Irmandade mandou demarcar os terrenos de sua propriedade. Meses depois, com o apoio do Vigário Geral, o Cônego foi nomeado zelador da Capela da Penna exigindo as chaves, valores, utensílios e todo o patrimônio da Penna. Como a irmandade não o atendeu o Cônego proibiu a realização da festa da Penna daquele ano, invadiu o local e se instalou na capela tomando posse de tudo que lá existia. Nesta noite, a secretaria foi arrombada, os armários e gavetas violados e todos os documentos roubados, como os livros de atas e papéis importantes. A Irmandade a conselho do Monsenhor Eduardo Tristão de Carvalho foi recomendada a dirigir uma petição a Santa Sé, levada em mãos por este senhor. Ao retornar, o Monsenhor trouxe uma Bula assinada pelo sumo Pontífice Pio X, tornando sem efeito a ordem emanada pelo Vigário Geral e determinando, “fosse a Capela com todos os seus pertences reintegrada na posse da Irmandade”.

A Irmandade, entretanto, nunca mais recuperou os documentos roubados e nem teve a confirmação de quem praticou o roubo. A instituição ficou com uma grande falha em seus arquivos e os documentos sobre toda a sua trajetória perdidos, dificultando qualquer pesquisa que se queira aprofundar sobre a Igreja da Penna e sua administradora.

A venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penna tem estatuto próprio e para dirigir os seus destinos há uma mesa administrativa eleita por um período de dois anos. É composta pelos Irmãos que ocupam os cargos de: provedor, secretário, tesoureiro, procurador e vinte e oito mesários, além de seis funcionários na administração. O Provedor é a mais alta autoridade e deve ser católico praticante e de reconhecida

¹⁶⁶ O compromisso datado de 1835 possui dezenove capítulos e cem artigos. Foi confirmado em carta do regente Diogo Antonio Feijó, em nome do Imperador. Supõe-se que este compromisso tenha sido o terceiro ou o quarto desde a fundação da irmandade. Outro compromisso de que se tem notícia é o de 1873. ROHAN, Amadeu Beaurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna* . 1946. p.53-68.

distinção. É quem representa a irmandade junto aos poderes eclesiásticos e públicos federais, estaduais e municipais. Os irmãos, membros da irmandade, são considerados benfeitores ao fazerem donativos superiores a 10 salários mínimos; ou que já tenham proposto mais de cinquenta novos irmãos; ou ainda que tenham servido no cargo de Provedor por três períodos. Os que fizerem donativos superiores a vinte salários mínimos são considerados grandes benfeitores.¹⁶⁷

Atualmente, a diretoria é composta por seis (6) membros: Provedor e provedora; Vice-provedor; Procurador; secretário e tesoureiro. Ao todo são vinte e oito (28) mesários. O número de mulheres é de quarenta e um (41) membros: uma (1) Provedora, quinze (15) protetoras, quinze (15) zeladoras, dez (10) aias de Nossa Senhora. Ao todo sessenta e nove (69) membros.

Os membros da irmandade eram chamados de juízes, mas como este termo só deve ser usado para magistrados, trocaram em 1990 para provedor. O atual provedor está oficialmente há quarenta e sete (47) anos na Irmandade. É provedor desde 1973. Saiu em 1980 e voltou em 1990 e exerce o cargo até hoje (2008) – vinte e cinco anos (25) anos no cargo. Considera que é mais importante ser provedor da irmandade do que o cargo de desembargador exercido em sua profissão de magistrado. O seu pai, Dr. Eduardo Gusmão Alves de Brito, foi provedor e o Dr. Lucas freqüentou a Igreja desde um ano de idade.

Em 3 de setembro de 1936, foi criada pela irmã da irmandade Sra. Leopoldina de Mello Couto a Congregação das Filhas da Virgem da Penna¹⁶⁸, registrada na Cúria Metropolitana. Tem a finalidade de prestar culto à Maria Santíssima; “promover o adiantamento de suas congregadas na prática das virtudes cristãs; asseverar a perseverança na prática dos costumes e bem preparar as filhas da Virgem para o estado a que tiverem vocação.”

Com relação aos diáconos, que são os clérigos no segundo grau das ordens maiores, imediatamente inferior ao presbítero, ou padre, a Irmandade incentiva a peregrinação que ocorre no mês de agosto. Estes clérigos sobem a ladeira e passam o dia na igreja em meditação, como reza a tradição.

Como toda irmandade, ela sustenta a igreja, garante seu patrimônio e ainda oferece apoio social às instituições carentes. Recebe donativos dos fiéis e cumpre seu

¹⁶⁸ Idem , p. 79

papel de responsabilidade social fazendo doações para casas de caridade como a Casa de Betânia, Casa do Belo Amor e Urupaiti - Associação de hanseníase.

Para ajudar a manter a Igreja e manter a si própria, a irmandade alugou um espaço do penhasco para antenas de celular e rádio, atitude esta criticada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) por alegar que interfere na visibilidade da Igreja, se vista de longe. Essa não é a opinião dos membros da Irmandade, que afirmam que não há esse tipo de impedimento. Esta questão está em processo, segundo informações de Cátia Fonseca em entrevista concedida para esta pesquisa, e é possível que a irmandade tenha que retirá-las ou pagar uma multa por interferir no conjunto paisagístico do morro, tombado pela União.

Nas festas e eventos, a Irmandade aluga o espaço do pátio, em volta da Igreja para que outras instituições religiosas participem colocando barracas com a venda de produtos, que podem ser doces, salgados e refrigerantes. Toda a arrecadação é dirigida à manutenção das atividades litúrgicas, sociais e culturais e da própria conservação da Igreja.

A missa do primeiro domingo de cada mês é nomeada como missa compromissal. Os irmãos e irmãs, como são chamados os membros de irmandades, seguem fielmente um ritual de acordo com a tradição quando iniciam suas atividades litúrgicas. Durante a celebração são separados, ficando os homens bem próximos ao altar no presbitério e as mulheres na nave, mas todos dentro da balaustrada que os divide do público. Esta atitude é secular e vem sendo efetuada desde a criação da instituição. Não consideram discriminação, mas sim uma distinção. Antes os escravos também tinham um local reservado para eles.

Depois da reforma estrutural ocorrida no século XVIII, quando passou de uma pequena ermida para uma capela, as missas costumavam ser realizadas somente no primeiro domingo de cada mês, e assim continuaram até recentemente. A partir de 2007, as missas passaram a ser oferecidas todos os domingos, como observa Cátia Fonseca¹⁶⁹:

[...] Do ano passado, de setembro (2007) para cá, a missa passou a ser todos os domingos. Porque o sagrado era o primeiro domingo do mês. No primeiro domingo do mês, arma-se um toldo no adro, pois, dentro da capela, só cabem 80 pessoas. O toldo é muito largo para poder abrigar as

¹⁶⁹ Entrevista concedida a Graça Coutinho já citada.

pessoas, em frente à Igreja. Porque é o domingo que enche muito. Os outros domingos, agora que as pessoas estão vindo, aos pouquinhos. Vai indo aos pouquinhos, e está dando certo [...].



Igreja Nossa Senhora da Pena (O primeiro domingo do mês). A foto mostra a saída da missa.

Foto de Augusto Malta em 3 de abril de 1932¹⁷⁰

Os sacramentos são realizados na Penna, em sua sede, e administrados de preferência nos domingos e dias santos pelo seu capelão ou pelo sacerdote delegado pelo pároco da paróquia de Nossa Senhora do Loreto. Todos os sacramentos são assentados nos livros de registro da mesma.

Atualmente, tem sido grande o esforço da irmandade para que a igreja tenha uma maior participação na vida da comunidade proporcionando atividades culturais e fortalecendo o sentimento comum de pertencimento que todo templo pretende abraçar.

Os fiéis participam de todos os eventos e convivem em harmonia com os pagadores de promessa. De vez em quando, ocorre uma rejeição com relação aos ex-votos expostos na sacristia, como narra em entrevista o Padre Henrique¹⁷¹:

Uma vez uma jovem que ia se casar aqui, pediu para retirar os ex-votos, pois iria interferir nas fotos. Eu sugeri que ela procurasse outra igreja. Pode ser que incomode ou enfeie, mas não vamos mexer em nada. Finalmente, ela resolveu o impasse evitando tirar fotos próximas aos ex-votos.

¹⁷⁰IGREJA NOSSA SENHORA DA PENA Disponível em: www.wsc.jor.br/fotos/Galeria5/index.htm. Acesso em 8 de julho de 2008.

¹⁷¹ Entrevista concedida a Graça Coutinho já mencionada.

3.7 OS SANTUÁRIOS E O CASO DA PENNA

3.7.1 Definição e Características

Os primeiros santuários¹⁷² cristãos surgiram em torno dos túmulos dos santos, homens e mulheres que morreram como mártires. São, geralmente, em honra a algum orago, tornando-se intimamente relacionado ao culto aos santos. Estes locais transformaram-se em lugares privilegiados de especial veneração e devoção.

A atribuição de sacralidade e excepcionalidade a determinados locais de culto é considerada primordialmente por sua relação com um episódio da história dessa religião. Seja por sua localização geográfica, reinterpretada religiosamente, seja pela ação de um ou vários santos no local – por eles terem vivido, ou nele terem aparecido, ou por nele repousarem seus restos mortais, ou por aí estar sua imagem milagrosa.

Por santuário entende-se, portanto, um centro de convergência religiosa constante profundamente arraigada na crença do povo, aprovada ou reconhecida pelas autoridades eclesiástica.

Um local sagrado para receber o título de santuário passa por uma série de avaliações, recebimento de títulos, concessões e privilégios que o vão permitindo crescer hierarquicamente até chegar a esta categoria. Evidencia-se desta forma o poder institucional da Igreja de estabelecer cuidadosamente diferenciações entre os locais de culto, reconhecendo a excepcionalidade de alguns deles através da legitimação das práticas devocionais e determinando limites de pertencimento às fronteiras desta religião.

Leva-se especialmente em consideração o fator religioso. Os requisitos são baseados no Código de direito canônico¹⁷³. No cânone 1230 do Código, aprovado em 1983, lê-se: “sob a denominação de santuário, entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade fazem peregrinações com aprovação do ordinário local.” E ainda, no cânone 1205, lê-se “lugares sagrados são aqueles que são destinados ao culto divino ou à sepultura dos fiéis, mediante dedicação ou benção, para isso prescritas pelos livros litúrgicos.”

¹⁷² MENESES, op.cit., p.15-19

¹⁷³ Idem, P.16 E CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO Disponível em: <http://www.cliturgica.org/artigo.php?id=129>. Acesso em: 12 de dezembro de 2008.

Geralmente, o título de santuário é concedido pelo bispo diocesano ou cardeal ou algum membro hierarquicamente superior que assim o proclame.

Vemos nos cânones acima que o fluxo, a pressão e a frequência de fiéis são dados importantes para que aquela determinada igreja ou local sagrado atinja a qualificação de santuário, uma vez que um dos fatores principais é a sua popularidade.

Podemos considerar que a hierarquia religiosa apenas avaliza os locais e sua história, pois quem os “cria” são os devotos com sua permanente frequência, peregrinação, entrega de promessas e a fé neles depositada.

Além de terem o direito de realizar atos litúrgico, estes locais devem ter um capelão permanente, realizar os sacramentos¹⁷⁴ e possuir a pia batismal.

A posição geográfica dos locais sagrados também tem um significado muito especial para serem considerados santuários. Maior importância têm aqueles localizados no topo dos montes, rochedos, montanhas, penhascos¹⁷⁵, considerado a meio caminho entre o céu e a terra. Este fato se deve às montanhas terem um significado muito grande na tradição católica, pois várias passagens do evangelho se referem a feitos ocorridos no alto delas.

As concessões podem ainda ser dadas quando a igreja agrega-se a alguma basílica¹⁷⁶ de grande importância. Como exemplo, podemos citar o Santuário Mariano Igreja da Penha¹⁷⁷, localizada no bairro da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro, o mais

¹⁷⁴ São sete sacramentos: o batismo, a confirmação ou crisma, a eucaristia, a penitência ou confissão, a ordem, o matrimônio e a extrema-unção

¹⁷⁵ Penha - Grande massa de rocha isolada e saliente, penhasco, penedo.

¹⁷⁶ O termo vem do latim *basilica,ae* basílica e do grego *basilikê*; cuja grafia, no século XV passou a ser basílica. Em termos de arquitetura, a basílica, entre os romanos, foi definida como um edifício público, coberto e retangular, com três naves separadas por colunas, que abrigava mercados, tribunais ou onde se reuniam comerciantes e pessoas ociosas, e no qual, mais tarde, se congregaram os primeiros cristãos. Daí a designação das primeiras igrejas cristãs que conservaram o mesmo plano desse edifício profano. Hoje o termo está voltado para a Igreja católica que goza, conforme o direito canônico, de certos privilégios: dispor de altar reservado ao papa, ao cardeal ou ao patriarca, e não estar submetida à jurisdição eclesiástica local, o que lhe confere status internacional e símbolo da igreja patriarcal em forma de pálio, que protegia os prelados durante as procissões.

¹⁷⁷ O título de Santuário Mariano foi a culminância de outros títulos e concessões recebidos pela Penha. A série iniciou-se em 1819, com duas concessões: uma por D. João VI, dando-lhe o direito de proceder à procissão de círio; a outra por D. José Caetano S. Coutinho, bispo do Rio de Janeiro e capelão mor do rei, que lhe concedeu o direito de pia batismal. Em 1935, o papa Pio XI tornou a Igreja agregada à Sacrossanta e Patriarcal Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, com indulgências e privilégios equivalentes aos daquela Basílica. Mas, foi somente em 1966 que D. Jaime de Barros Câmara, arcebispo metropolitano do Rio de Janeiro, elevou o templo à categoria de santuário perpétuo e, em 1981, o título de santuário mariano, pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugenio Salles, atendendo a desejos do Papa João Paulo II. MENESES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996. p.15

famoso e freqüentado santuário dentro desta cidade que, apesar de sua fama e reconhecimento público, só veio a receber o título no século XX.

3.7.2 O caso da Penna

A Igreja de Nossa Senhora da Penna se configura como um santuário, e é chamada como tal pelos fiéis, em virtude de seu potencial milagreiro e de sua função religiosa perante a comunidade. Mas não é oficialmente registrada pela Cúria como um santuário e o Padre Henrique¹⁷⁸, capelão da igreja, confirma esta questão:

[...] Não, não é um santuário. Para se tornar um santuário, tem que preencher muitos requisitos e quem define isto é o bispo. Só ele decide. Não podemos nem propor [...] É o bispo diocesano que concede o título. Tem que preencher uma série de requisitos. Tradição, afluência dos fiéis, histórico da igreja, tamanho e outros tantos, que só ao bispo compete definir. Ele que sabe melhor da sua arquidiocese. Nós não podemos nem lembrar. Um dos itens que fortalece o fato de uma Igreja se tornar um santuário, pode ser também a entrega das promessas, dos ex-votos. [...] Uma igreja pode ser santuário, paróquia ou capela. Aqui é uma capela que territorialmente encontra-se dentro dos limites da Paróquia de Nossa Senhora do Loreto. Nossa dependência é somente com os registros de casamentos e batizados, pois os registros são feitos lá, no Loreto. Além do relacionamento fraterno entre os capelães. O vínculo é jurídico eclesástico, no que tange a realização de sacramentos, particularmente o batismo e o matrimônio. [...]

Levantamos, a seguir, alguns aspectos da Igreja da Penna que poderiam elevá-la a categoria oficial de santuário, de acordo com os requisitos necessários apontados no item anterior.

Na Penna são realizadas festas religiosas nas datas determinadas e principalmente, a de Nossa Senhora da Penna, com todos os rituais exigidos. O fluxo de fiéis da Penna sempre foi bastante considerável e está aumentando, surgindo a necessidade de oferecerem missa todos os domingos. Tradicionalmente, missas eram oferecidas somente nos primeiros domingos do mês.

¹⁷⁸ A Paróquia do Loreto fica no sopé da Ladeira da Freguesia, é protetora dos aviadores e em sua praça encontrava-se um avião da FAB. Entrevista concedida a Graça Coutinho, já citada
Com o processo de burocratização da religião católica, a Igreja católica romana estabelece uma demarcação territorial: dioceses - unidade eclesial completa, formando uma igreja local; paróquias - controlada pelo vigário ou pároco, núcleo da estrutura eclesástica, dotada de certa autonomia e com poderes e atribuições delegadas pelo bispo. Assim, todo território encontra-se organizado em dioceses e paróquias. MENESES, op., cit., p. 32

Percebemos que o relacionamento e o prestígio da irmandade, de seus membros e do capelão da Igreja da Penna perante a hierarquia religiosa é considerável, haja vista a presença de muitos membros da cúria na festa da Penna do último dia 8 de setembro de 2008. Estavam presentes na cerimônia, além do capelão da Igreja da Penna, o bispo auxiliar da arquidiocese do Rio de Janeiro, Don Assis Lopes e nove sacerdotes de diferentes paróquias. Com relação à comunidade, também pudemos observar, nesta mesma festa, a numerosa frequência de fiéis de outras paróquias que subiram o morro da Pedra do Galo a pé, em romaria, além do Vicariato de Jacarepaguá¹⁷⁹ com representantes de suas pastorais da saúde, da juventude, da criança.

Nos domingos também constatamos o interesse da comunidade em subir a Penna para assistir a tradicional missa das onze horas, apesar de no sopé da ladeira ser também oferecida missa na Igreja de Nossa Senhora do Loreto.

A origem da Penna relacionada à sua lenda; sua localização- assentada em cima do penhasco –; a sala de milagres em plena atividade; o cumprimento do culto com regularidade num período de longa duração e a permanente frequência dos fiéis são fatores favoráveis para que o local se torne oficialmente um santuário. Tem também características para ser um santuário mariano já que seu templo é dedicado a Nossa Senhora e foi erigido em honra à virgem devido a sua aparição.

Para os fiéis, entretanto, este título não altera em nada a sua fé em Nossa Senhora da Penna e, muito menos, a sua frequência nos atos litúrgicos, festas e eventos. A autoridade eclesial responsável pela indicação do local para ser oficializado como um santuário é o bispo, cuja sugestão do título é submetida à aprovação da cúria. Acreditamos, porém, que haja uma estreita relação entre a concessão do título de santuário pelas autoridades religiosas, e a interferência que este fato acarreta na estrutura eclesial paroquial. Esta discussão surge no texto de Meneses¹⁸⁰

Embora prescindida do título oficial, um santuário adquire maior legitimidade com ele, pois se os devotos consideram-se católicos, é porque reconhecem no corpo hierárquico da igreja a qual se dizem pertencentes algum grau de autoridade para discernir sobre as manifestações da verdadeira religião [...] O santuário “desestrutura” a organização paroquial, isto se dá no sentido em que ele é uma via de

¹⁷⁹ O Vicariato Jacarepaguá, o mais novo da arquidiocese, criado no dia 08 de dezembro de 2005, é composto por 19 paróquias, das quais dez pertenciam ao Vicariato Suburbano, e nove ao Vicariato Sul. Engloba as paróquias das regiões da Rocinha, São Conrado, Itanhangá, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Jacarepaguá

¹⁸⁰ MENESES, op.cit. p.31.

comunicação com o sagrado que surge a partir de uma manifestação “inesperada” do próprio santo, sem estar atrelada a uma demarcação territorial previamente planejada, muitas vezes provocando alterações no estatuto oficial de determinados templos.

O relatado acima é um dos motivos pelos quais não são atribuídos títulos de santuários com tanta facilidade. Outro agravante é que o templo, pelo direito canônico, é subordinado à arquidiocese do Rio de Janeiro. Do ponto de vista do direito civil, a irmandade, como associação civil beneficente, é proprietária da igreja e de grande extensão territorial ao seu redor, além de suas atribuições litúrgicas e funções de assistência social. Seria, portanto, aumentar seu poder e fortalecer sua independência, além de afetar a estrutura da organização paroquial.

É de grande responsabilidade por parte do bispo a atribuição do título de santuário a locais consagrados pelos fiéis. Os santuários, que já são oficialmente consagrados, podem vir a receber concessões de privilégios amparados pelo código de direito canônico como transcrevemos, a seguir: Cânone: 1223¹⁸¹ “Poderão ser concedidos determinados privilégios aos santuários, sempre que as circunstâncias locais, o afluxo de peregrinos e principalmente o bem dos fiéis parecem aconselhá-los.”

No texto de Meneses¹⁸² encontramos um trecho que nos dá um embasamento para esta discussão.

Diz ela que, segundo Azzi “os centros de devoção e romaria são pontos de encontro e de atrito entre a religião oficial e a crença popular”. A relação entre hierarquia e devotos é marcada por uma interdependência tensa, que Maués, seguindo outros autores, tratou como uma “tensão constitutiva do catolicismo” uma disputa entre leigos e sacerdotes pelo gerenciamento de práticas culturais. Embora a hierarquia detenha o poder de reconhecer práticas devocionais que ocorrem em determinado lugar como católicas ou não (atribuindo assim o pertencimento dessas práticas ao domínio da religião ou da superstição); esta mesma hierarquia depende da concordância dos devotos de que seu julgamento foi acertado, para garantir não só a persistência do culto no local, mas também para manter-se enquanto hierarquia religiosa, isto é, enquanto uma instituição socialmente reconhecida como capaz de identificar as verdadeiras manifestações do sagrado. A afluência contínua dos fiéis àquele local sustenta a proclamação da hierarquia, mas na verdade garante também a própria hierarquia enquanto tal.

¹⁸¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Código de Direito Canônico, São Paulo, Loyola, 1983. Apud. MENESES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996. p. 31.

¹⁸² Idem , p. 30

A proliferação no Brasil de santuários aclamados exclusivamente pelo povo, e freqüentado por eles com assiduidade, comprova a interdependência que existe entre a hierarquia religiosa e os devotos, pois um está a serviço do outro.

3.8 AS FESTAS RELIGIOSAS E O CASO DA PENNA

3.8.1 As festas religiosas

As festas religiosas tiveram uma enorme importância na sociedade colonial. É grande a bibliografia sobre o tema - de relatos dos viajantes a estudos acadêmicos. As festas religiosas no Brasil são consideradas ocasião propícia a encontros em que ocorre a mistura e a comunhão de etnias e classes sociais diferentes.

No período colonial, as festas atuavam como um momento de integração social tanto para os habitantes que viviam afastados nos engenhos, quanto para os que viviam nas regiões com maior densidade demográfica.

Para as irmandades as festas eram o dia dos benefícios e da caridade, ou seja, era o momento de atrair novos irmãos, de arrecadar verba de seus membros, de atualizar as finanças, de afirmar seu prestígio diante da comunidade, entre outras coisas.

Nas festas, misturavam-se as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas ao espaço da Igreja, como naquelas realizadas no seu interior. Além das missas com músicas diversas, sermões, te-déuns, novenas e procissões, eram parte importante as danças, coretos, fogos de artifício, barracas de comida e bebidas. Vale mencionar a visão de dois historiadores sobre as festas religiosas, citadas por Martha Abreu¹⁸³. João Reis as viu como “rituais de intercâmbio de energias entre homens e as divindades, um investimento no futuro, tornando a vida mais interessante e segura”. Já a historiadora Mary Del Priori assim analisa as festas coloniais:

[...] as festas coloniais como expressão teatral de uma organização social procuram focalizar a participação dos diferentes atores, segmentos da elite, índios, populares, negros e escravos, o que tornou seu significado bastante multifacetado e dinâmico, podendo ser um espaço de solidariedade, alegria, prazer, inversão, criatividade, troca cultural, e, ao mesmo tempo, um local de luta, violência, educação, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias.

¹⁸³ ABREU, Martha. *O império do divino; festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.p.34

As festas católicas no Brasil, tanto em comemoração aos dias de santos quanto a acontecimentos inseridos no calendário religioso parecem sempre combinar devoção e diversão. Como comenta Martha Abreu¹⁸⁴.

As práticas católicas eram marcadas pelas espetaculares manifestações da fé, presentes nas pomposas missas, celebradas por dezenas de padres acompanhadas de corais e orquestras; funerais grandiosos e procissões cheias de alegorias com grande número de participantes, fogos, tiros de foguetes e tambores, danças e mascarados confirmam a espetacularização do período do catolicismo barroco originário da herança lusa. [...] desejo chamar atenção para a continuidade e, sobretudo, para a renovação de uma prática religiosa barroca: as festas de santos e procissões, expressivos sinais de força do catolicismo, independente da ortodoxia oficial.”

Muitos destes acontecimentos estão ainda presentes nas festas religiosas como a da Igreja de Nossa Senhora da Penna.

3.8.2 A festa da Penna

As festas da Penna eram muito prestigiadas no passado. Os livros de presença da Irmandade da Penna possuem assinaturas de membros da alta representação social e de grande destaque na vida pública no país, principalmente do século XIX e XX.¹⁸⁵

Da primeira metade do século XX até os anos 1960, a festa da Penna¹⁸⁶, cujo dia é comemorado em 8 de setembro, era um acontecimento marcante no bairro de Jacarepaguá. A maioria dos habitantes da região fazia roupa nova para subir a ladeira em romaria e festejar sua padroeira, segundo informações colhidas dos depoimentos concedidos para esta pesquisa. Seguiam a tradição portuguesa das festas religiosas inclusive com danças e músicas folclóricas da matriz.

As festas¹⁸⁷ foram suspensas para o grande público, entre os anos de 1997 e 2003, mas continuaram a acontecer em pequena escala para os membros da irmandade e alguns fiéis. Um dos argumentos aventados, pelos entrevistados, foi que os antigos freqüentadores envelheceram e não subiam mais a ladeira, a pé, enfraquecendo as

¹⁸⁴ ABREU, op cit, p. 34 e 35

¹⁸⁵ ROHAN, op. Cit. p. 47 a 52.

¹⁸⁶ Informações colhidas das entrevistas e depoimentos das pessoas da irmandade e dos freqüentadores da Igreja e das festas.

¹⁸⁷ Lembramos que na escritura de doação das terras para a Irmandade está registrado que: “[...] que nella se diga missa e se faça festa todos os annos.” Segundo comentamos no item 3.6.2 houve uma primeira ruptura no ano de 1901. Os informantes e entrevistados não conseguiram precisar a razão da pausa das festas e levantaram superficialmente alguns fatores responsáveis por esta interrupção parcial.

romarias. Outros afirmam que a interrupção foi por causa das obras feitas neste período. Outra questão comentada, superficialmente, foi a existência de um conflito entre os organizadores. O Sr. Jorge Cezaro¹⁸⁸, membro da Irmandade de Nossa Senhora da Penna, comentou “que as disputas no controle das festas são muito comuns de acontecer, entre os membros das irmandades e os devotos que colaboram como voluntários. Todos se sentem donos dos santos, das festas, do espaço sagrado”.

As obras de melhoria para o acesso ao alto da colina, incluindo o alargamento da ladeira e o estacionamento no platô logo abaixo da igreja, realmente contribuiu para facilitar o acesso, trazendo de volta a festa que retornou a se realizar aberta a todos os fiéis, em 2003. A missa dos primeiros domingos de cada mês, nunca foi interrompida, e a partir de 2007, passaram a se realizar todos os domingos.

Atualmente, as festividades incluem missa celebrada com um grande número de padres, incluindo espaço dedicado à oratória; acompanhada por coral e orquestra; coroação de Nossa Senhora; procissão com todos os elementos; quermesse com leilão de prendas; rifa; almoço para os participantes e a comunidade; apresentações artísticas e musicais diversas, além de fogos. As atividades são alternadas ano a ano, de acordo com o interesse da comunidade e da irmandade. Os grupos de danças folclóricas portuguesas se apresentaram no ano de 2007.

No ano de 2008, estivemos presentes às comemorações do final de semana anterior ao dia da festa de Nossa Senhora da Penna, realizada no dia 8 de setembro. Como estratégia para vivenciar a festa do dia da natividade de Nossa Senhora da Penna, procuramos entrar em contato com os atores sociais envolvidos com a história e vivenciar a celebração, em busca de depoimentos¹⁸⁹ para a pesquisa.

¹⁸⁸ Jorge Cezaro. Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Igreja de Nossa Senhora da Penna, 7 de novembro de 2008. Este senhor reflorestou o morro da Pedra do Galo, com a ajuda de seus filhos, como trabalho voluntário, após um incêndio que deixou a vegetação muito afetada.

¹⁸⁹ Colher estes depoimentos não foi uma tarefa fácil. A maioria das pessoas presente nas celebrações não demonstrou interesse em falar. Mas, conseguimos despertar o interesse em alguns fiéis que narraram alguns aspectos sobre a participação nas festas. Ao nosso ver, estes depoimentos são válidos de serem incorporados nesta pesquisa e que se encontram ao longo deste e do item a seguir. Estes depoimentos informais são uma pequena mostra do perfil dos frequentadores da festa. Esta abordagem foi bem diferente das entrevistas, em que foram preparadas perguntas específicas sobre vários assuntos a serem esclarecidos. No caso dos depoimentos foi feita uma pergunta pontual sobre a participação deles na festa, para provocar uma resposta. Os que deram depoimento foram: Seu João, Sr. Waldir, Dona Jussara e Dona Carmelita e nenhum deles quis fornecer a profissão e nome completo.

O dia 8 de setembro de 2008 caiu em uma segunda-feira, destarte as homenagens à Santa terem se iniciado no sábado, dia 6, ou seja, dois dias antes. As comemorações sempre se estendem por todo mês de setembro, com atividades concentradas nos finais de semana. O público presente comemorava naquele momento 172 anos de existência da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penna e os 347 anos da edificação da igreja do mesmo nome. As missas ocorreram do lado de fora da igreja, no adro, onde foi montado grande toldo e onde foram acomodadas cadeiras para os fiéis. Foi montado um palanque para a celebração do culto e também para apresentações artísticas.



Festa da Igreja da Penna, toldo, altar externo da igreja.



Bandeiras e a pena

Nas laterais da igreja foram armadas barracas de comida, -- seis ao todo -- três da paróquia de Santa Luzia de Jacarepaguá; uma da Igreja do Loreto; uma particular do Sr.Badá, com refrigerantes e uma de produtos religiosos da própria Irmandade. Condizente com o mercado religioso em voga ultimamente foi posta à venda todo tipo de produto com a representação da figura de Nossa Senhora da Penna. Desde os tradicionais objetos religiosos, tais como: santinhos, cruzes, anjos, livros religiosos, escapulários, imagens, velas diversas e de diferentes tamanhos -- até camisetas, pulseiras, brincos, canetas, colares, *bottons*, pingentes de celular, paninhos, aventais etc...

Além das missas compromissais, realizaram-se no decorrer do mês missas em ação de graças, e em homenagem a diferentes segmentos, e em dias e horários diferentes. Os cultos foram dedicados, à venerável Irmandade e seus benfeitores; aos benfeitores e à congregação das filhas de Nossa Senhora da Penna; aos devotos; aos irmãos e sacerdotes falecidos; ao santo Papa Bento XVI; ao Arcebispo, aos bispos auxiliares, aos presbíteros e diáconos; a paz universal e unidade dos cristãos; à

população de Jacarepaguá; e ainda aos intelectuais, artistas, cientistas e a todos que trabalham na Imprensa, pelo fato de Nossa Senhora da Penna ser a protetora destes segmentos da sociedade.¹⁹⁰

A Novena da Gloriosa Virgem, dedicada à Nossa Senhora da Penna foi feita pelo Padre Dr. Felício Magaldi, em 1916, quando exercia a função de vigário da Paróquia de Jacarepaguá e posteriormente Vigário da Paróquia de Santo Antonio dos Pobres e inclui indulgência¹⁹¹ a aqueles que dela participarem. A reza da novena não ocorre mais na Igreja em dias consecutivos como antigamente, quando as devotas subiam a ladeira e se encontravam durante nove dias para rezar. Atualmente, elas se reúnem na residência das Filhas da Penna. No dia da festa, porém, as Filhas da Penna se encontram e rezam dentro da igreja. Descrevemos a baixo, uma parte da oração

[...]

Luz das artes, das ciências,
Vos saúdo ó Mãe de amor;
Elevae as consciências
Aos outeiros do Senhor

A programação da festa é intensa nos três dias de festejos, e se prolonga no decorrer do mês de setembro, como será demonstrado a seguir.

No sábado dia 9 de setembro, as atividades foram iniciadas às 9 horas, com repicar de sinos enquanto a romaria dos fiéis subia a ladeira em direção a Igreja. A peregrinação foi organizada pelo Vicariato de Jacarepaguá com cerca de 200 participantes. A concentração ocorreu na Igreja de N. Sra. do Loreto, ao pé da ladeira que leva à Igreja de Nossa Senhora da Penna, e assim, os fiéis subiram em peregrinação até o alto do penhasco.

A romaria foi composta por membros da comunidade, por pessoas de outros bairros e de diversas paróquias como a Paróquia de Nossa Senhora do Loreto; Nossa Senhora do Rosário de Fátima e de Santo Antônio de Lisboa, ambas de Taquara; Nossa Senhora de Fátima do Pichincha; e ainda membros das pastorais da saúde, da juventude, e da criança pertencentes ao Vicariato de Jacarepaguá.

¹⁹⁰ Informações colhidas nos folhetos da festa do ano de 2008.

¹⁹¹ “Concedemos cem dias de indulgência aos fiéis que com o coração contrito rezarem estas orações, diante da Imagem de N. S. da Penna, e duzentos dias aos que comungarem no dia da festa e rezarem cinco Padre Nossos; cinco Ave-Marias e cinco Gloria Patri.” ROHAN, op. Cit. p.72



Cartaz do Vicariato de Jacarepaguá
Convocação para a romaria



Fieis subindo a ladeira no dia da romaria

Às 11 horas, foi dado o início da Missa solene que terminou às 13 horas e contou com a presença do bispo auxiliar da arquidiocese e animador do Vicariato Dom Edson de Castro Homem e de Sacerdotes das diferentes Igrejas da região, o que reforça a eficácia política da irmandade perante o clero e a sociedade. Das 15 às 17 horas ocorreu a apresentação do cantor Caetano e sua banda. Às 19 horas, apresentação do Grupo Antítese. Os dois grupos são de música popular brasileira, incluindo ritmos sertanejos, repertório de muita aceitação na região.

No domingo dia 7, as atividades foram iniciadas com a missas às 11 horas e depois uma outra missa às 18 horas e à tarde ocorreram os mesmos shows, além das atividades quermesse com leilão de prendas.

Na segunda-feira dia 8, o dia da Natividade de Nossa Senhora da Penha, as atividades, em homenagem à Virgem foram iniciadas, às 10 horas, com a leitura em memória à alma dos irmãos falecidos realizada por um dos membros da irmandade,

dentro da Capela. Às 11 horas foi dado o início da Missa solene em louvor de Nossa Senhora, acompanhada pelo coral composto pelos Arautos do Evangelho de Friburgo que, entoaram o canto da entrada, acompanhados por um conjunto musical e vestidos de batina bege e marrom. O celebrante do culto foi o bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Don Assis Lopes. Estavam presentes padres de diferentes paróquias todos vestidos com roupas de gala. Eram eles: O padre Henrique, Capelão da Igreja da Penna; os padres Francisco, Simão, Sérgio e Miguelito da Igreja Nossa Senhora do Loreto; padre Roberto da Paróquia da Sagrada Família e Taquara; padre Sérgio da Paróquia de São Sebastião; padre José da Igreja de Santa Luzia. Ocorreu também durante a missa a coroação de Nossa Senhora. Durante a celebração, em espaço dedicado à oratória, o Dr Lucas, provedor da irmandade e o bispo auxiliar falaram de milagres por eles vivenciados, e que foram tratados em item anterior.

Às 13 horas, ocorreu o tradicional almoço oferecido pela irmandade aos presentes. A instituição mantém o costume medieval das confrarias de reunir os membros em banquete nos dias de festa. De sobremesa, foi servido o bolo que o Sargento Wanderley oferece aos irmãos todos os anos. Este ex-voto é um pagamento da promessa que o Sargento fez a Nossa Senhora da Penna, pela ajuda que sua família recebeu, atribuída à santa, quando se encontrava em sérias dificuldades.

Às 18 horas, houve a tradicional queima de fogos¹⁹², anunciando a procissão que saiu da capela deu algumas voltas em torno da mesma, terminando de novo dentro da igreja onde foi celebrada a missa seguida de bênção do Santíssimo Sacramento.



Andor carregado pelas mulheres



Membros da irmandade na procissão

¹⁹² Segundo informações de um dos membros da irmandade entrevistado o Sr. Jorge Cezaro, “ um dos anos teve salva de tiros (talvez 1970), o que foi imediatamente proibido pelas autoridades locais.”



Estandartes de Nossa Senhora da Penna

Na procissão, seguiram na frente os membros da irmandade com dois estandartes de Nossa Senhora, em seguida as crianças vestidas de anjo e o andor carregado pelas mulheres membros da Irmandade, segundo a tradição desta instituição. Logo em seguida vai o capelão com o ostensório. Todos utilizam vestimentas adequadas, a opa, capa azul clara, que é a cor de Nossa Senhora - e os ornamentos como o pália, as salvas, os sinos, o incenso.

Nos domingos subseqüentes (14, 21e 28), além da missa das 11 horas, realizaram-se shows de Caetano e sua banda (MPB e ritmos sertanejos), do Grupo católico Chão e Paz; do Trio Xodó (forró); da cantora Ghislane Cantini (baladas) e cantor Oséas (hinos sacros e gospel)

Segundo Cátia Fonseca a freqüência este ano nos shows foi de cerca de 500 (quinhentas) pessoas. Na missa do primeiro domingo, incluindo os dois horários do culto, o das 11 horas e o das 18 horas, cerca de 1000 (mil) pessoas estavam presentes.

Um lado positivo da festa é o convívio social. A festa além do lado devocional é um divertimento considerado seguro, pois a Irmandade se preocupa com a segurança, contratando um esquema de proteção para que os fiéis fiquem em paz e tranqüilos. O público presente tem a oportunidade de assistir a shows gratuitos. Como comentamos anteriormente, colhemos alguns depoimentos de pessoas que estavam na festa e Seu João nos fala um pouco de sua experiência.

Eu gosto da festa porque a gente encontra as pessoas que não vê há muito tempo. Até mesmo parentes, que moram mais afastados e a vida faz você não ver. Eles vêm, todos vêm na festa. A gente bota a conversa em dia. Olha, a minha irmã, esta que está aqui, eu não vejo há três anos. Ela vinha sempre. Casou, sabe como é, até convencer o marido de que vale a pena, já se passou o tempo”

A festa promove encontros familiares, encontros sociais, mais informais e longe do ambiente de trabalho. Os fiéis costumam subir em grupos, a pé ou de carro e vão com o intuito de prestigiar a santa e desfrutar da companhia de outras pessoas. Encontram-se na casa de um devoto que mora mais próximo e seguem para a festa, unindo, desta forma, a devoção e a diversão.

A festa promove também uma comunicação entre diferentes segmentos sociais, considerando que a maioria do público presente é formada pela classe média e o proletariado de Jacarepaguá.

Segundo Cátia Fonseca, o resultado da venda dos produtos da barraca de produtos religiosos da Irmandade, no dia da festa foi bastante significativa, pois os fiéis levam lembranças para eles e para aqueles que não puderam participar. O número de freqüentadores tem aumentado a cada ano, sendo necessário um maior investimento por parte da irmandade para ampliar o toldo do adro e contratar os grupos musicais de agrado da comunidade.

Percebemos também que os depoimentos traduzem uma certa nostalgia das festas dos tempos passados. Como declara Sr. Waldir, participante da festa:

Eu venho desde criança. Nasci em Duas Barras, Estado do Rio, perto de Friburgo, mas fui criado aqui. Morava embaixo e subia a ladeira. A nossa diversão era vir aqui com os colegas. Venho desde os meus 11 anos para 12 anos. Era bem mais animado. Em 1957, a ladeira ficava cheia de barraquinha e camelôs de cima a baixo, a ladeira inteira. Desde aqui até o início da Ladeira da Freguesia. A gente vinha para se divertir..Naquela época não era devoção não, era brincadeira, mas agora é que é. Estamos precisando mais. Vai chegando a idade...Eu não preciso fazer promessa. Eu só preciso de fé. O que eu quero Deus me dá demais. Deus me dá tanto que eu ajudo os outros. Posso ajudar as pessoas e fico muito satisfeito com isso. As pessoas têm muita fé nela e tem que ter fé. Todo mundo tem dificuldade. Quando não é dinheiro é saúde, é desavença. Só existe uma saída, mesmo. Que é Deus!

3.8.3 As promessas da Penna

O pagamento da promessa continua com o mesmo compromisso, o prometido tem que ser cumprido. Cumprir uma promessa muitas vezes é um sacrifício e, ao que parece, quanto maior o sacrifício, mais os fiéis se sentem ouvidos em sua conversa privada com o divino.

O desprendimento de acompanhar procissões de pés descalços em todo o seu trajeto, subir de joelhos grandes escadarias ou ladeiras, se sentir esmagado no meio de

uma multidão, levar uma cruz ou algo pesado até o topo da ladeira, passam despercebido pelos fiéis quando a fé predomina. Hoje em dia, na Penna são poucos os registros destes arroubos de fé. Acontecem alguns casos isolados como narram Cátia Fonseca e o zelador Seu Luis que, no dia oito deste ano de 2008, ocorreu uma destas manifestações: "bem cedo uma moça jovem subiu de joelhos a ladeira, desde lá de baixo até em cima, acompanhada da mãe que lhe dava água de vez em quando. Ela subia bem devagarzinho". Seu Luis ainda completa, "em 1998, eu assisti um homem subindo com uma grande cruz."

Os freqüentadores das festas parecem preferir as manifestações de fé mais sofridas, como podemos constatar no depoimento de alguns devotos da Penna, como Dona Jussara. "Eu venho todo ano. Quando é necessário, pago a promessa. Ela, a santa, é muito milagrosa! Mas os antigos diziam que as festas do passado eram mais animadas e os pagadores de promessa faziam grandes sacrifícios."

Dona Carmelita declara em seu depoimento – "Eu não vejo mais ninguém cumprir promessa de verdade, de sacrifício. Agora é só bilhete na santa ou mesmo estas parte do corpo de cera. Antes a ladeira era cheia de pagadores, carregando cruzeiros ou subiam a pé e descalços."

Como vemos, nesta igreja já não existem mais, na freqüência de antigamente, manifestações de sacrifícios teatralizadas e espetaculares. Estas manifestações eram feitas pelos fiéis com a proposta de se aproximarem do calvário vivido por Cristo ou do martírio de seus santos prediletos. A própria igreja começou a alertar os fiéis a respeito deste exagerado sacrifício, pregando durante os sermões que era mais importante o comparecimento às missas, e também às festas, do que estas demonstrações de excessiva fé. .

Observamos que as promessas são hoje pagas com mais discrição limitando-se a pequenos objetos e bilhetes, e não mais com sacrifícios corporais.

A Irmandade da Penna está providenciando um teleférico para ser instalado na Pedra do Galo, com a finalidade de facilitar o acesso à Igreja.

Percebemos o interesse da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penna em manter este ritual de entrega das promessas e de propagar os milagres da Virgem. A instituição procura acompanhar os interesses da comunidade promovendo, durante as comemorações do mês de setembro dedicadas a Nossa Senhora da Penna, shows musicais de interesse comum. Desta forma, cresce o número de freqüentadores e de

devotos, sendo cada vez maior a procura à Igreja, principalmente nos primeiros domingos do mês e no dia 8 de setembro.

A estrutura das festas religiosas sofrerem alterações com o passar dos anos, e seus organizadores procurarem se adaptar aos interesses da comunidade. Mas, apesar disto estas comemorações, juntamente com as romarias, a prática das promessas e a entrega de ex-votos ocupam, ainda hoje, um papel importante como expressão de religiosidade, sobretudo entre as populações mais carentes, embora não sejam apenas estas as interessadas em pedidos e em promessas.

CONCLUSÃO

Trabalhamos nesta dissertação com a prática religiosa dos ex-votos, promessas e milagres, tendo como objeto de estudo a Igreja de Nossa Senhora da Penna.

O campo religioso é extremamente amplo e significa qualquer filiação a um sistema específico de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica, com princípios básicos de agir e pensar. Entendemos o catolicismo como uma crença voltada para a existência de uma força ou forças sobrenaturais, consideradas como criadoras do universo, e que como tal devem ser adoradas e obedecidas. O catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no país, caracterizada pela ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o outro mundo, um modo de alargar as possibilidades de proteção que o homem sempre necessita. Como nos diz Pierre Sanchis, “há religiões demais nesta religião”.

A devoção não é necessariamente um sentimento pertencente ao universo do catolicismo, ele pode existir em pessoas de qualquer crença, pois o fato de se apegar a uma religião ou a algo que se acredite, já é por si só um ato de devoção. Como define o dicionário é “o ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou entidade; culto ou prática religiosa; dedicação íntima; afeição, afeto; ou objeto de especial veneração.” Uma oferta de encruzilhada, comum nas religiões de origem africanas, é uma entrega, um pedindo, um desejo, ou um agradecimento, em suma, um ex-voto.

Para localizar o tema e o objeto de estudo no tempo e no espaço, percebemos a importância em tratar das principais questões religiosas que influíram no comportamento e na devoção da população da América Portuguesa. Tratamos, portanto, das transformações fundamentais que ocorreram e interferiram, ao longo de quatro séculos, nos dogmas da Igreja Católica, influenciando diretamente no culto aos santos, no papel das irmandades, nas atitudes do clero com relação à prática das promessas e as consequências destes fatores no comportamento dos gentios, num processo de longa duração, cujos resultados buscamos mostrar mais especificamente no estudo sobre a Igreja de Nossa Senhora da Penna.

Constatamos que a preocupação com a preservação dos ex-votos já se faz presente, o que torna possível o seu entendimento enquanto registro de modo de vida e

comportamento social. A Igreja de Nossa Senhora da Penna é um dos locais que testemunham esta preocupação, tornando-se um espaço de preservação da memória apesar de ser um local pequeno e pouco conhecido fora do seu entorno.

É através da narrativa silenciosa que envolve seu acervo que ela justifica seu valor simbólico, e pode ser entendido como lugar de memória religiosa.

Localizada sobre um penhasco, fato que muito a valoriza, a Igreja da Penna é protegida da cacofonia da vida moderna, o que permite um isolamento fundamental à reflexão e à contemplação. O estado de plenitude que envolve os fiéis ao subirem a pé a ladeira íngreme e penosa, já é o início de um processo meditativo que vai se concretizar ao atingirem o topo e encontrar a pequena capela local de guarda da virgem. É como se eles atingissem um espaço sagrado, próximo ao ambiente celeste e de onde podem contemplar o mundo à distância, longe do burburinho e do cotidiano, concentrando-se para pagar suas promessas.

Os templos que resguardam recordações de fé, como a Igreja da Penna, não pertencem a ninguém, mas a todos ao mesmo tempo, um lugar de memória viva dos sentimentos humanos, que alimentam a alma, do amor às paixões; da vida à morte; do sonho à realidade. Estes objetos são evocativos de outros tempos mas também dos tempos atuais, porque se mantêm evidentes, misturando o passado com a história do presente e são capazes de abrir canais nas memórias que se cruzam e se distanciam ao longo dos anos.

Estas salas são um lugar de permanente mutação e substituição, embora fiel aos seus propósitos iniciais como os “corredores de milagres” da Igreja da Penna. Nos armários fechados que guardam os ex-votos de séculos passados, temos uma história aprisionada e documentada desses tempos, quase um espaço-museu. No entanto, os “corredores de milagres” são uma verdadeira memória em movimento. Por ali circulam todos os tipos de pertences, de indivíduos que naquele momento se apoderam do espaço com total pertencimento, onde as fronteiras são invisíveis mas, ao mesmo tempo, concretas. Além de nos fazer sentir e perceber um pouco do imaginário de cada devoto que por ali passou, deixando marcas de sua identidade, de sua crença e de sua fé, registram elementos marcantes de um povo envolvido com a religiosidade popular, os mistérios da fé e do sobrenatural.

A princípio pensa-se que os objetos expostos nas salas de milagre são mórbidos ou carregado de tristeza, doença ou melancolia, mas foi justamente o contrário o que

nos moveu ao exame deste tema. O pagamento de uma graça alcançada retrata a grande exultação, emoção e gratidão do votante que se considera privilegiado em ter sido atendido por uma divindade ou por seu santo predileto. Sua auto-estima eleva-se a um momento mágico de sua vida, onde se encerram os sofrimentos e inicia-se uma nova etapa. Vale lembrar que na palavra “milagre” há o anagrama de “alegria”. Afinal receber uma graça é motivo de júbilo.

Apesar de vistos com desprezo e desdém pelo clero, os ex-votos são populares e são por isso tolerados pela Igreja, que reserva locais em seu templo para que os fiéis depositem as suas peças votivas. Esta prática religiosa é compartilhada por todas as camadas sociais, se destinam a várias necessidades do ser humano, o que explica a diversidade das ofertas votivas encontradas na Igreja da Penna.

Não há dúvida que o ex-voto tem sua funcionalidade mística e religiosa voltada para o período ou momento que o devoto recorre ao sobrenatural para receber a cura ou o pleito em questão. Sua temporalidade é ameaçada pelo envelhecimento e os componentes mágicos, sincréticos, energéticos se gastam e restam os objetos, mas a marca da fé e a veracidade neles contida se preserva e se perpetua.

Conforme observado na pesquisa, os ex-votos se caracterizam pela diversidade das formas artísticas e de expressão religiosa. Pelos caminhos devocionais, a prática das promessas tem a capacidade de mobilizar e reunir um grande número de fiéis que freqüentam as peregrinações ou romarias, salas de milagres, santuários e podem se desdobrar em inúmeras manifestações como cultos, festas, e ações votivas. Observamos na pesquisa que a prática dos ex-votos expressa valores sociais, artísticos, econômicos que elucidam os comportamentos coletivos e as estruturas mentais e são bens referenciais para as identidades e para a garantia das condições de vida, necessárias ao ser humano. Esta prática, carregada de significados, ilustra os contextos históricos e sociais e são também testemunhos da convivência entre o humano e o sagrado. É perfeitamente compreensível a adesão popular a esta manifestação de exaltação mística e é eminente o caráter protetor da religiosidade popular. Ela visa a solução prática dos problemas do cotidiano e oferece uma segurança adicional frente ao esforço material.

A religiosidade popular continua em alta nos tempos de hoje, e não se sabe exatamente a que atribuir este fenômeno, se às dificuldades da vida que leva a população a apelar para o sobrenatural, como nos séculos passados, ou se ao fato do clero estar mais tolerante a culturas religiosas autônomas, ou mesmo os dois fatores. O fato é que a prática continua sendo mantida, e a oferta de ex-votos permanece em várias

igrejas e santuários do país. Este fenômeno é demonstrado com clareza na pequena Igreja de Nossa Senhora da Penna, local onde é cultivado e preservado este procedimento devocional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS:

Documentos:

COMPROMISSO, 1994. Documento oficial da venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penna. Rio de Janeiro, 1994.

DOCUMENTO elaborado pelo Cardeal Dom Eugênio de Araujo Salles, Arcebispo do Rio de Janeiro, sobre os procedimentos do sacramento do batismo na Igreja de Nossa Senhora da Penna.

FOLHETO da Festa da natividade de Nossa senhora da Penna, 1661-2008. 8 de setembro de 2008.

FOLHETO história de Nossa Senhora da Penna, protetora das artes e ciências. Ladeira Nossa Senhora. da Penna, Freguesia, Jacarepaguá. Dezembro de 1968.

FOLHETO sobre o Vicariato de Jacarepaguá. 2005.

FOLHETO sobre a festa de Nossa Senhora da Penna em Porto Seguro, setembro de 2008.

FOLHETO DA HISTÓRIA de Nossa Senhora da Penna, protetora das artes e ciências. Ladeira N. Sra. Da Penna, Freguesia, Jacarepaguá..Dezembro de 1968.

NEVES, Guilherme Pereira das. “Os ex-votos pintados: uma prática votiva popular?” *VIII Encontro Regional da ANPUH-RJ*, Vassouras, RJ, 2002.(Xerox)

OLIVEIRA, José Cláudio. *Ex-votos: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil*. Salvador: UFBA, 2007. Trabalho apresentado no NP-Intercom - Folkcomunicação, no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, em setembro de 2007, no INTERCOM 2007 - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Santos, São Paulo.2.(Xerox)

ROHAN, Amadeu Beaurepaire . *Monografia da Irmandade de Nossa Senhora da Penna*. 1946.Inédito. (Xerox)

SILVA, Maria Augusta Machado da. “Um poema devocional ou um ex-voto?” Comunicado feito no dia 10 de junho de 1997, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, representando o Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica nas comemorações dos 400 anos da morte de José de Anchieta. (datilografado)

Entrevistas:

BRITO, Lucas Alves de (Corregedor geral da Justiça e Desembargador , Provedor da Irmandade de Nossa Senhora da Penna). Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Irmandade de Nossa Senhora da Penna, 8 de setembro de 2008.

CEZARO, Jorge (membro da irmandade de Nossa Senhora da Penna) Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Igreja de Nossa Senhora da Penna, 7 de novembro de 2008.

FONSECA, Cátia. Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Irmandade de Nossa Senhora da Penna, 1 de junho de 2008.

MARTINS, Henrique Ney Soares, Pe.(Padre Henrique) Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Penna, 13 de junho de 2008.

MELLO, Ulisses - (retaurador da igreja de Nossa Senhora da Penna) Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Penna, 10 de novembro de 2008.

SILVA, Maria Augusta Machado da. Entrevista concedida a Graça Coutinho. Rio de Janeiro: abril de 2007.

LIVROS E ARTIGOS

ABREU, Jean Luis Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do séc. XVIII. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.25, n.49, jan./jun.2005.

ABREU, Martha. *O império do divino; festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999. 406 p. (Col. História do Brasil)

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. 316p.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 235 p.

ALENCASTRO, L. Felipe de. *O trato dos viventes; formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 525 p.

ALVES, Isidoro. *Carnaval devoto*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1980. 110 p.

ARARIPE, Flamínio. Pesquisa com ex-votos mostra apelos à saúde. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1992.p.8.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz, Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1989. 222 p.

AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono. Um projeto conservador*. São Paulo: Paulinas, 1992. 192 p.

BARATA, Mário. Ex-votos escultóricos e sua presença na arte popular brasileira. In: CRAVO NETO, Mario. *Ex-voto*. São Paulo, 1986. 142 p.

BETA, Janaína Laport. *Ex-votos, estesia e sacralidade – a urdidura do binômio vida morte no tecido poético de Farnese de Andrade e Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: EBA, 2006. 98 p.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. 484 p

BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMARGO, Maria Vidal de Negreiros. A sala de milagres na igreja do Bomfim. Museu de arte popular ou visualização de comportamento? In: *Boletim NEHAP-EBA-Salvador: UFBA*, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo, USP, 2000. 385 p.

CASTRO, Márcia de Moura. O ex-votos em Minas Gerais e suas origens. *CULTURA. Revista trimestral*. Brasília, v.8 n.31, jan./mar.1979.

CHARTIER, Roger. “Cutura popular”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8 , n.16, 1995.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação. In: Bosi, Eclé. *Memória e Sociedade - lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. Das letras, 1994. 484 p

COMBLIN, José. Temas Doutriniais com vista à Conferência de Puebla. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 38, fasc. 150, jun. 1978.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007. OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. *Ex-votos escritos: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil*. São Paulo: INTERCOM, set. 2007.

COUTINHO, Afrânio. *O processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983. 227 p.

_____ e SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*.2.ed. São Paulo: Global Ed., Rio de janeiro: Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de letras, 2001. 2v.

CRAVO NETO, Mario. *Ex-voto*. São Paulo: Áries, 1986. Prefácio de P.M.Bardi. Introdução de Gilberto Freyre e artigo de Mário Barata.142 p.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem histórica, artística e pitoresca ao Brasil*. Paris: Firmin Didot, 1834-39. 3 Tomos.

ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa. Nacional/ Casa da Moeda, 2000.

EWBANK, Thomas. *Vida no Brasil; diário de uma visita à terra do cacauero e da palmeira*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1976.

FERNANDES, Rubem César. “Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente” *BIB* v.18, 1984.

FRAGOSO, João. A nobreza da República: notas sobre a formação da primeira elite senhorial do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII) *Topo*, n.1, p. 123-152.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: ALLCA XX, 2002. (Col. Archivos) 1261 p.

FROTA, Lélia Coelho ET alii. Promessa e milagre no santuário de Bom Jesus do Matosinhos. Brasília, Fundação Pr'-memória, 1981.151p.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei; uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 302 p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.p.21-29.

GUTILLA, Rodolfo. *Casa do santo e o santo da casa*. São Paulo:Ed. Landi, 2006.222 p.

HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Coord. Geral. Fernando A. Novais; org. Laura de Mello e Souza. São Paulo: Comp. das Letras, 1997. (Col. Historia da vida privada no Brasil, 1) 523 p.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997. 271p.

LACOMBE, L.L. Ordens religiosas, irmandades e confrarias, *RIHGB* n..288, p.79, jul/set,1970.

LIPPI, Lucia. *Cultura e patrimônio, um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008. 191 p.

LORÊDO, Wanda Martins. Iconografia religiosa. Dicionário prático de identificação. Rio de Janeiro: Pluri Ed., 2002. 397 p.

MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Ed. Pinakothek, 1998. 381 p.

MATTA, Roberto da. *O que é Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004. (Coleção cidadania) 74 p.

MATTA, Roberto da. O homem no topo. *O Globo*, 21 de janeiro de 2009. Caderno. Opinião.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro, Cosacnaify, 2003. 548 p.

MEGALE, Nilza Botelho. *Santos do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 198 p.
_____. *O livro de ouro dos santos*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 2003. 245 p.

MENESES, Renata de Castro. *Devoção, diversão e poder: um estudo sobre a Festa da Penha*. Dissertação de mestrado do PPGAS, UFRJ/Museu Nacional, 1996. 145 p.

----- . *A dinâmica do sagrado, rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Relume Dumará, 2004. 256 p.

NEVES, Guilherme Pereira das. As hierarquias sociais e os ex-votos pintados. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, v.22, 2002.

_____. Milagres do cotidiano. *Revista de história da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 41, fev. 2009.

_____. O reverso do milagre: ex-votos pintados e religiosidade em Angra dos Reis (RJ). *Tempo . Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, v. 7, n.14, 2003.

NEVES, Margarida de Souza. Ciência e preconceito. *História, Ciência e Saúde*. Rio de Janeiro: PUC/Depto História, 2005.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Pós-graduação em História e Departamento de História*. São Paulo: PUC-SP, dez. 1993.

OBERACKER, Carlos. *A Imperatriz Leopoldina - Sua Vida e Sua Época*. Rio de Janeiro: Conselho Federal, 1973. 45p.

OLIVEIRA, Anderson de. “Os bispos e os leigos: reforma católica no Rio de Janeiro Imperial” in: *Revista de História Regional*, v. 6, n.1, 2001.

OLIVEIRA, José Cláudio. *Ex-votos: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil*. Salvador: UFBA, 2007. Trabalho apresentado no NP-Intercom - Folkcomunicação, no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, em setembro de 2007, no INTERCOM 2007 - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Santos, São Paulo.2.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. “Semiologia dos ex-votos na Bahia; arte simbolismo e comunicação religiosa”. *Revista Internacional de Folkcomunicação*. Brasília: Instituto de Educação superior de Brasília/ Museu da Imprensa de Portugal e Cátedra da UNESCO, n.7, 2006.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. “Semiologia e Simbolismo no Patrimônio Cultural”. *Revista Internacional de Folkcomunicação*. Brasília: Instituto de Educação superior de Brasília/ Museu da Imprensa de Portugal e Cátedra da UNESCO, n.7, 2006.

PESSOA, José & MATTOS, Maria Emilia, org. *Milagres: Os ex-votos de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.p 159.

POMIAN, K. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa. Nacional/ Casa da Moeda, 1986. vol. 1.

SAIA, Luís. *Escultura popular brasileira*. São Paulo: Edições Gaveta, 1944.

SANCHIS, Pierre, O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. *Revista de antropologia*. São Paulo, USP, v.37: 147-181, 1994.

SANTOS, Georgina Silva dos. *Ofício e Sangue: a Irmandade de São Jorge e a Inquisição na Lisboa Moderna*. Lisboa: Ed. Colibri, 2005. 167 p.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz . *O Corpo de Deus na América. A festa de Corpus Christi nas cidades da América Portuguesa – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2005.134p.

SCARANO, Julita. *Fé e milagre : ex-votos pintados em madeira séculos XVIII e XIX*. São Paulo, EDUSP: 2004. 124 p.

SILVA, Maria Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. 116 p.

_____. “Ex-votos brasileiros”. *CULTURA*. Revista trimestral. Brasília, 1 (2): 22-84, abr./jun., 1971.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.302 p.

TEIXEIRA, Faustino. O Catolicismo no Brasil: breves reflexões. *Revista USP*, n.67: 14-23, set/nov.2005.

TELLES, Augusto C. da Silva. *Guia dos bens tombados - Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Memória do Brasil: um estudo da epigrafia erudita e popular*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976. 122 p.

_____. Primitivos, genuínos e arcaicos. In: *MOSTRA do Redescobrimento: arte popular*. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais: Fundação Bienal de São Paulo, 2000. [1ª. ed. 1966]

_____. *Riscadores de milagres*. Salvador: Secretaria de educação e Cultura da Bahia, 1967. 141p.

VIANNA, Hélio. *Baixada de Jacarepaguá: sertão e "Zona Sul"*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte: Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1992.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 326 p.

SITES:

CATOLICISMO. Disponível em: http://www.fontedosaber.com/historia/catolicismo_2.html. Acesso em : 23 de outubro de 2008.

CATOLICISMO POPULAR. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/religiao/catolicismo.htm>. Acesso em: 12 dezembro de 2008.

CHARTIER, Roger. Entrevista concedida a Isabel Lustosa em 23/11/2004. Reproduzido da revista eletrônica *Trópico* (<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/index.shl>)

CIÊNCIA E PRECONCEITO. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/iconografia/exvotos.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2008.

CONCÍLIO DE TRENTO. Disponível em : <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjhistdaigrejatrento.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2008

CONCÍLIO DE TRENTO. Disponível em: <http://www3.rcp.net.pe/IAL/vm/bec/etexts/trento/concil49.htm> .Acesso em : 29 de setembro de 2008.

CONGREGAÇÃO MARIANA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em: 13 de julho de 2008.

CORDEIRO, Antonio Clerton. O catolicismo popular no Brasil. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/religiao/catolicismo.htm>. Acesso em: 8 de janeiro de 2009.

CUSQUENHO. Disponível em: <http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh..htm>. Acesso em julho de 2008

DIZIONARIO ETIMOLOGICO ONLINE. Disponível em: . <http://www.etimo.it>

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA.

<http://houaiss.uol.com.br/busca>. Disponível em: acessado em 30 de agosto de 2005.

ERMIDA-Nossa-Sra.-da-Graça. Disponível em: <http://www.casadorre.org.br/origens.html>. Acesso em 16 de setembro de 2007.

FREI AGOSTINHO DE SANTA MARIA. Disponível em: <http://www.cm-estremoz.pt/pt/conteudos>. Acesso em 13 de abril de 2008.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, Recife - Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/> [ttp://www.fundaj.gov.br/notitia/](http://www.fundaj.gov.br/notitia/) Acesso em: 6 de outubro 2007

HISTÓRIA DE JACAREPAGUÁ. Disponível em: <http://www.acija.org.br/cap03.html>. Acesso em: 19 de maio de 2008

IGREJA_DA_CANDELARIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em: 14 de setembro de 2007.

IGREJA DA PENHA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Penha. Acesso em 14 nov.2008.

IGREJA NOSSA SENHORA DA PENA Disponível em: www.wsc.jor.br/fotos/Galeria5/index.htm. Acesso em 8 de julho de 2008.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENA – LEIRIA. Disponível em: <http://www.visitportugal.com/NR/> . Acesso em 29 de setembro de 2008.

INVOCAÇÃO. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_nomes_de_Nossa_Senhora. Acesso em: 3 de dezembro de 2008.

LUSTOSA, Isabel. Conversa com Roger Chartier. Reproduzido da revista eletrônica *Trópico*, 23/11/2004 (<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/index.shl>)

HISTÓRIA DE JACAREPAGUÁ. Disponível em: <http://www.acija.org.br/cap03.html>. História de Jacarepaguá. Acesso em 1 de maio de 2008.

HISTÓRIA LUSO-BRASILEIRA. Ementas de documentos do Arquivo Nacional, séculos XVI e o ano de 1821 Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br>. Acesso em 18 de outubro de 2008.

MITO DE NHÔ JOÃO. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/.htm>. Acesso em: 23 de outubro de 2008

MORRO DA PEDRA DO GALO. Disponível em: www.wsc.jor.br/fotos/Galeria5/index.htm. Acesso em 8 de julho de 2008.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Disponível em: <http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh..htm>. Acesso em julho de 2008

NOSSASENHORA.Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_nomes_de_Nossa_Senhora. Acesso em: 3
de dezembro de 2008.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Semiologia e Simbolismo no Patrimônio Cultural..
Disponível em: www.cult.ufba.br/arquivos/programacao_mesas_tematicas_II Bahia
enecult.doc. Acesso em: 6 de outubro 2007

SALAS de milagre. Disponível em: <http://tocadasanta2.blogspot.com/feeds/posts>.
Acesso em: 21 de outubro de 2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)